



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023, 2024 E 2025
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, terça-feira, 30 de junho de 2026

4ª temporada - 2026

5ª edição

Região Metropolitana
Vale do Sinos
Litoral Norte



sindienergia-rs



TÂNIA MEINERZ/JC

Construção civil avança na área Metropolitana e no Litoral Norte do RS

Regiões com crescimento demográfico ou concentração de população atraem investimentos; indústria da inovação e polo de saúde complementam economia, que se destaca pelo setor de serviços

PANORAMA

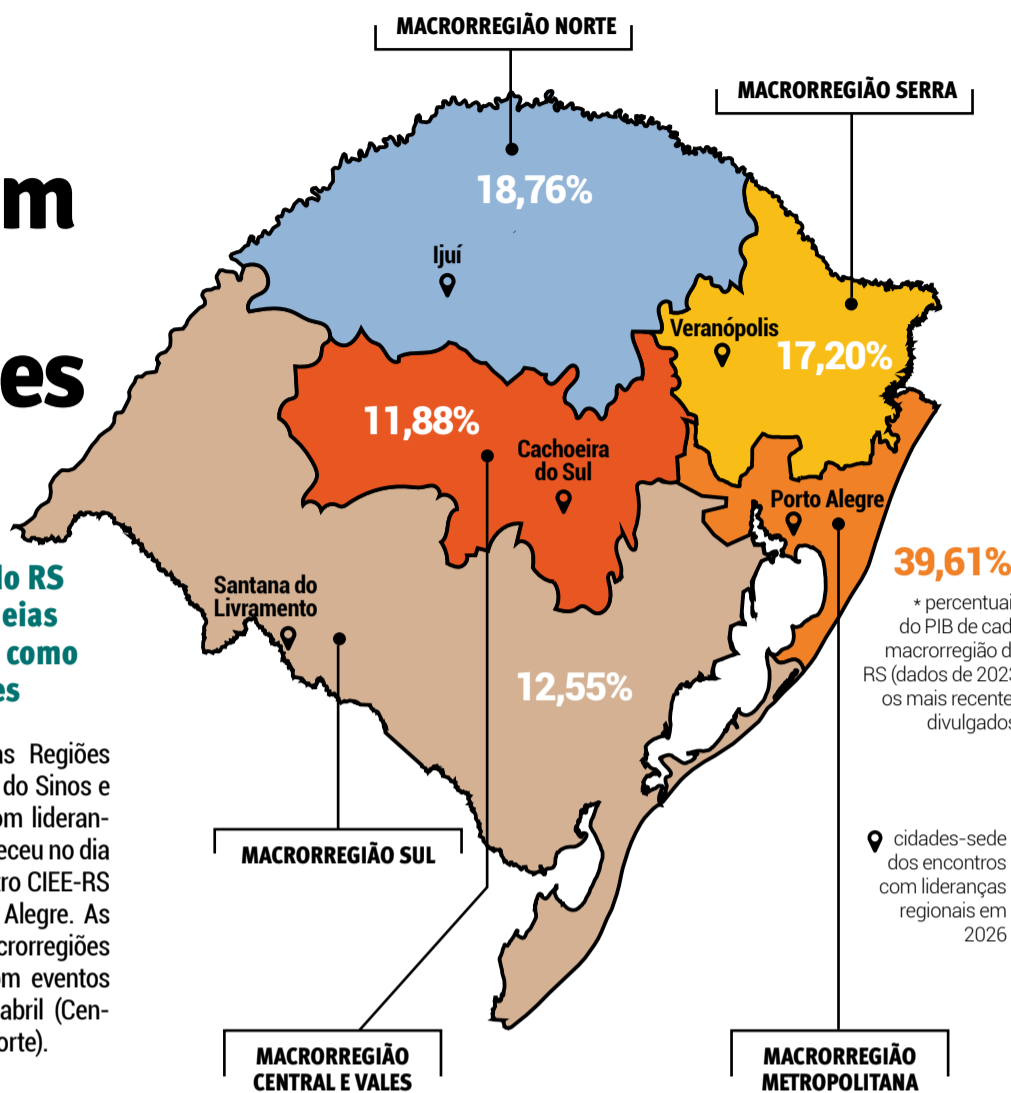
Dados mostram participação de cinco regiões no PIB do RS

Quarta temporada do Mapa Econômico do RS faz um levantamento atualizado das cadeias produtivas e traz análise de indicadores como PIB, população, desafios e oportunidades

Pelo quarto ano consecutivo, o Jornal do Comércio promove o mapeamento da economia do Rio Grande do Sul, com a divisão do Estado em cinco macrorregiões, de acordo com a proximidade geográfica e as afinidades produtivas e econômicas.

Esta é a quinta edição de

2026 e abrange as Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral. O evento com lideranças regionais aconteceu no dia 18 de junho no Teatro CIEE-RS Banrisul, em Porto Alegre. As outras quatro macrorregiões foram visitadas, com eventos em março (Serra), abril (Central) e maio (Sul e Norte).

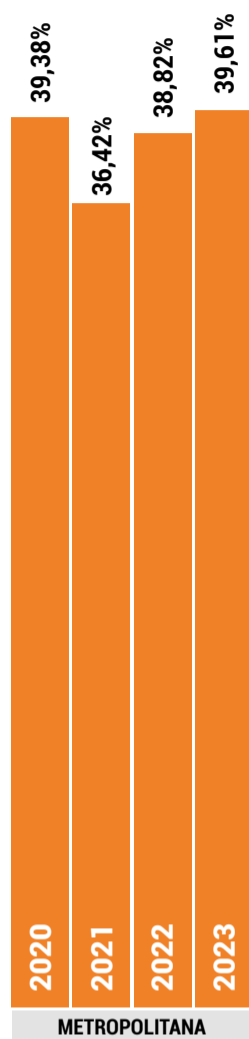


As cinco regiões

- Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
Evento em Veranópolis realizado em 31 de março
- Regiões Central, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
Evento em Cachoeira do Sul realizado em 15 de abril
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Santana do Livramento realizado em 12 de maio
- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
Evento em Ijuí realizado em 28 de maio
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
Evento em Porto Alegre realizado no dia 18 de junho

Ranking do PIB gaúcho por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

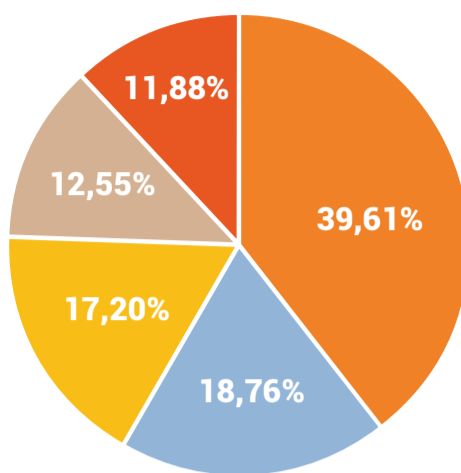
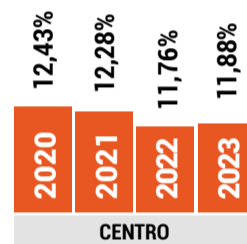
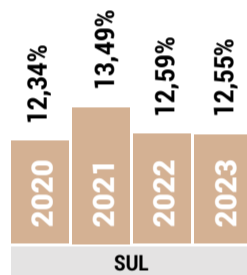
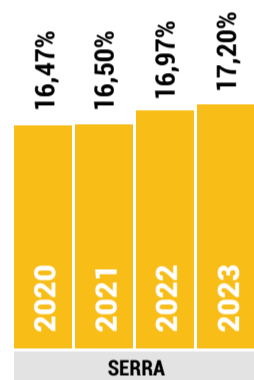
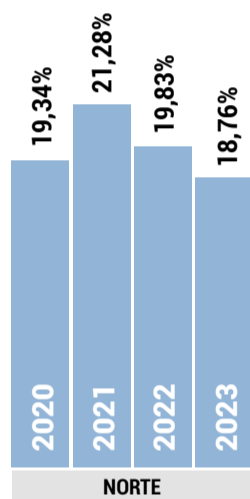
Corede	PIB 2020 (em R\$)	PIB 2021 (em R\$)	PIB 2022 (em R\$)	PIB 2023 (em R\$)	Participação aproximada no PIB estadual (2023)	Macrorregião no Mapa Econômico
1º Metropolitano	116.084.255.683	131.450.070.517	139.649.850.891	159.716.583.755	24,56%	Metropolitana
2º Vale do Sinos	59.233.708.601	68.494.654.247	78.447.484.346	83.685.973.357	12,87%	Metropolitana
3º Serra	52.294.019.824	63.598.107.573	67.099.545.602	75.126.103.976	11,55%	Serra
4º Sul	27.645.628.740	36.720.444.225	36.566.125.819	39.580.398.893	6,08%	Sul
5º Vale do Rio Pardo	19.988.093.490	21.645.354.271	23.240.791.805	27.090.911.148	4,16%	Central
6º Produção	18.621.516.955	24.354.041.158	25.534.894.264	26.067.530.854	4,00%	Norte
7º Vale do Taquari	16.258.628.398	19.115.555.723	20.213.087.889	22.182.158.036	3,41%	Central
8º Fronteira Oeste	15.487.155.820	21.231.942.476	18.383.493.489	21.078.366.494	3,24%	Sul
9º Central	14.647.908.978	18.757.007.907	16.716.192.128	17.694.567.308	2,72%	Central
10º Norte	11.214.782.463	13.897.181.840	14.486.561.034	15.461.317.845	2,37%	Norte
11º Litoral	10.184.847.099	11.811.339.332	12.392.535.319	14.123.368.283	2,17%	Metropolitana
12º Noroeste Colonial	8.917.363.720	12.844.006.894	12.049.898.280	12.852.746.506	1,97%	Norte
13º Alto Jacuí	9.449.984.415	14.526.251.622	12.765.095.715	12.823.036.321	1,97%	Norte
14º Fronteira Noroeste	9.484.853.659	12.137.831.514	12.968.969.040	12.082.541.194	1,85%	Norte
15º Vale do Caí	8.395.630.081	11.052.395.600	11.795.882.841	11.557.988.560	1,77%	Serra
16º Missões	9.453.068.127	13.232.531.615	10.703.473.962	11.271.334.414	1,73%	Norte
17º Campanha	7.786.239.621	11.096.358.234	10.277.145.927	10.559.172.107	1,62%	Sul
18º Centro-Sul	7.240.751.703	9.398.634.217	9.541.477.838	10.354.174.492	1,59%	Sul
19º Paranhana-Encosta da Serra	6.795.365.918	7.673.898.249	8.407.427.202	9.660.885.948	1,48%	Serra
20º Hortênsias	5.388.082.468	6.975.537.074	7.718.476.256	8.601.842.409	1,32%	Serra
21º Nordeste	5.740.140.861	8.128.972.215	7.440.542.232	7.948.350.560	1,22%	Norte
22º Médio Alto Uruguai	5.224.562.627	6.170.642.049	6.048.165.610	6.947.052.635	1,06%	Norte
23º Campos de Cima da Serra	4.707.328.161	6.640.685.035	5.766.282.483	6.893.800.534	1,06%	Serra
14º Rio da Várzea	5.166.138.902	7.188.396.174	6.402.453.839	6.327.565.195	0,97%	Norte
25º Celeiro	4.879.577.485	6.403.388.242	5.398.615.661	5.942.416.958	0,91%	Norte
26º Jacuí Centro	4.064.963.490	6.174.083.601	5.429.257.375	5.757.412.908	0,88%	Central
27º Vale do Jaguari	3.589.507.430	5.692.618.848	4.232.584.334	4.482.313.135	0,68%	Central
28º Alto da Serra do Botucaraí	2.997.741.322	4.871.746.860	3.957.345.034	4.237.108.591	0,65%	Norte



Participação de regiões no PIB do RS (em %)

Dado mais recente que permite fazer recorte regionalizado é de 2023 e foi divulgado pelo IBGE no ano passado; entre 2020 e 2023, as macrorregiões mantiveram a mesma posição, à exceção de 2020, quando Sul e Centro inverteram posições.

FONTE DADOS DO PIB DOS MUNICÍPIOS: IBGE



Divisão do PIB gaúcho por regiões (dado de 2023)

- 1ª Metropolitana
- 2ª Norte
- 3ª Serra
- 4ª Sul
- 5ª Centro

Ranking mostra consolidação do PIB gaúcho nos anos 2020

Ao longo dos anos 2020, o clima ditou a composição do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul. Em 2021, o único ano verdadeiramente positivo ao agronegócio, sem estiagens ou chuvas excessivas, a Macrorregião Norte ganhou uma fatia maior de participação na economia do Estado, enquanto a Macrorregião Metropolitana, que ocupa o maior percentual historicamente, reduziu seu peso.

Os dados mais recentes divulgados pelo Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), com base nos indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram poucas alterações entre 2020 e 2023 – o último ano para o qual foi divulgado o PIB dos municípios, que permite o cálculo regionalizado da economia.

Em geral, a Macrorregião Metropolitana lidera, sempre com indicadores acima dos 36%. Na sequência está o Norte, embora com pouca diferença percentual em relação à Serra. Os piores indicadores estão nas áreas menos industrializadas do RS e com poucos polos de serviços de maior valor agregado: Centro e Sul, que variam de 11% a 13% ao longo dos anos.

Nunca antes o RS devolveu imposto para as famílias gaúchas.

Agora devolve. O RS foi o primeiro Estado do Brasil a devolver parte do imposto para pessoas de baixa renda. O dinheiro que retorna pelo Cartão Cidadão pode ser usado de novo no comércio. É mais dinheiro para quem mais precisa.

- Mais de R\$ 1 bilhão já foi devolvido
- Mais de 1 milhão de famílias beneficiadas



Para mais informações, escaneie o QR Code ou acesse: devolveicms.rs.gov.br



GOV trabalhando RS diferente



CARTA DO EDITOR

Um mapa de oportunidades para o Rio Grande do Sul se desenvolver



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O Rio Grande do Sul enfrenta pelo menos três grandes desafios para avançar economicamente: infraestrutura, mão de obra e clima.

A precariedade de algumas estradas e a falta de duplicação de vias estruturais prejudicam todas as regiões do Estado, assim como a carência de outros modais, caso do ferroviário. A falta de trabalhadores para preencher vagas abertas em empresas é queixa recorrente em diferentes partes do solo gaúcho. E os efeitos de eventos climáticos afetam a vida de todos, além de ter grande impacto econômico – quatro estiagens e uma grande enchente em seis anos fizeram o RS perder espaço no Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

São temas estruturais que estão na agenda do RS, como mostraram os 20 encontros regionais realizados desde 2023 pelo Jornal do Comércio, nas quatro temporadas do projeto Mapa Econômico do RS.

Foram visitadas 17 cidades gaúchas e ouvidas mais de 2 mil lideranças, entre dirigentes de entidades de classe, de associações comerciais e industriais, empresários, executivos, gestores públicos, acadêmicos e profissionais liberais.

O enfrentamento a essas entraves, dependendo da maneira como forem encarados, pode trazer novas oportunidades de desenvolvimento econômico. É o caso da instabilidade no volume de chuvas,

que atinge em cheio as lavouras gaúchas. A irrigação é uma solução para minimizar impactos em temporadas de baixos índices pluviométricos, dando certa estabilidade à produção agrícola, o que por consequência evitaria ciclos de "eletrocardiograma" no PIB gaúcho, que oscila conforme o clima – quando é bom para o agro, sobe; quando é ruim, desce.

Há muito espaço para avançar. O percentual de áreas que utilizam irrigação é pequeno, mas onde a ferramenta é utilizada no RS, os efeitos benéficos são perceptíveis.

O investimento em recuperação e duplicação de rodovias, além de baratear custos logísticos – tema fundamental para a competitividade do Estado que está no extremo sul do Brasil – também estimula novos negócios. Um exemplo é a estrada federal BR-386, concedida ao setor privado e duplicada parcialmente. Nos trechos onde as obras já avançaram, emergem a instalação de novos centros logísticos e plantas industriais. A rodovia estadual ERS-118 é outro exemplo desse ciclo virtuoso criado a partir da duplicação.

Finalmente, a falta de trabalhadores para vagas formais disponíveis é um problema agravado, no Rio Grande do Sul, pelo envelhecimento da população, que começará a cair a partir de 2027. É preciso reter talentos e atrair habitantes. Dado levantado pela reportagem do JC mostra

que ao fim de 2025 eram mais de 53 mil trabalhadores estrangeiros no mercado formal, revelando uma das alternativas: a atração de imigrantes.

São exemplos de desafios que precisam ser encarados para que o Estado avance. Mas o projeto Mapa Econômico do RS vai além e mapeia potencialidades de desenvolvimento nas diferentes regiões. Entre novos projetos e desdobramentos de cadeias produtivas consolidadas, foram identificadas 100 oportunidades.

E várias delas já saíram do papel, como a produção de biocombustíveis no Norte do RS, a expansão do enoturismo na Serra, o crescimento da indústria de alimentos e bebidas na Região Central, a retomada do polo naval na Região Sul e a cadeia da inovação na área Metropolitana.

O interessante é que todas as regiões apresentam projetos importantes para o desenvolvimento, confirmando a diversidade econômica do Estado, um dos ativos do RS.

Na Macrorregião Metropolitana, tema desta edição, o ecossistema de inovação tem sido fomentado há décadas em parques tecnológicos vinculados a universidades, grandes empresas, startups e poder público. Os resultados, que vinham sendo observados tanto em formação de talentos quanto na atração de empresas, ganharam impulso com novos investimentos, como a instalação

de uma fábrica de semicondutores em Cachoeirinha. Verifica-se ainda a multiplicação de projetos de desenvolvimento em Inteligência Artificial, como o laboratório da Dell no Instituto Caldeira, em Porto Alegre.

A inovação é mais um vetor importante da economia da área mais populosa e com maior PIB do RS, que já se diferenciava pelo setor de serviços, com destaque para o polo de saúde, o principal do Sul do Brasil. Outro setor importante é a construção civil, que cresce com novos estímulos especialmente em Porto Alegre e no Litoral Norte, os dois maiores mercados gaúchos.

Não menos importante é a produção fabril de municípios no entorno da capital gaúcha, com o Polo Petroquímico de Triunfo, a montadora da General Motors em Gravataí, a fábrica de celulose da CMPC em Guaíba e a diversidade industrial de municípios do Vale do Sinos.

As oportunidades e os desafios apontados pelo Mapa Econômico do RS são indicadores que ajudam a analisar como está o desenvolvimento das regiões, bem como apontar tendências. São informações em camadas, com dados sobre o Estado, as cinco macrorregiões, os 28 Corede (Conselhos Regionais de Desenvolvimento, subdivisão do RS em microrregiões) e os 497 municípios gaúchos. Esta é a quinta edição de 2026 e fecha o retrato do RS.

O resultado é um panorama das diferentes cadeias produtivas, mostrando janelas de oportunidades para estimular o desenvolvimento e caminhos para o RS superar desafios. Boa leitura!

Esta é a quarta temporada do Mapa Econômico do RS; no detalhe, capas do capítulo da Macrorregião Metropolitana nas edições anteriores



ÍNDICE

Dados do PIB em 5 regiões do RS
p. 2 e 3

RS volta a perder participação no PIB nacional
p. 6

Macrorregião Metropolitana tem segundo maior PIB per capita
p. 8, 10 e 12

O mercado de trabalho na Macrorregião
p. 14 e 16

Imigrantes no mercado de trabalho formal
p. 17

RS perderá população a partir de 2027
p. 18 e 19

A indústria da construção civil
p. 20 e 22

Mapa aponta oportunidades para a região
p. 24 e 25

A construção civil e a população
p. 26

Portos e aeroportos
p. 27 a 29

A região da inovação
p. 30 e 32

Condomínios logísticos na área metropolitana
p. 33 e 34

As indústrias e a transição energética
p. 35 a 37

Agricultura na macrorregião
p. 38 a 40

Indústria de alimentos e coureiro-calçadista
p. 42 e 43

Podcast Mapa Econômico do RS
p. 43

Quem esteve no painel do Mapa Econômico do RS em Porto Alegre
p. 44 a 47

EXPEDIENTE

- **Editor-Chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br)
- **Editores-executivos:** Fernanda Crancio (fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br) e Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br)
- **Subeditora de Cadernos Especiais:** Bruna Suptitz (bruna.suptitz@jornaldocomercio.com.br)
- **Reportagem:** Ana Stobbe (ana.stobbe@jcrs.com.br), Eduardo Torres (eduardo.torres@jcrs.com.br), Gabrieli Silva (gabrieli.silva@jcrs.com.br) e Ana Esteves (economia@jornaldocomercio.com.br)
- **Diagramação e arte:** Luís Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Müller

PRONTO PARA MORAR

NOVA OLARIA
CIDADE BAIXA
MALL | STUDIOS | RESIDENCES



STUDIOS, 1, 2 E 3 DORMS. COM SUÍTE

LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA PRÓXIMO DA UFRGS,
SANTA CASA E REDENÇÃO.

BRINQUEDOTECA | COWORKING | ESPAÇO GOURMET
FITNESS | ROOFTOP COM PISCINA | SALÃO DE FESTAS

MALL REVITALIZADO E
NOVAS OPÇÕES GASTRONÔMICAS

RUA GEN. LIMA E SILVA, 776
CIDADE BAIXA | PORTO ALEGRE



CYRELA.COM.BR
51 3092.8652

 **CYRELA | GOLDSZTEIN**

 **DALLASANTA**

INCORPORAÇÃO REGISTRADA SOB O R.4 DA MATRÍCULA Nº 165.936 NO 2º REGISTRO DE IMÓVEIS DE PORTO ALEGRE/RS.
IMAGENS EXTRAÍDAS NO LOCAL. COMERCIALIZAÇÃO: CRECI SELLER 23030 JS.

CONJUNTURA

RS voltou a perder participação no PIB nacional

Com clima adverso para a safra, PIB cresceu apenas 0,9% ao longo de 2025, o que reduziu a contribuição na economia nacional de 6,02% para 5,9%

Ana Stobbe

O Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul tem um componente de grande peso: a agropecuária. Dependente do clima, ela faz com que a economia gaúcha oscile de acordo com as safras boas e as frustradas. Isso porque, quando a atividade primária vai mal, toda a cadeia do agronegócio — incluindo a atividade industrial — é impactada. E foi justamente por problemas climáticos que o Estado voltou a perder

participação no PIB do Brasil.

Nos anos 2020, o clima foi um ator importante no cenário econômico do RS. Afinal, sucessivas safras frustradas por estiagens derrubaram a relevância do Estado perante o País. Nos últimos seis anos, apenas 2021 pode ser visto como verdadeiramente positivo — justamente quando o PIB estadual cresceu 9,3% e a participação no PIB nacional subiu de 6,2% para 6,5%, o mesmo patamar de 2019. Entretanto, em seus piores momentos, nos anos de 2022 e 2023, o índice chegou aos 5,9%.

A economia ensaiou uma retomada em 2024, o ano da trágica enchente que abalou o Rio Grande do Sul. Sem uma forte estiagem como a dos anos anteriores, a perspectiva era boa para a safra. Entretanto, as fortes chuvas trouxeram perdas

de camadas superficiais do solo e das colheitas que ainda não haviam sido realizadas, incluindo parte das lavouras de soja e de milho. Mesmo assim, foi possível recuperar um pouco da participação perdida, subindo a contribuição estadual no PIB brasileiro para 6,2%.

“Como a maior parte da soja e do milho já tinha sido colhida, a enchente não gerou uma perda muito grande na agropecuária. A indústria foi afetada em um primeiro momento, com a perda dos bens de capital, mas se recuperou. A produção caiu em maio, voltou em junho e depois se estabilizou. E o comércio disparou, porque as pessoas precisavam repor seus eletrodomésticos, automóveis, etc. Material de construção, por exemplo, foi um setor que subiu bastante”, explica o economista do

Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

A isso, conforme o pesquisador, se somaram as políticas de transferência de renda para pessoas atingidas pelas cheias e recursos injetados em obras de recuperação da infraestrutura — pública e privada. “Isso tudo fez girar bastante a economia. E o PIB do Estado cresceu 4,9% em 2024, um aumento maior do que o do PIB do Brasil”, acrescenta.

Mas 2025 não foi generoso e a participação do Rio Grande do Sul no PIB nacional caiu para 5,9% novamente. “O ano começou bem, as safras de arroz, milho, fumo e uva, foram muito bem, cresceram bem. Só que veio uma estiagem um pouco tardia, que atingiu a soja, que teve uma quebra de 25%. Como é o

principal produto, isso acabou fazendo com que a agropecuária caísse no ano 6,8%, dada a representatividade que esse produto tem no setor. Ao final do ano, crescemos 0,9%, abaixo do Brasil, que cresceu 2,3%”, explica.

A indústria, por outro lado, teve um bom desempenho, mas não foi capaz, sozinha, de segurar a economia. Já o comércio desacelerou, em uma tendência natural após a disparada causada pela necessidade de reposição dos bens atingidos pelas enchentes. Ambos os setores tiveram indicadores semelhantes aos nacionais.

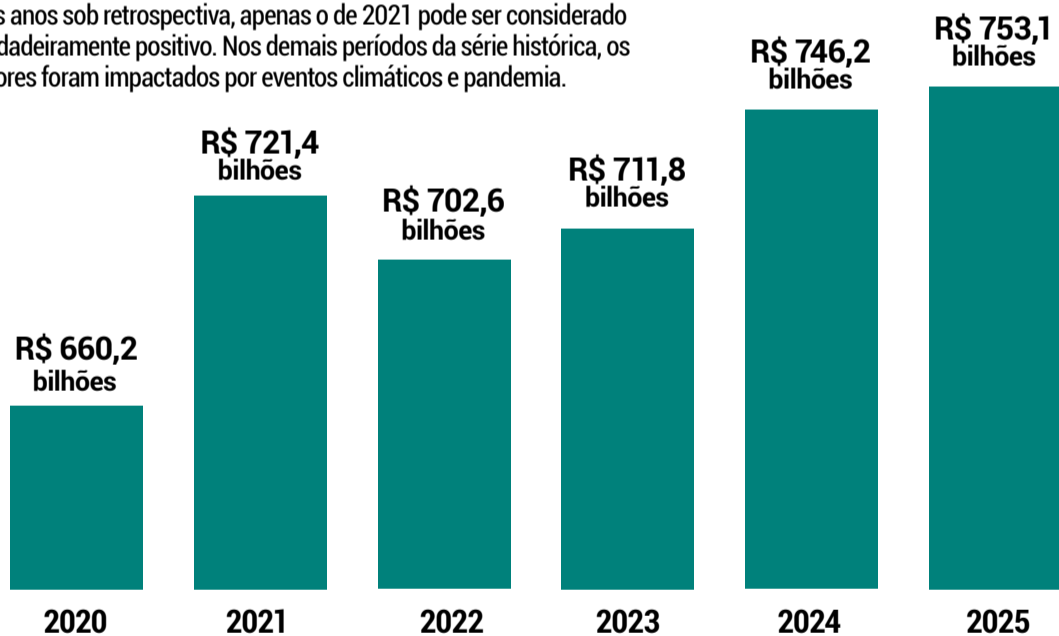
Um desafio que diferentes setores enfrentaram em 2025 foi a imposição de tarifas a produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos. Mas, no PIB, as consequências foram menores do que o esperado.

Evolução do PIB* nos anos 2020

FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE

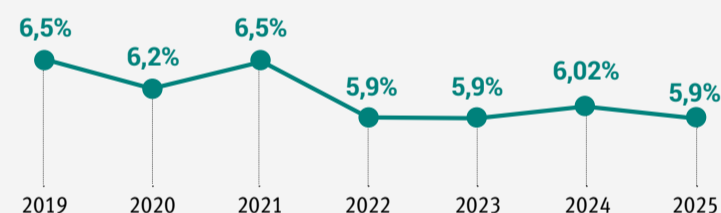
* PIB real (valor a preços constantes)

Entre 2020 e 2025, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos seis anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram impactados por eventos climáticos e pandemia.



Participação do Rio Grande do Sul no PIB do Brasil nos últimos anos

FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE



Os problemas climáticos enfrentados pelo Estado nos últimos anos puxaram para baixo a participação do Rio Grande do Sul no PIB nacional. Nos últimos seis anos, apenas 2021 não teve estiagem ou enchente, o que garantiu safra cheia e alta na atividade econômica, a ponto de o PIB gaúcho recuperar espaço na fatia nacional. Em 2024, a retomada pós-enchente ajudou na recuperação, mas o indicador voltou a recuar no ano seguinte, e fechou 2025 com o mesmo patamar dos anos de 2022 e 2023, abaixo de 6% de representação no PIB do Brasil.

A evolução do PIB do Rio Grande do Sul nos anos 2020 (em R\$)

Ano	Valor nominal (a preços correntes)	Valor a preços constantes de 2025 (PIB real)	Varição em relação ao ano anterior
2020	R\$ 470.941.846.049	R\$ 660.227.951.408	-7,2%
2021	R\$ 581.283.677.303	R\$ 721.490.948.672	9,3%
2022	R\$ 593.633.656.208	R\$ 702.644.155.038	-2,6%
2023	R\$ 650.107.022.418	R\$ 711.850.523.402	1,3%
2024	R\$ 715.569.669.894	R\$ 746.262.063.585	4,8%
2025	R\$ 753.193.545.501	R\$ 753.193.545.501	0,9%

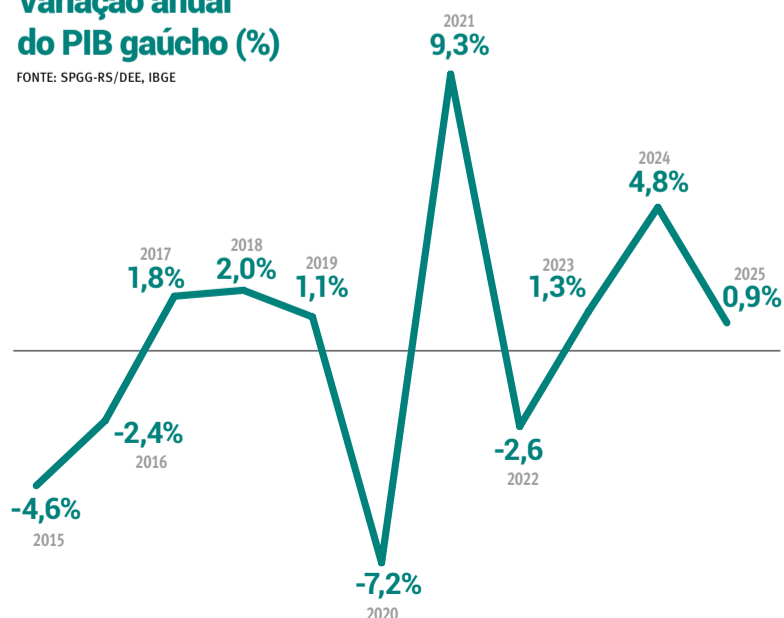
FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE

PIB nominal é o valor total de todos os bens e serviços finais produzidos durante um determinado período (geralmente um ano ou um trimestre), calculado a preços correntes, ou seja, aos preços vigentes no próprio período considerado, sem ajuste pela inflação. Ou seja, PIB nominal e PIB a preços correntes é a mesma coisa.

Valor do PIB a valores constantes (também chamado de PIB real) é o valor ajustado pela inflação. Ou seja, é o PIB calculado com base nos preços de um ano-base fixo, para que se possa medir o crescimento real da economia ao longo do tempo.

Varição anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE



CREA-RS

transformando o presente para
construir o futuro



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Rio Grande do Sul

NOSSA GESTÃO,
NOSSO PROPÓSITO

REPORTAGEM ESPECIAL

Macrorregião Metropolitana tem o segundo maior PIB per capita do Rio Grande do Sul

Coredes Metropolitanos, Vale do Sinos e Litoral Norte estão atrás apenas da Macrorregião Serra no ranking que tem o Produto Interno Bruto como indicador

Ana Stobbe

A Macrorregião Metropolitana é a que concentra as maiores fatias populacionais e econômicas do Rio Grande do Sul. Enquanto 37,3% dos gaúchos residem nesta área, conforme os dados do último censo do IBGE, de 2022, 39,61% do PIB de 2023 estava nessa faixa que engloba a Região Metropolitana de Porto Alegre, o Vale do Sinos e o Litoral Norte. Mesmo assim, no Produto Interno Bruto (PIB) per capita, ela não lidera.

"São regiões muito populosas. E as que têm o PIB per capita maior são áreas menos povoadas, que muitas vezes, têm uma alta concentração industrial numa região menor. E é uma parte do Estado que tem municípios muito ricos, como Porto Alegre, Canoas e Novo Hamburgo. Mas outros, como Alvorada e Viamão, têm uma condição bem inferior. Na média,

acaba ficando para trás", explica o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, Martinho Lazzari.

Vale destacar que dois dos três Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) que compõem essa porção do território gaúcho estão entre os 10 com os maiores valores de PIB per capita. A Região Metropolitana, onde está Porto Alegre, ocupa a sétima posição, enquanto o Vale do Sinos, de ampla industrialização, está em nono lugar.

Como em outras áreas do Estado, há discrepâncias entre cada Corede da Macrorregião. E, dentro destes territórios, diferenças entre municípios, até mesmo vizinhos.

Por um lado, a Região Metropolitana tem seu resultado inflacionado pelo PIB per capita de R\$ 275.341,31 de Triunfo, onde o Polo Petroquímico injeta recursos em um município com menos de 30 mil habitantes, conforme o mais recente Censo do IBGE.

Por outro, o Litoral Norte é o Corede com o pior PIB per capita de todo o Rio Grande do Sul, ou seja, ocupa a 28ª posição. E 18 dos 21 municípios têm um indicador inferior aos R\$ 50 mil.

Os Conselhos Regionais do Desenvolvimento (Coredes) Metropolitanos e Vale do Sinos estão entre os 10 com os maiores valores de Produto Interno Bruto (PIBs) per capita do Rio Grande do Sul, na sétima e na nona posições, respectivamente. O Polo Petroquímico de Triunfo faz com que a cidade tenha o melhor indicador da Macrorregião. Já o Litoral Norte é o último colocado entre os 28 Coredes gaúchos.

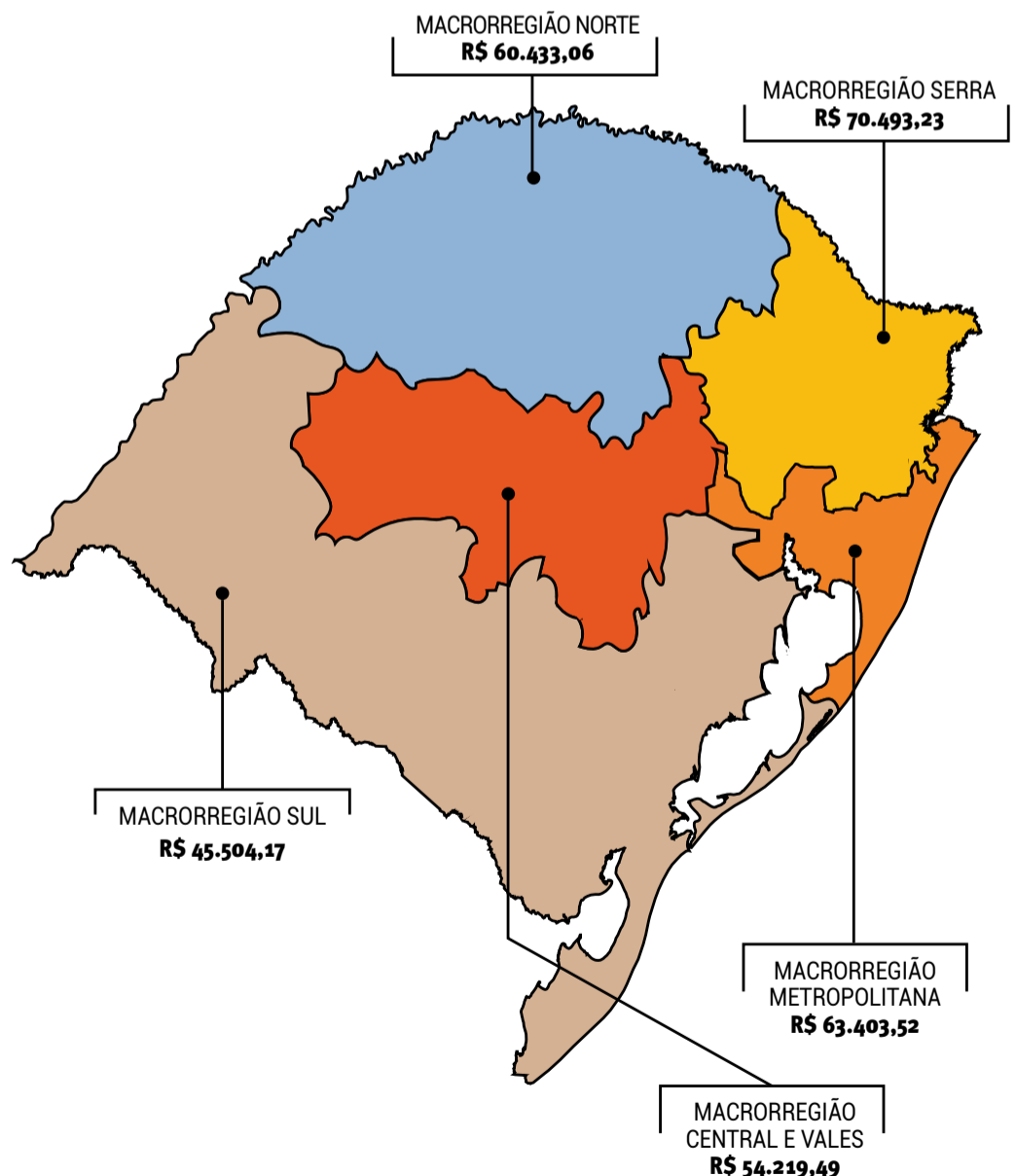


BRASKEM/ DIVULGAÇÃO/JC

PIB per capita por macrorregião

Valores de 2023, os mais recentes disponíveis

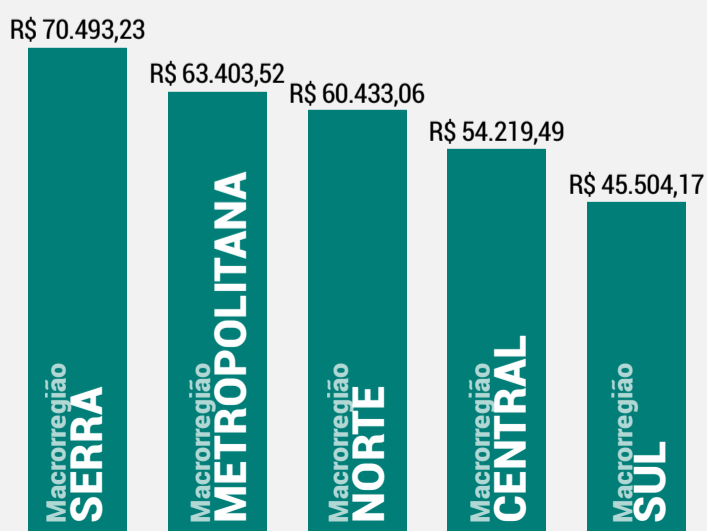
FONTE: SPGG-RS/DEE E IBGE



Ranking do Produto Interno Bruto per capita por macrorregião (dados de 2023)

FONTE: SPGG-RS/DEE E IBGE

A Macrorregião Metropolitana figura entre os maiores valores de PIB per capita do Rio Grande do Sul, conforme dados do Departamento de Economia e Estatística (DEE-RS) e IBGE. Desde o início da série histórica, em 2002, a evolução dos valores não alterou a disparidade entre as regiões.



A distribuição do PIB per capita nas macrorregiões do Rio Grande do Sul evidencia valores mais altos nas áreas com maior produtividade agrícola e industrial, assim como aquelas que se consolidam como polos de oferta de serviços especializados. Com cenário consolidado há mais de duas décadas, a tendência observada é de manutenção da configuração dos maiores PIBs per capita do Estado nas macrorregiões da Serra, Metropolitana e Norte, e menores nas macrorregiões Central e Sul.

grupo | **ável.**

Quem vai cuidar do que você construiu?

No Grupo Ável, planejar patrimônio é garantir que o que você construiu continue crescendo, protegido, e chegue a quem você decidir.

Maior assessoria digital do ecossistema XP, com mais de R\$16 bilhões sob gestão, reunimos investimentos, sucessão e proteção em uma só estratégia.

Conhecimento para decidir o futuro do seu patrimônio.

Agende uma
conversa



@avel.me



REPORTAGEM ESPECIAL

Serra lidera ranking; Norte possui bons indicadores

Atividades com alto valor agregado recebem destaque na composição do Produto Interno Bruto das regiões

Ana Stobbe

A Metade Norte do território gaúcho concentra os maiores PIBs per capita do Estado. "Ao olhar as regiões, é possível traçar uma linha e dividir o Estado, saindo da região de Santa Rosa e chegando na Metropolitana. E essa parte de cima é a área mais desenvolvida em termos econômicos e, de certa maneira, sociais também. Por outro lado, as porções sul, central e noroeste do RS têm indicadores menores", acrescenta Lazzari.

Uma das áreas mais dinâmicas do Rio Grande do Sul, a Macrorregião da Serra, tem se desenvolvido intensamente. Concentrando 17,20% do Produto Interno Bruto

(PIB) gaúcho, essa área do Estado também tem atraído população. E a combinação desses fatores resulta em uma alta produtividade, a transformando na porção do RS com o maior PIB per capita.

Composta pelas regiões da Serra, Hortênsias, Campos de Cima da Serra, Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí, a macrorregião se fortalece com base no forte polo metalmeccânico e em atividades de alto valor agregado. É com base nisso que se constrói o indicador.

"A Serra engloba aquela região de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Carlos Barbosa, municípios que têm indústrias muito fortes, como a metalmeccânica e a moveleira. São empregos que geram uma produtividade maior e, conseqüentemente, uma produção e renda maiores. É uma área que tem atraído população exatamente pela oferta de trabalho", explica o economista e pesquisador do

Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

A Macrorregião Norte, nesse contexto, também se destaca, com um PIB per capita próximo ao da Metropolitana. Ela ocupa a terceira posição, fruto de sua agropecuária com alto valor agregado, de indústrias ligadas ao setor primário — como a de máquinas e equipamentos — e a consolidação de algumas de suas cidades como polos de serviços especializados. Entretanto, áreas mais próximas à Fronteira Noroeste apresentam indicadores menores.

Ao analisar os Coredes, classificação utilizada pelo governo estadual gaúcho e que divide o território gaúcho em 28 zonas, é perceptível a pujança dessas áreas. Afinal, o Corede Serra é o segundo no ranking do PIB per capita seguindo essa divisão, atrás apenas do Alto Jacuí, na Macrorregião Norte.



Alta industrialização, produtos com indicação geográfica e turismo favorecem resultado na Serra

Macrorregiões Sul e Central têm os piores resultados

A Macrorregião Centro também varia internamente quanto aos indicadores do PIB per capita, embora apresente médias inferiores. "Teve crescimento nos últimos anos da produção de soja, que desceu das Missões para locais como Santiago e Cachoeira do Sul. Mas é uma região, como um todo, que tem pouca indústria. E, muitas vezes, os serviços qualificados, de maior valor agregado, têm relação com a atividade industrial",

acrescenta Lazzari.

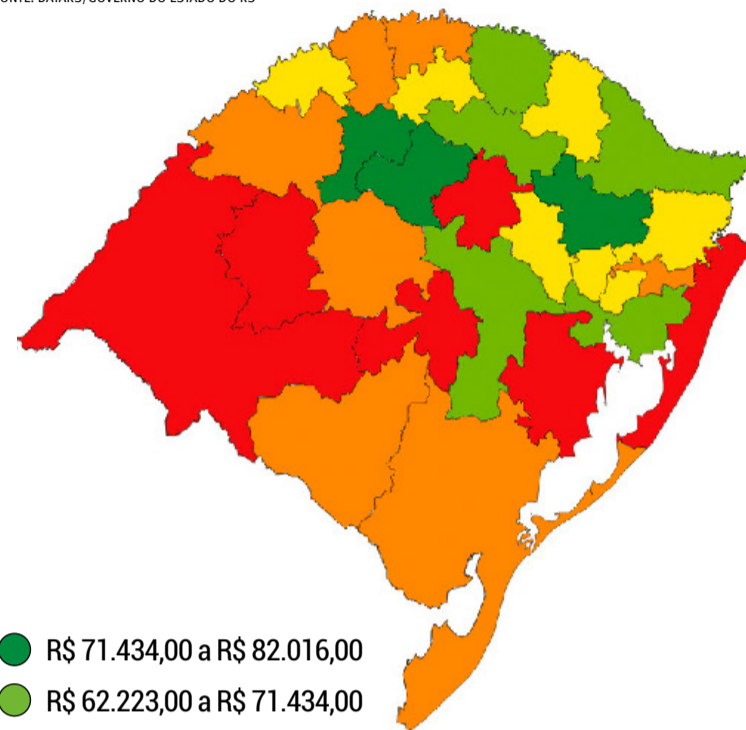
Mas os piores indicadores estão na Macrorregião Sul, composta pelas Regiões Sul, Fronteira Oeste, Campanha e Centro-Sul. "Se pegar a região de Uruguiana, por exemplo, tem indústria. Mas é muito ligada ao beneficiamento de arroz ou de bovinos. São setores industriais que não têm alta produtividade. E um grande PIB per capita é como se tivesse produtividade para todo mundo. Se pegar a indústria de

alimentos, ela vai ter uma produtividade bem menor que a metalmeccânica. E isso se traduz em um menor valor agregado", pontua Lazzari.

Rio Grande e Pelotas, entre as cidades, possuem indicadores melhores, por concentrarem indústrias, especialmente as atreladas ao porto localizado na região. Entretanto, Lazzari destaca que há intensas variações na produtividade atreladas às demandas flutuantes do polo naval.

Variação do Produto Interno Bruto per capita nos Coredes - dados de 2023

FONTE: DATARS/GOVERNO DO ESTADO DO RS



- R\$ 71.434,00 a R\$ 82.016,00
- R\$ 62.223,00 a R\$ 71.434,00
- R\$ 47.923,00 a R\$ 62.223,00
- R\$ 42.847,00 a R\$ 47.923,00
- R\$ 37.375,00 a R\$ 42.847,00

Ranking do Produto Interno Bruto (PIB) per capita por Corede (em 2023)

Corede	PIB per capita em 2023
1º Alto Jacuí	R\$ 82.015,99
2º Serra	R\$ 77.883,65
3º Noroeste Colonial	R\$ 71.433,51
4º Produção	R\$ 68.669,78
5º Norte	R\$ 67.985,44
6º Campos de Cima da Serra	R\$ 66.911,26
7º Região Metropolitana	R\$ 64.761,88
8º Vale do Rio Pardo	R\$ 62.223,17
9º Vale do Sinos	R\$ 61.090,03
10º Vale do Caí	R\$ 60.817,94
11º Vale do Taquari	R\$ 60.142,45
12º Nordeste	R\$ 59.787,66
13º Fronteira Noroeste	R\$ 56.558,53
14º Hortênsias	R\$ 56.499,26
15º Campanha	R\$ 47.922,67
16º Rio da Várzea	R\$ 47.493,45
17º Sul	R\$ 46.575,42
18º Missões	R\$ 45.700,84
19º Vale do Paranhana e Encosta da Serra	R\$ 44.835,71
20º Médio Alto Uruguai	R\$ 44.147,23
21º Região Central	R\$ 43.555,54
22º Celeiro	R\$ 42.847,07
23º Alto da Serra do Botucaraí	R\$ 42.054,42
24º Jacuí Centro	R\$ 41.782,75
25º Centro-Sul	R\$ 41.077,89
26º Fronteira Oeste	R\$ 40.088,79
27º Vale do Jaguarí	R\$ 39.302,68
28º Litoral	R\$ 37.374,68
RS	R\$ 57.930,00
Brasil	R\$ 49.157,00

FONTE: DEE-RS/IBGE



Uma *nova fase* do saneamento gaúcho já está em movimento.

Estamos conduzindo o **maior ciclo de obras e investimentos da nossa história**. Em menos de três anos, o saneamento gaúcho avançou com novas redes, novas ligações e **mais de um milhão de pessoas beneficiadas** em 2025. Um movimento que leva saúde, cuidado ambiental e dignidade às famílias, enquanto também fortalece a **resiliência hídrica** diante dos desafios do clima, com mais segurança no abastecimento.

+15

bilhões de Reais
até 2033

+6

milhões de pessoas
impactadas

317

municípios
com obras

corsan.com.br

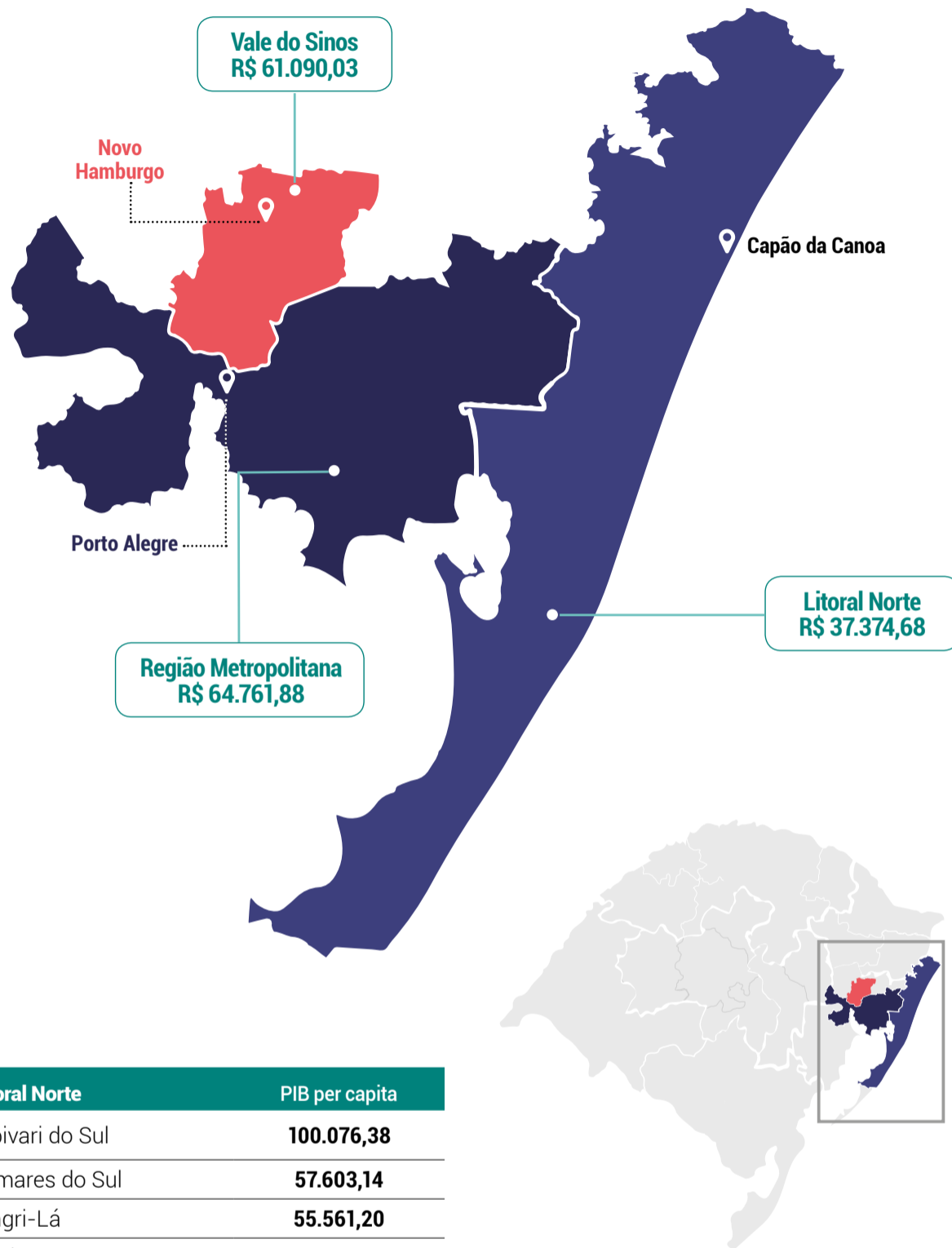
Nossa natureza
movimenta o Rio Grande.

 **CORSAN**^{ce}

REPORTAGEM ESPECIAL

PIB per capita por Coredes e por municípios

A Macrorregião Metropolitana do RS tem PIB per capita de R\$ 63,4 mil, com variação na casa dos R\$ 27,3 mil entre as microrregiões (Coredes). Essa é a segunda colocada das cinco macrorregiões nesse indicador, mas tem o Corede com o menor PIB per capita de todo o Rio Grande do Sul: o Litoral Norte.



Ranking de maiores PIBs per capita da Macrorregião Metropolitana (em R\$)

Cidade	PIB per capita
1º Triunfo	275.341,31
2º Nova Santa Rita	111.265,96
3º Capivari do Sul	100.076,38
4º Guaíba	96.872,55
5º Dois Irmãos	85.952,76
6º Canoas	83.895,04
7º Porto Alegre	78.586,94
8º Glorinha	77.744,69
9º Campo Bom	72.015,35
10º Ivoti	66.957,25

Litoral Norte	PIB per capita
Capivari do Sul	100.076,38
Palmares do Sul	57.603,14
Xangri-Lá	55.561,20
Osório	45.192,63
Torres	43.963,72
Mostardas	40.888,44
Capão da Canoa	40.698,19
Itati	39.227,64
Três Cachoeiras	34.006,87
Morrinhos do Sul	33.620,45
Terra de Areia	33.149,81
Dom Pedro de Alcântara	32.652,54
Mampituba	32.328,40
Arroio do Sal	31.987,59
Maquiné	30.836,91
Tramandaí	29.046,01
Três Forquilhas	28.694,49
Imbé	28.439,70
Cidreira	23.836,71
Balneário Pinhal	22.276,77
Caraá	21.392,26

Vale do Sinos	PIB per capita 2023
Nova Santa Rita	111.265,96
Dois Irmãos	85.952,76
Canoas	83.895,04
Campo Bom	72.015,35
Ivoti	66.957,25
Sapiranga	61.786,88
São Leopoldo	54.003,80
Portão	53.320,33
Esteio	52.518,32
Nova Hartz	52.487,16
Novo Hamburgo	52.434,84
Estância Velha	48.184,54
Araricá	37.883,33
Sapucaia do Sul	35.799,83

Região Metropolitana	PIB per capita 2023
Triunfo	275.341,31
Guaíba	96.872,55
Porto Alegre	78.586,94
Glorinha	77.744,69
Eldorado do Sul	66.318,44
Gravataí	58.646,11
Cachoeirinha	57.110,95
Santo Antônio da Patrulha	50.733,01
Viamão	24.741,59
Alvorada	22.048,07

Digitalização do interior: a inteligência artificial como caminho para cidades mais inteligentes



ELEVCODE/ DIVULGAÇÃO/ JC

Soluções em inteligência artificial aplicadas à gestão pública municipal

Por **William Ricaldes**,
CEO da ELEVCODE

Pergunta: Quando falamos em transformação digital no interior, do que estamos tratando, de fato?

Resposta: Muitos gestores ainda associam o tema apenas a computadores e internet. Mas o verdadeiro salto ocorre com a incorporação da inteligência artificial aos processos municipais. A IA não é um luxo das capitais. É acessível, prática e resolve problemas reais de prefeituras com orçamentos modestos.

Pergunta: Por que o interior precisa da IA?

Resposta: Cidades pequenas e médias enfrentam desafios como equipes reduzidas, excesso de tarefas, dados dispersos e dificuldade para identificar padrões, como evasão fiscal e gargalos na saúde. A IA automatiza decisões re-

petitivas, encontra insights em dados e libera o gestor para o que realmente importa.

Pergunta: Onde a IA já pode ser aplicada?

Resposta: No atendimento ao cidadão, com chatbots treinados com perguntas frequentes, capazes de resolver até 70% das demandas 24 horas por dia, via WhatsApp ou site. Na saúde, com análise preditiva para prever surtos de dengue, demanda por leitos ou faltas a consultas, permitindo ação preventiva. Na fiscalização tributária, ao comparar declarações de ISS com o movimento econômico aparente e gerar alertas de inconsistência, tornando a fiscalização mais precisa. Na otimização de rotas, como coleta de lixo, transporte escolar e manutenção de vias, com redução de custos e ganho de eficiência. Na triagem de documentos, com leitura au-

tomática de requerimentos, classificação de serviços e encaminhamento correto, reduzindo processos de dias para minutos. Na prevenção da evasão escolar, identificando alunos em risco a partir de dados de frequência e perfil socioeconômico. E no monitoramento de infraestrutura, com sensores conectados à IA que detectam problemas como lâmpadas queimadas, buracos ou vazamentos.

Pergunta: Como iniciar a implantação da IA no interior?

Resposta: O primeiro passo é digitalizar os dados, migrando processos do papel para sistemas digitais. Depois, escolher problemas pequenos e de alto impacto para começar, como chatbots ou análise de faltas. Também é importante utilizar soluções prontas, muitas com baixo custo ou versões gratuitas, e investir na capacitação básica

dos servidores.

Pergunta: Quais são os principais desafios?

Resposta: A falta de dados históricos pode ser resolvida com o início imediato da coleta. A resistência de servidores diminui quando se mostra que a IA elimina tarefas repetitivas, não empregos. A questão da privacidade exige uso de dados anonimizados e conformidade com a LGPD. Já o custo pode ser contornado com ferramentas gratuitas ou de código aberto.

Pergunta: Existe resultado prático?

Resposta: Em uma cidade de 20 mil habitantes, com investimento inferior a R\$ 50 mil ao longo de um ano, um chatbot pode resolver cerca de 500 atendimentos por mês, gerando economia equivalente a dois servidores. A IA fiscal pode aumentar a arrecadação em R\$ 200 mil. E a roteiriza-

ção inteligente pode reduzir o custo de combustível em 15%. O retorno ocorre em poucos meses.

Pergunta: Qual é a conclusão?

Resposta: O interior já avançou com iniciativas como internet nas escolas e nota fiscal eletrônica. O próximo passo é a inteligência artificial. Ela não exige grandes obras, mas visão de futuro. A digitalização sem IA é como um carro potente sem direção. A IA traz velocidade e eficiência. O futuro inteligente das cidades começa agora.

Pergunta: Como avançar com segurança?

Resposta: Para quem busca esse caminho, a Elevcode desenvolve soluções práticas de IA voltadas às prefeituras do interior, sempre com foco na realidade local. Um convite para conhecer o que pode ser construído em conjunto.

TRABALHO

Norte do RS cresce em empregos mais do que área Metropolitana

Região de Porto Alegre concentra 42,6% dos vínculos formais, mas perdeu espaço no Rio Grande do Sul

Ana Stobbe

A Macrorregião Metropolitana é a porção do território gaúcho que mais concentrava empregos formais em janeiro de 2026, com 42,6% do total de vínculos empregatícios do Rio Grande do Sul. Entretanto, a área está perdendo protagonismo, a partir do avanço do Norte do Estado.

Os dados são do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), compilados pelo Departamento Estadual de Economia e Estatística (DEE-RS).

"A Macrorregião Metropolitana não apresenta variações de forma tão intensa, mas mostra a continuidade de uma perda gradual da sua centralidade diante de outros focos de dinamismo do RS. Enquanto isso, o Norte é um dos lugares que está tomando a frente na expansão do emprego. A área Metropolitana está perdendo população e sua

relevância no cenário econômico, mas conseguindo manter suas atividades com variações próximas à média estadual", analisa o sociólogo e pesquisador do DEE-RS Guilherme Xavier.

Nesta década, entre janeiro de 2020 e janeiro de 2026, todas as macrorregiões do RS cresceram em número de vagas formais de trabalho. Entretanto, a fatia da Macrorregião Metropolitana registrou uma perda de 1 ponto percentual, passando de 43,6% dos empregos do Estado em 2020 para 42,6% neste ano.

Quem ganhou esse espaço foi a Macrorregião Norte, que tinha 15,5% dos empregos formais do Rio Grande do Sul em 2020 e, em janeiro deste ano, subiu para 16,6% das vagas de trabalho, avançando, assim, 1,1 ponto percentual na sua representatividade no total do mercado de trabalho gaúcho.

Vale do Sinos lidera em empregos industriais na macrorregião

Ao analisar a Macrorregião Metropolitana em termos de setores das vagas de trabalho, no caso dos empregos industriais, a situação preocupa. Embora a Macrorregião possua 54,6% do total estadual, a maioria deles (32,7% do total do Rio Grande do Sul) está concentrada no Vale do Sinos. Os outros dois Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) dessa parte do Estado – Região Metropolitana e Litoral Norte – juntos, representam apenas 21,9%.

E, nesse contexto, a Macrorregião Norte avança a passos largos: em 2020, possuía 16,1% dos trabalhos industriais gaúchos e,

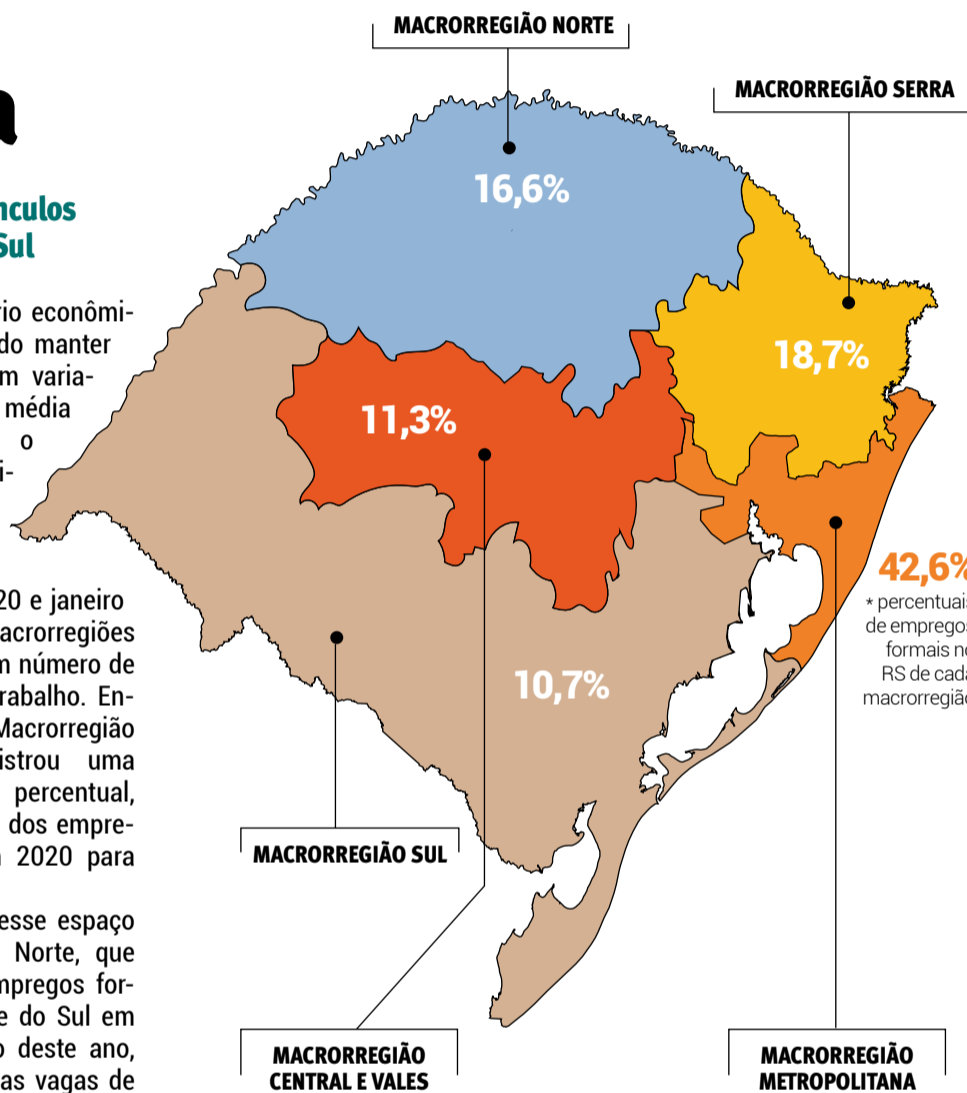
em 2026, passou a ter 18,5%. No mesmo período, houve uma redução de 3,1% no número de postos de trabalho na indústria na Macrorregião Metropolitana.

"Você tinha uma visão antiga de que a Região Metropolitana concentrava muito o emprego industrial. Vemos que a indústria já está crescendo bem menos que o emprego total e, dentro do território, tem uma perda relativa da metropolitana", avalia Xavier.

Apesar da perda de participação no total estadual, a Macrorregião Metropolitana ampliou o número de vínculos de trabalho formal no comparativo interanual.

Composição do mercado de trabalho formal no RS por macrorregiões

Macrorregião	Participação nos empregos do RS em 2020	Participação nos empregos do RS em 2026 (%)	Varição (em pontos percentuais)	Vínculos ativos em janeiro de 2026
Metropolitana	43,6%	42,6%	-1	1.233.683
Serra	18,8%	18,7%	-0,1	542.864
Norte	15,5%	16,6%	1,1	482.026
Centro	11,5%	11,3%	-0,2	328.630
Sul	10,7%	10,7%	0	310.788



Cinco regiões do RS

- Macrorregião da Serra**
Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí
- Macrorregião Central**
Regiões Central, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro
- Macrorregião Sul**
Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste
- Macrorregião Norte**
Regiões Norte, Noroeste, Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí
- Macrorregião Metropolitana**
Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral

42,6%
* percentuais de empregos formais no RS de cada macrorregião

* Divisão do RS em cinco macrorregiões de acordo com o projeto Mapa Econômico do RS

Participação dos Coredes da Macrorregião Metropolitana

Coredes da Macrorregião Metropolitana	Número de empregos formais em janeiro de 2026	Participação no total estadual (%)
Região Metropolitana	792.523	27,3
Vale do Sinos	370.827	12,8
Litoral Norte	70.288	2,4
Total Macrorregião Metropolitana	1.233.638	42,6

Top 10 cidades da Macrorregião Metropolitana

Cidade	Corede	Empregos formais em janeiro de 2026
Porto Alegre	Região Metropolitana	591.818
Canoas	Vale dos Sinos	92.672
Novo Hamburgo	Vale dos Sinos	70.763
Gravataí	Região Metropolitana	58.157
São Leopoldo	Vale do Sinos	56.794
Cachoeirinha	Região Metropolitana	41.714
Campo Bom	Vale dos Sinos	27.386
Sapucaia do Sul	Vale dos Sinos	22.029
Viamão	Região Metropolitana	21.561
Sapiranga	Vale dos Sinos	21.025
Esteio	Vale dos Sinos	19.314

**FERNANDES
MACHADO**
business law

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

ESTAMOS AO LADO DE QUEM TRANSFORMA O NOSSO ESTADO

A FERNANDES MACHADO BUSINESS LAW É UM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA EMPRESARIAL QUE APOIA EMPRESAS NA TOMADA DE DECISÕES SEGURAS E ESTRATÉGICAS.

*Superar desafios nos leva
para um futuro melhor*

ACESSE
NOSSO SITE



@FERNANDESEMACHADO



FERNANDES MACHADO BUSINESS LAW



RUA CARLOS GARDEL, 55, BELA VISTA, PORTO ALEGRE, RS

TRABALHO

Porto Alegre lidera em vagas formais no Estado

Capital tem 591 mil vínculos de emprego ativos, sendo a cidade com mais postos de trabalho do RS

Ana Stobbe

Embora a Macrorregião Metropolitana possua 54,6% do total estadual de empregos industriais, há uma concentração: a maioria deles (32,7% do total do Rio Grande do Sul) está no Vale do Sinos. Os outros dois Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) dessa parte do Estado – Região Metropolitana e Litoral Norte – juntos, representam apenas 21,9%.

E, nesse contexto, a Macrorregião Norte avança a passos largos: em 2020, possuía 16,1% dos trabalhos industriais gaúchos e, em 2026, passou a ter 18,5%. No mesmo período, houve uma

redução de 3,1% no número de postos de trabalho na indústria na Macrorregião Metropolitana.

“Você tinha uma visão antiga de que a Região Metropolitana concentrava muito o emprego industrial. Vemos que a indústria já está crescendo bem menos que o emprego total, e, dentro do território, tem uma perda relativa da metropolitana”, avalia Xavier.

Apesar da perda de participação no total estadual, a Macrorregião Metropolitana foi capaz de ampliar os vínculos de trabalho formal no comparativo interanual. Entre janeiro de 2025 e janeiro de 2026, o número de empregados geral cresceu em 1,5% nessa parte do Rio Grande do Sul, em um índice próximo ao do Estado, que saltou em 1,3% no mesmo período.

Porto Alegre, a capital gaúcha, é a cidade mais populosa do Rio Grande do Sul. Por óbvio,

também é a que mais possui vínculos empregatícios ativos: 591.818 contratos profissionais em janeiro de 2026. O número representa um avanço de 2,12% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O crescimento foi difuso, entre setores voltados ao serviço e à indústria.

Apesar disso, é possível verificar alguns destaques na cidade. No comparativo interanual, de 2025 e 2026, os principais saldos positivos estiveram nos serviços de escritório e apoio administrativo, com novos 3.448 empregos, e nas atividades e serviços de informação, com 1.447.

Já no aspecto negativo as atividades de vigilância, segurança e investigação tiveram uma perda de 1.744 postos de trabalho, enquanto o comércio varejista sofreu uma baixa de 279 vínculos profissionais.

Litoral Norte

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Capão da Canoa	12.793	12.938	1,13%
Osório	11.571	11.218	-3,05%
Torres	10.681	11.104	3,96%
Tramandaí	8.589	8.687	1,14%
Xangri-Lá	4.820	5.008	3,90%
Imbé	3.268	3.373	3,21%
Três Cachoeiras	2.800	2.959	5,67%
Mostardas	2.709	2.749	1,47%
Terra de Areia	1.870	1.930	3,20%
Palmares do Sul	1.713	1.770	3,32%
Cidreira	1.586	1.635	3,08%
Arroio do Sal	1.589	1.610	1,32%
Balneário Pinhal	1.225	1.383	12,89%
Capivari do Sul	1.057	1.122	6,14%
Caraá	856	904	5,60%
Maquiné	808	815	0,86%
Dom Pedro de Alcântara	309	317	2,58%
Itati	247	272	10,12%
Morrinhos do Sul	198	217	9,59%
Três Forquilhas	146	142	-2,73%
Mampituba	128	135	5,46%

O **Litoral Norte** é, entre os três Coredes, o que mais destoa. Afinal, além de ser a área do Estado que mais tem atraído população e a com o menor Produto Interno Bruto per capita, é também uma região pujante na geração de empregos, com uma variação de 2%, acima do Estado. Torres foi uma cidade litorânea que se destacou nos indicadores. Principalmente, por ter crescido 3,9% no número de postos de trabalho formais, entre janeiro de 2025 e de 2026, e 24,5% no período de 2020 a 2026. O desempenho foi puxado pela construção civil e pelas atividades de atenção à saúde humana.

Região Metropolitana

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Porto Alegre	579.490	591.818	2,12%
Gravataí	57.465	58.157	1,20%
Cachoeirinha	40.418	41.714	3,20%
Viamão	20.879	21.561	3,26%
Guaíba	18.922	18.427	-2,61%
Alvorada	17.106	17.637	3,10%
Eldorado do Sul	16.176	16.256	0,49%
Triunfo	13.964	14.991	7,35%
Santo Antônio da Patrulha	10.061	10.379	3,16%
Glorinha	1.570	1.583	0,82%

Na **Região Metropolitana** há alguns destaques. Caso de Gravataí, que abriga a General Motors e possuía, em janeiro de 2026, 58.157 postos de trabalho, sendo que 39,4% estavam na indústria. No comparativo interanual, o aumento foi de 1,2% no total e uma queda de 0,5% nos empregos industriais. Triunfo, sede do Polo Petroquímico, por sua vez, cresceu em 7,35% no número de postos de trabalho no período, indicador que sobe a 68,6% ao comparar de janeiro de 2020 e 2026.

Vale do Sinos

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Canoas	90.859	92.672	1,99%
Novo Hamburgo	71.821	70.763	-1,47%
São Leopoldo	56.407	56.794	0,68%
Campo Bom	27.534	27.386	-0,53%
Sapucaia do Sul	21.197	22.029	3,92%
Sapiranga	21.278	21.025	-1,18%
Esteio	19.826	19.314	-2,58%
Estância Velha	12.898	12.645	-1,96%
Dois Irmãos	11.641	11.132	-4,37%
Nova Santa Rita	10.130	10.159	0,28%
Portão	9.693	9.776	0,85%
Ivoti	7.963	8.116	1,92%
Nova Hartz	6.987	6.838	-2,13%
Araricá	2.175	2.178	0,13%

O **Vale do Sinos**, área de intensa industrialização, teve um mau desempenho no setor, com queda de 3% dos postos de trabalho industriais. Mesmo assim, algumas cidades avançaram na geração de empregos. É o caso de Canoas, que aumentou o número de postos de trabalho em praticamente 2% em janeiro de 2026 em relação ao mesmo mês do ano passado. O indicador foi puxado pelos serviços de escritório e apoio administrativo,

as atividades de vigilância, segurança e investigação, e o comércio varejista. Esteio, que sedia anualmente um dos principais eventos da agropecuária, a Expointer, teve um desempenho positivo na indústria, que ampliou em 4,1% o número de vínculos empregatícios do setor. O indicador foi puxado justamente pelo setor de máquinas e equipamentos. No volume total de empregos, entretanto, a variação foi negativa em 2,58%.

TRABALHO

RS tem 53,3 mil imigrantes com emprego formal

Número de estrangeiros no mercado de trabalho dobrou em apenas três anos

Ana Stobbe

O Rio Grande do Sul tem sido um destino consolidado entre imigrantes que buscam no Brasil melhores condições de vida. A maior parte deles são venezuelanos, que ingressam no País pela Região Norte, mas seguem rumo às terras gaúchas.

E o mercado de trabalho formal tem aberto as portas para esses estrangeiros: ao todo, foram criadas 10 mil novas vagas de emprego para imigrantes em 2025, em um total estimado em 53.384 postos de trabalho ocupados por nascidos no exterior,

conforme dados do Novo Caged e da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) reunidos pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS). "Em 2022 eram cerca de 26 mil vínculos de migrantes em empregos formais. Em 2025, estimamos que sejam mais de 53 mil. Mais do que dobrou", avalia o chefe da seção de Informação e Pesquisa da FGTAS, Juliano Almeida.

Quatro das seis cidades com mais concentração de imigrantes internacionais empregados ficam na Macrorregião Norte – apenas a primeira e a segunda colocação são de fora: Caxias do Sul e Porto Alegre. "O que temos observado é que o crescimento da presença de imigrantes é maior no Interior do que na Região Metropolitana", analisa Almeida.

Cidades com mais imigrantes no mercado de trabalho formal no RS

Cidade	Macrorregião	Corede	Estoque de empregos estimado no final de 2025	Participação no total estadual
1. Caxias do Sul	Serra	Serra	8.573	16%
2. Porto Alegre	Metropolitana	Metropolitano	4.717	9%
3. Erechim	Norte	Norte	3.349	6%
4. Passo Fundo	Norte	Produção	3.200	6%
5. Marau	Norte	Produção	1.751	3%
6. Tapejara	Norte	Nordeste	1.560	3%
7. Lajeado	Centro	Vale do Taquari	1.479	3%
8. Garibaldi	Serra	Serra	1.276	2%
9. Bento Gonçalves	Serra	Serra	1.252	2%
10. Canoas	Metropolitana	Vale do Sinos	1.084	2%
11. Santa Rosa	Norte	Fronteira Noroeste	1.015	2%
12. Farroupilha	Serra	Serra	985	2%
13. Chuí	Sul	Sul	939	2%
14. Gramado	Serra	Hortênsias	912	2%
15. Novo Hamburgo	Metropolitana	Vale do Sinos	801	2%
16. Santana do Livramento	Sul	Fronteira Oeste	784	1%
17. São Leopoldo	Metropolitana	Vale do Sinos	771	1%
18. Cachoeirinha	Metropolitana	Metropolitana	697	1%
19. Gravataí	Metropolitana	Metropolitana	533	1%
20. Serafina Corrêa	Serra	Serra	526	1%
Subtotal			36.204	68%
Total Estadual			53.384	100%

FONTE: FGTAS, COM BASE EM DADOS DO RAIS E DO NOVO CAGED

QUEM EMPREENDE NUNCA ESTÁ SOZINHO

Somos a casa que acolhe as **CDLs gaúchas** e o lugar onde o varejo se reconhece. Aqui, **lojistas, prestadores de serviço, entidades, poder público e comunidade** sentam à mesma mesa para conversar, aprender e criar soluções que movimentam a vida nas cidades.

Venha você também fazer parte desse movimento, legitimado pela força do comércio gaúcho.



A alma do Varejo. A voz do Rio Grande.



DEMOGRAFIA

Rio Grande do Sul deverá começar a perder população a partir de 2027

Transição demográfica está mais acelerada no RS do que em outros estados do Brasil

Ana Stobbe

A população brasileira está envelhecendo. Em um cenário no qual mulheres têm menos filhos e a longevidade cresce, a tendência é de que o número de moradores comece a diminuir. Essa realidade está mais acentuada no Rio Grande do Sul, que concentra 19 das 20 cidades brasileiras com mais idosos, conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de

2022. Entre os gaúchos, o número de habitantes deverá começar a cair já em 2027, enquanto, no nível nacional, a projeção é de que isso aconteça apenas em 2042.

Um dos principais motivos é a queda nas taxas de fecundidade — ou seja, a média de filhos para cada mulher. A redução é fruto de variáveis como o aperfeiçoamento e a disseminação de métodos contraceptivos, aliada ao aumento da escolaridade.

“O pico de nascimentos foi na década de 1980, uma geração que teve uma quantidade maior de pessoas e que entrou em idade reprodutiva até o início dos anos 2000. Nessa época, as mulheres já estavam tendendo a ter menos filhos, mas

tinha essa crescente de mulheres chegando na idade reprodutiva, o que compensava um pouco a queda de fecundidade. Mas chegamos ao contexto atual, em que já reduziu o número de mulheres chegando à idade reprodutiva aliado à queda das taxas de fecundidade”, explica o gerente de projeções e estimativas do IBGE, Márcio Mitsuo Minamiguchi.

Atualmente, as regiões Sul e Sudeste do Brasil têm os indicadores mais baixos do País, incluindo as maiores idades médias em que as mulheres se tornam mães. No Rio Grande do Sul, em 2010, as gaúchas tinham seus filhos, em média, aos 27,8 anos. Em 2022, aos 29 anos, a segunda maior média do País,

abaixo apenas do Distrito Federal (29,3 anos).

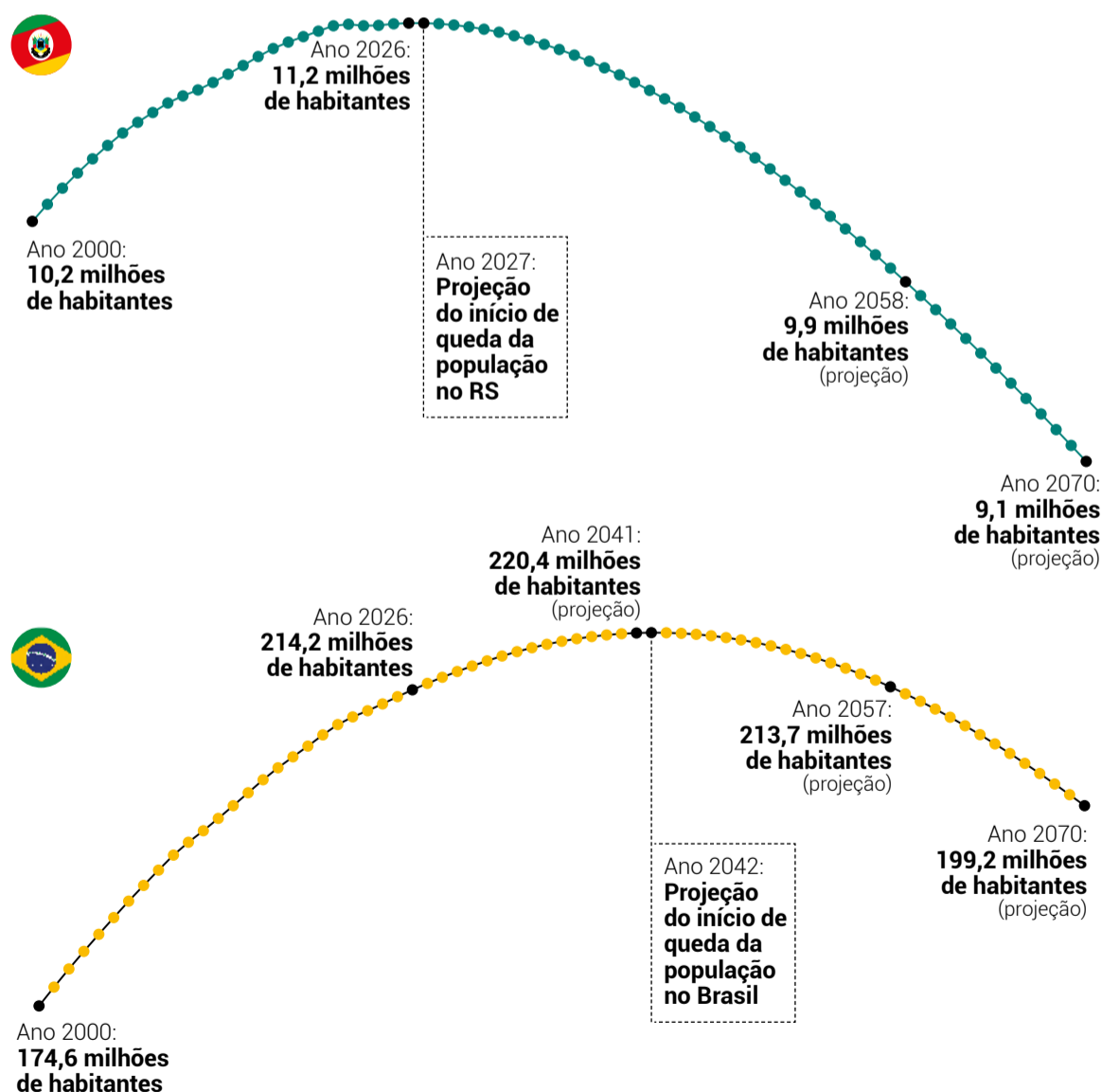
A isso, soma-se um problema: um alto índice de gaúchos deixando o Estado, movimento que não é compensado pela chegada de novos residentes. “Quando ainda existia uma diferença grande entre o total de nascimentos e o total de óbitos, mesmo perdendo população por migração, ainda a população crescia. Agora, como essa diferença vem se estreitando, a capacidade de manter o crescimento, mesmo com saldo migratório negativo, tem diminuído”, acrescenta Minamiguchi.

O Rio Grande do Sul possui mais emigrantes do que imigrantes, com um saldo migratório negativo

de 77.839 habitantes no Censo de 2022. Conforme o IBGE, a taxa líquida de migração, que mede a parcela populacional que um local perdeu ou ganhou pelos movimentos migratórios, foi de -0,72%.

“Todos os cenários preveem um saldo migratório negativo para o Rio Grande do Sul. E o efeito das enchentes também não foi de atrair moradores. Esse tipo de crise pode atrair mão de obra em um primeiro momento, para a construção civil, por exemplo. Eventualmente, uma ou outra pessoa fica, mas, nesse contexto, é bem difícil. É como aconteceu no Rio de Janeiro, na época das obras das Olimpíadas de 2016. Em geral, é temporário”, avalia Minamiguchi.

Evolução e projeção da população no RS e no Brasil



Pico populacional do Rio Grande do Sul será atingido em 2026 e número de habitantes no Estado começará a cair a partir de 2027, projeta o IBGE. No Brasil, o auge da população está previsto para 2041, com queda a partir do ano seguinte. Até o ano 2070, a estimativa é que a população gaúcha terá caído para 9,1 milhões de habitantes, dois milhões a menos que o patamar atual.

Atração de moradores e preparação às mudanças climáticas são desafios do RS

A atratividade de novos moradores, buscando mitigar, em partes, a redução populacional, tem um viés econômico. Afinal, com menos pessoas em idade ativa no mercado de trabalho, a escassez de mão de obra, já enfrentada em diversos segmentos das matrizes produtivas gaúchas, deverá se agravar. E, além disso, a produtividade tende a cair.

Mas trazer novos residentes e manter os atuais em solo gaúcho é um desafio e tanto. Não apenas as enchentes repeliram pessoas do Estado, como sucessivas estiagens frustraram safras inteiras, fizeram o Rio Grande do Sul perder participação na economia brasileira e, como clima, economia e crescimento demográfico são variáveis que se relacionam, o RS passou a perder ainda mais residentes.

“O Rio Grande do Sul é o segundo Estado com mais incidência de secas graves, dado do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), desde 1990. Se a gente pega 85% do território, ou seja, excluindo as regiões Metropolitana, Serra e Litoral, é a região do Brasil com a maior incidência de secas nos últimos 40 anos. E, quando olhamos para os fluxos migratórios dessas regiões afetadas, eles são negativos justamente pela recorrência de secas. Então, diria que sim, o fenômeno climático das secas é uma explicação da perda de população, principalmente no Interior”, avalia o economista Aod Cunha.

Para o especialista, é preciso dar

conta cada vez mais dessa correlação para pensar em um crescimento econômico. “Do ponto de vista dos efeitos climáticos, o Estado precisa avançar no tema de irrigação, armazenamento e reserva d’água em escala maior, principalmente no Interior. Porque quando se tem uma seca, tem também uma destruição de renda não só da agricultura, mas do comércio, dos serviços, e uma perda de oportunidades”, acrescenta.

A partir disso, surgem outros desafios. Afinal, será preciso reter a juventude e atrair novos moradores em idade de trabalho para dar conta da produção no Estado, seja na agropecuária, nos serviços ou na indústria. E, além da questão climática, outros fatores precisam ser levados em consideração.

“É necessário fazer com que o Rio Grande do Sul tenha melhor qualidade de vida de maneira geral, principalmente para os jovens, avançando em áreas como educação, saúde, segurança e entretenimento. É necessário melhorar essa atratividade. Tem alguns lugares que têm conseguido fazer isso, como o Uruguai”, avalia Aod.

A receita, conforme o economista, é evidente: “É uma combinação de duas vertentes, uma econômica, ou seja, irrigação e geração de empregos, e outra de oferta de serviços que melhorem a qualidade de vida e gerem uma percepção do jovem querer ficar porque a vida vai acontecer nesse lugar onde ele vai estar”, conclui.

Estado precisará desenvolver políticas públicas para a transição demográfica

Com a mudança no perfil demográfico, as demandas populacionais também mudam. Um menor volume de jovens em comparação com o de idosos, o que já é visível em diferentes cidades gaúchas, faz com que os gestores públicos lancem outros olhares para as políticas desenvolvidas em cada local.

"A idade é um fator bem determinante para a questão de políticas públicas. Se a população for formada por crianças, é um tipo de demanda, se for de idosos, é outra. Sempre vão existir esses diferentes segmentos, mas o peso de cada um muda a partir da composição dessa população. E os gastos são diferentes também para cada faixa etária", explica Márcio Mitsuo Minamiguchi, do IBGE.

O cenário é especialmente desafiador em municípios com população mais envelhecida. É o caso de Coqueiro Baixo, no Vale do Taquari, onde quase quatro a cada 10 habitantes têm mais de 60 anos.

A cidade é considerada a mais envelhecida do Brasil. Lá, a cada 100 crianças de zero a 14 anos, existem 277,14 habitantes acima dos 65 anos, levando o município a ter uma idade mediana de 53 anos. E, enquanto no Brasil 13,46% da população é considerada idosa, no Rio Grande do Sul, o índice sobe a 20,15%. Os coqueirenses quase dobram o indicador gaúcho, que sobe a 38,91%.

O município pode indicar caminhos a serem seguidos por cidades que precisarão se preparar para um futuro próximo, em que idosos superarão o número de crianças. "Buscamos atendê-los no Cras (Centro de Referência de Assistência Social) e na área da saúde. Atendemos pessoas em casa com fisioterapeutas e médicos, inclusive campanhas de vacinação. Em casos extremos, levamos os pacientes ao posto de saúde do município ou ao hospital mais próximo", conta o prefeito de Coqueiro Baixo, Luciano André Ongaratto.

RS tem 19 das 20 cidades com mais idosos do Brasil

O Rio Grande do Sul possui 20,15% da sua população composta por pessoas acima dos 65 anos, percentual elevado frente aos 13,46% do País, além da maior idade mediana entre as unidades da federação, de 38 anos.

Nesse contexto, 19 das 20 cidades mais envelhecidas do Brasil ficam em território gaúcho, conforme os dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022. O primeiro lugar fica com Coqueiro Baixo.

Quase todos os municípios gaúchos do ranking possuem menos de 5 mil habitantes, exceto Alecrim, com população de 6.123 pessoas – o que se alia à tendência estadual em que as cidades pequenas têm perdido mais população do que as maiores. Especialmente, pelas migrações de jovens aos grandes centros, onde se concentram comércio, serviços e indústrias.

Dos 19 municípios gaúchos do ranking, nenhum fica na Macrorregião Metropolitana. O único deles que ganhou entre 2010 e 2022 foi São João do Polêsine, que cresceu 0,5%.

As cidades mais envelhecidas do País

Percentual da população acima de 65 anos por município

- 1ª - Coqueiro Baixo (RS - Vale do Taquari) - 30,31%
- 2ª - União da Serra (RS - Serra) - 28,08%
- 3ª - Santa Tereza (RS - Serra) - 26,95%
- 4ª - Relvado (RS - Vale do Taquari) - 26,94%
- 5ª - Monte Belo do Sul (RS - Serra) - 26,57%
- 6ª - Guabiju (RS - Serra) - 26,56%
- 7ª - Ivorá (RS - Região Central) - 25,63%
- 8ª - Vespasiano Corrêa (RS - Vale do Taquari) - 25,33%
- 9ª - Coronel Pilar (RS - Serra) - 25,27%
- 10ª - Florianópolis (SC - Região Norte) - 25,05%
- 11ª - Águas de São Pedro (SP) - 25,01%
- 12ª - Três Arroios (RS - Região Norte) - 24,96%
- 13ª - Porto Lucena (RS - Fronteira Noroeste) - 24,88%
- 14ª - Travesseiro (RS - Vale do Taquari) - 24,74%
- 15ª - Barra do Rio Azul (RS - Região Norte) - 24,57%
- 16ª - São João do Polêsine (RS - Região Central) - 24,53%
- 17ª - Forquetinha (RS - Vale do Taquari) - 24,25%
- 18ª - São Valentim do Sul (RS - Serra) - 24,03%
- 19ª - Alecrim (RS - Fronteira Noroeste) - 23,76%
- 20ª - Nova Bréscia (RS - Vale do Taquari) - 23,71%

FONTE: IBGE

A cabeça é tech.

O coração é BR.

Conhecemos o Brasil e o RS como ninguém e entendemos os desafios do mercado

A CDL Metropolitana, através do SPC Brasil, vai além de consulta de crédito e negativação, utilizando tecnologia, inovação e inteligência de dados unidos a estratégias datatech, para transformar decisões e impulsionar resultados.

Fale agora com um de nossos especialistas e explore um mundo de possibilidades



51 98058.5251

carla@cdlmetropolitana.com.br

cdlmetropolitana.com.br



CONSTRUÇÃO CIVIL

Antes do canteiro de obras, a nova construção é industrial

Técnica produz estruturas dentro das empresas e, no canteiro de obras, ficam as bases que receberão os módulos construtivos

Eduardo Torres

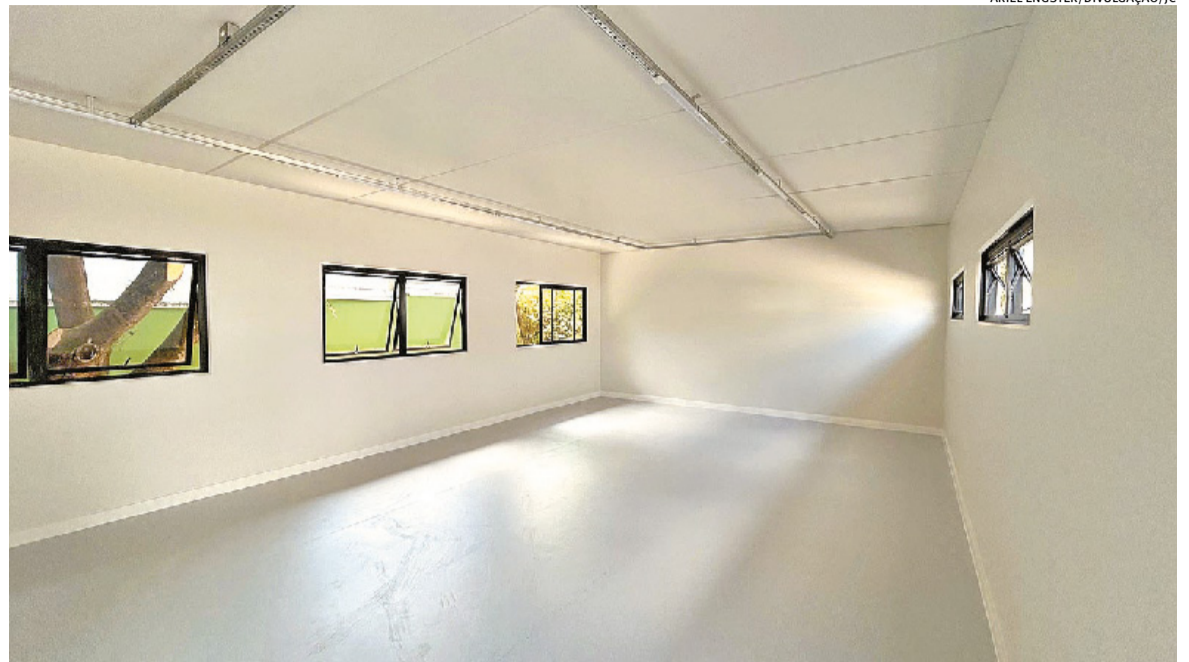
O canteiro de obras foi lançado em fevereiro no Loteamento Breno Garcia, um dos maiores loteamentos populares do Rio Grande do Sul, em Gravataí. No entanto, o visual da obra para erguer a primeira escola estadual dentro do Programa Escola+, com previsão de entrega no final deste ano, é bem diferente do usual. É o que se pode considerar um exemplo da – literalmente – indústria da construção civil, que é um dos maiores motores da economia em toda a macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico do RS, dando os rumos da nova construção. E, de maneira inédita, tendo o poder público como protagonista dessa mudança na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Diferente do modelo tradicional

de construção, a primeira estrutura do Escola+ é toda construída em módulos, que são fabricados longe dali, ou off-site, na empresa Porto Beton, em Nova Santa Rita.

No canteiro de obras, ficam as bases que receberão os módulos. Com isso, a partir do modelo criado pela Secretaria Estadual de Obras Públicas (SOP), entre o projeto, também todo digital e integrado e a execução da obra, são 180 dias. Ou um terço dos 18 meses que tradicionalmente levavam para todo esse processo público. E essa é uma tendência na construção civil da região, especialmente quando consideradas as obras corporativas e industriais – além das de infraestrutura.

“Foi um projeto todo pensado em módulos, com uma concepção para ser executado de maneira mais ágil, econômica e sustentável, off-set, fora do canteiro de obras. Enquanto as bases são preparadas no local da escola, os módulos são construídos simultaneamente na indústria, e no canteiro, o que acontece é como um grande Lego, muito mais rápido e eficaz do que os



Módulo construtivo da empresa Porto Beton na obra da Escola +, do loteamento Breno Garcia, em Gravataí

modelos tradicionais de construção. Para o poder público, representa maior eficiência no investimento, tanto para novas escolas quanto para ampliações”, explica a arquiteta Gabriela Hoffmann Fiuza, uma das desenvolvedoras do Escola+.

São investidos R\$ 37,4 milhões na construção da nova escola em Gravataí, e o modelo agora percorre um circuito de concursos e seminários de arquitetura e engenharia no Brasil. Além disso, passa a fazer parte do catálogo de projetos do MEC e poderá ser replicado no País.

“Uma construção nesses moldes se torna muito adaptável para múltiplos usos. Tem resiliência, com muita área permeável, com mais aberturas, que garantem eficiência na luminosidade, mas com conforto térmico”, detalha a arquiteta.

Planos Diretores em municípios e a oportunidade para a construção

📍 **Porto Alegre:** foi finalizada em maio a atualização do Plano Diretor da Capital pela Câmara Municipal; entre as mudanças, está a maior verticalização em áreas como o Centro e 4º Distrito; impactos ambientais são questionados

📍 **Canoas:** foi criada a comissão para iniciar a revisão do Plano Diretor, com foco no uso do solo e habitação

📍 **Novo Hamburgo:** foram realizadas audiências públicas no processo de revisão do Plano Diretor, com sugestões da sociedade para o projeto que ainda não foi formatado

📍 **Gravataí:** passou pelo processo de audiências, tanto para a revisão do Plano Diretor Urbano quanto da criação do Plano Diretor de Drenagem Urbana, que devem ser enviados para análise na Câmara de Vereadores

📍 **Viamão:** está na fase de agendar plenárias regionais que discutirão a revisão do Plano Diretor nas áreas de habitação, mobilidade e infraestrutura

📍 **Guaíba:** está na fase de “leitura da cidade” para traçar um diagnóstico antes da revisão do Plano Diretor e do Plano de Mobilidade

Industrialização reduz custos da construção com inovação

A novidade do setor público se tornar um impulsionador da inovação na construção civil, especialmente na Região Metropolitana, que concentra até 50% de toda a atividade do setor no Rio Grande do Sul, segue uma tendência que as construtoras e incorporadoras têm corrido atrás. Em tempos de revisão de Planos

Diretores em toda a região, o mercado da construção tende a ficar ainda mais aquecido, e modelos construtivos modernos ditarão este ritmo.

Somente em Porto Alegre, o Panorama do Mercado Imobiliário do Sindicato das Indústrias da Construção Civil (Sinduscon-RS), aponta que foram lançadas 3,3 mil unidades ao

longo do ano passado, um crescimento de 17,3% em relação a 2024, com um avanço de 50% no valor geral de vendas. O cenário aponta muitas oportunidades com a revisão dos Planos Diretores e com investimentos em empreendimentos nos setores de serviços, varejo e indústria.

Por outro lado, há preocupação com a instabilidade internacional dos combustíveis, que já inflaciona o mercado da construção. E mesmo que este seja um dos setores que mais empregam na macrorregião, há defasagem crescente de mão de obra.

“A industrialização completa da obra é uma tendência que faz a diferença no mundo e, aqui, tem potencial para solucionar os nossos gargalos. Cada vez mais o planejamento pré-obra se torna um diferencial. Isso torna o prazo das obras mais curto e, naturalmente, evita que elas sejam mais onerosas. Nessa tendência, os pré-fabricados, o uso de equipamentos para mobilidade na construção e

de paredes mais leves ganham espaço e, por consequência, reduzem a dependência de mão de obra no canteiro”, diz o diretor comercial da construtora Obra Pronta, Sarandi Bertiz.

Neste ano, representantes da construtora, que atua há 27 anos em obras empresariais na Região Metropolitana, cumpriram uma missão à China, justamente para aprimorar seus métodos às tendências construtivas mais eficientes. Dentro de padrões já possíveis de aplicação em terras gaúchas, a estimativa é de que a industrialização na construção civil poupa, em média, quatro meses de obras e até 30% em investimentos.

“São modelos que evitam o desperdício de material no canteiro de obras. O mercado tem pressionado o setor justamente pela eficiência em todos os sentidos. As construções inteligentes garantem economia elétrica e no uso de aparelhos de ar-condicionado”, comenta.

Entre os projetos recentes

executados pela construtora está a nova sede da Rede Pampa, na avenida Ipiranga, em Porto Alegre, e, em Canoas, uma unidade da concessionária Savar – neste, com a aplicação de métodos construtivos que garantiram maior eficiência térmica entre paredes e telhados, o projeto foi 20% mais econômico que uma obra tradicional.

Entre as entidades da construção, os métodos inteligentes, que atendam empreendimentos industriais e corporativos, cada vez mais complexos e tecnológicos, estão no centro dos debates. Neste mês de junho aconteceu um encontro da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) em Porto Alegre, tendo a reconstrução da planta industrial da Coca-Cola Femsa, pela empresa Lamb Engenharia, como caso de estudo. O desafio, relata a entidade, está nas estratégias para melhoria da produtividade, sustentabilidade e governança em obras industriais e corporativas.



Projeto da construtora Obra Pronta executado em Porto Alegre

VISÃO GLOBAL QUE IMPULSIONA O FUTURO DO RIO GRANDE DO SUL

Para quem vem.
Para quem vai.
Para quem escolhe ficar.

A única escola internacional do Rio Grande do Sul.

Há 60 anos, a Pan American forma cidadãos do mundo sustentada pelas raízes empreendedoras da capital gaúcha. Da educação infantil ao ensino médio, nossa comunidade internacional é um encontro de culturas que promove excelência acadêmica, empatia e impacto social.



@paspoa
(51) 3334 5866
www.panamerican.com.br
Av. João Obino, 110 - Petrópolis / Porto Alegre



PAN AMERICAN
THE INTERNATIONAL SCHOOL OF PORTO ALEGRE

CONSTRUÇÃO CIVIL

Produção de pré-moldados moderniza parque industrial



PREMOLD/DIVULGAÇÃO/JC

Com 40 anos de atuação, Premold investe em automação e modernização de processos

Processo responde à escassez de mão de obra nos canteiros

Eduardo Torres

Na Premold, empresa de Sapucaia do Sul, no Vale do Sinos, que completa 40 anos em setembro, acontece justamente o processo industrial que é tendência na construção civil. Na área de 12 hectares da indústria especializada nos pré-moldados, são 250 funcionários. A empresa responde à escassez nos canteiros de obras, mas também investe em automação e modernização de processos, como em outros setores industriais com limitações de mão de obra. No Rio Grande do Sul, segundo dados do Sinduscon-RS, a construção civil é responsável pela geração de 500 mil empregos diretos e indiretos.

“Na fábrica, todos os elementos de uma construção são produzidos em ambiente controlado, coberto, sem intempéries. Minimiza, por exemplo, aspectos como acidentes de trabalho e a rotatividade de funcionários”, comenta a sócia e gerente da Premold, Bárbara Souza.

Hoje, a empresa desenvolve um concreto de alto rendimento. Enquanto, in loco, nos canteiros de obras, o concreto leva até 28 dias para finalizar o processo de cura, na indústria, com a atual tecnologia, é possível finalizar este processo em 24 horas. E dali, entregar o produto nas obras. Com geração de resíduo zero, como assegura a gerente, a partir da sua central própria de produção de concreto, já conseguem produzir peças de até 50 toneladas.

“Há um ganho muito grande aos clientes em precisão. Produzimos aqui sob medida para cada projeto, e o resultado é a eficiência. Uma

empresa que, por exemplo, precise construir em uma área alugada, o prazo para entrega é essencial, e ele reduz em até 40%”, aponta Bárbara.

Entre os clientes da empresa estão grandes indústrias gaúchas como a CMPC e a Docile, mas também obras de infraestrutura que fazem o uso de placas de concreto desenvolvidas na indústria, como as atuais obras de duplicação da BR-116, ou algumas das obras de recuperação viária no após a cheia de 2024.

Segundo a empresária, há mais empresas buscando este modelo de construção. A procura pelas estruturas pré-fabricadas não chega a representar um boom, mas garante cada vez mais uma produção linear na indústria, algo que, alguns anos atrás, não era comum. Na atual estrutura, a Premold, além de produzir pré-moldados, também atua como construtora, mantendo entre cinco e seis projetos simultâneos.

Alta tecnologia em construção

Quando o passageiro entra no elevador, o espelho inteligente percebe a sua aproximação e se transforma em uma tela interativa, que troca informações com a pessoa e vira uma ferramenta de serviços e eficiência, tanto ao passageiro quanto a toda a estrutura do prédio. Essa tecnologia existe, e é desenvolvida em Guaíba, na Região Metropolitana, na fábrica e, antes disso, no centro de inovação da TK Elevator. Somente essa tecnologia já foi aplicada a mais de 100 unidades em todo o Brasil.

Conforme o CEO da empresa, Paulo Roberto Manfroi, não se trata mais de somente vender elevadores para “o novo prédio”: é a venda da engenharia completa, com toda a tecnologia e inovação existentes.

A renovação da construção civil, que representa uma oportunidade à economia da macrorregião, dialoga diretamente com a alta tecnologia não apenas nos padrões construtivos, mas na eficiência dos empreendimentos. Em Guaíba, a TK Elevator desenvolve e dispara para o mundo as tendências da mobilidade nos prédios modernos. Com o uso de Inteligência Artificial na aplicação da chamada internet das coisas, por exemplo, os elevadores da linha EOX regeneram energia para a rede elétrica do prédio e são capazes, a partir de monitoramento digital, de se conectarem com o centro de engenharia da empresa e, sem ajuda de ninguém, detectarem com antecedência eventuais problemas na operação e acionarem um técnico para a correção do problema.

Em junho deste ano, a TK Elevator inaugurou a nova estrutura do centro de desenvolvimento global, em Guaíba. Um prédio que vai

agrupar até 250 engenheiros com laboratórios de eletrônica, laboratório eletromagnético, seis elevadores de testes, além da integração de mecânica, eletrônica, digital e software para o desenvolvimento de novos produtos para o mundo – com ênfase nos mercados da América Latina.

“Em Guaíba, estamos no centro do Mercosul, com uma posição logística privilegiada e mão de obra qualificada para garantirmos aqui a liderança global no desenvolvimento de softwares aplicados à mobilidade. Centros no nível que, até então, eram desenvolvidos de maneira descentralizada entre Guaíba e Porto Alegre, só existem nos Estados Unidos, Alemanha, Espanha e China. Ao mesmo tempo em que a estrutura está aqui, o desenvolvimento de inovações é global, integrado”, define Manfroi. Ele conta que foram investidos R\$ 30 milhões somente na nova estrutura de desenvolvimento dentro da unidade industrial de Guaíba.

“Quando falamos na nova construção civil, o mundo quer maior eficiência energética, integração com o ambiente digital, mais verticalização nas construções. E isso exige tecnologia combinada com alta capacidade de velocidade nos equipamentos”, resume o executivo.

Inclusive com a ajuda de robôs. É o caso do Tommy, também desenvolvido aqui. Ele se conecta ao elevador e, a partir da portaria dos prédios, recebe encomendas dos moradores ou hóspedes e leva até o andar e apartamento a que são destinados. “O robô, inclusive, já interfone para a pessoa que receberá a encomenda”, conta o CEO da TK Elevator.

Liberação da exploração de areia no Guaíba favorece a construção

Depois de mais de 20 anos, as mineradoras de areia, que formam uma das bases na cadeia produtiva da construção civil na Região Metropolitana, agora estão em compasso de espera para o retorno da exploração de areia no Guaíba. Foi o que definiu o recente zoneamento da Fepam para a exploração no manancial. Uma medida que poderá aumentar a disponibilidade do material que é base para a produção de concreto, por exemplo, além de reduzir custos logísticos para o setor, que hoje compra o material das areias que atuam no Jacuí.

De acordo com o zoneamento, as empresas poderão explorar areia

em um espaço de 20,5 quilômetros quadrados – 4% do total da área do Guaíba – na região do município de Guaíba, em direção à Barra do Ribeiro. Foi ainda autorizado o uso da areia proveniente de ações de dragagem nos canais de navegação.

“A partir de agora, começa o processo de estudos e licenciamentos ambientais, além do loteamento das mineradoras autorizadas a atuar nessa região. É uma área pequena autorizada até o momento, e servirá para o setor agir de maneira correta e eficaz para seguirmos avançando. Hoje, temos condições de suprir o mercado da construção”, diz o presidente do Sindicato dos

Depósitos, Distribuidores e Comerciantes de Areia do RS (Sindareia-RS), Laércio Thadeu Pereira.

Segundo o presidente, a estimativa é que ainda demore alguns meses para que seja formalizado o reinício da exploração de areia na Região Metropolitana. Algo que pode representar uma retomada ao setor que, além da restrição legal, foi diretamente atingido pela enchente de 2024. Em 1996, por exemplo, eram 36 depósitos de areia somente em Porto Alegre; hoje, restaram apenas quatro. Do total de 50 empresas atuantes no setor em todo o Estado, 10 são da região.

A intenção é fornecer areia

mais próximo das empresas compradoras, que hoje chegam a perder até 16 horas entre ida e volta para a busca da área na região do Jacuí, Uruguaiana e no São Gonçalo, no Sul do Estado. Mas a estimativa de quanto poderá ser barateado o produto para a construção ainda não foi feita pelo Sindareia.

A exploração de areia no Guaíba foi autorizada entre 1985 e 2003, quando uma ação judicial proibiu a prática. Em 2020, a ação finalmente teve sentença final, definindo que caberia ao órgão ambiental estadual definir um zoneamento para a mineração. Algo que só se concretizou neste ano.

Mais cimento na região

O aquecimento da construção na região também motivou o anúncio da reativação, pela Votorantim Cimentos, do seu moinho de cimento em Esteio, no Vale do Sinos. Serão adicionadas 144 mil toneladas anuais de capacidade produtiva na unidade para abastecer o mercado gaúcho, chegando a uma produção total de 800 mil toneladas anuais. De acordo com a empresa, que domina boa parte do mercado nacional de insumos para a construção, o investimento responde ao crescimento da demanda por cimentos técnicos, que exigem desempenho específico, como maior durabilidade e resistência. É base, por exemplo, para a produção de concreto, utilizado na construção mais industrializada.

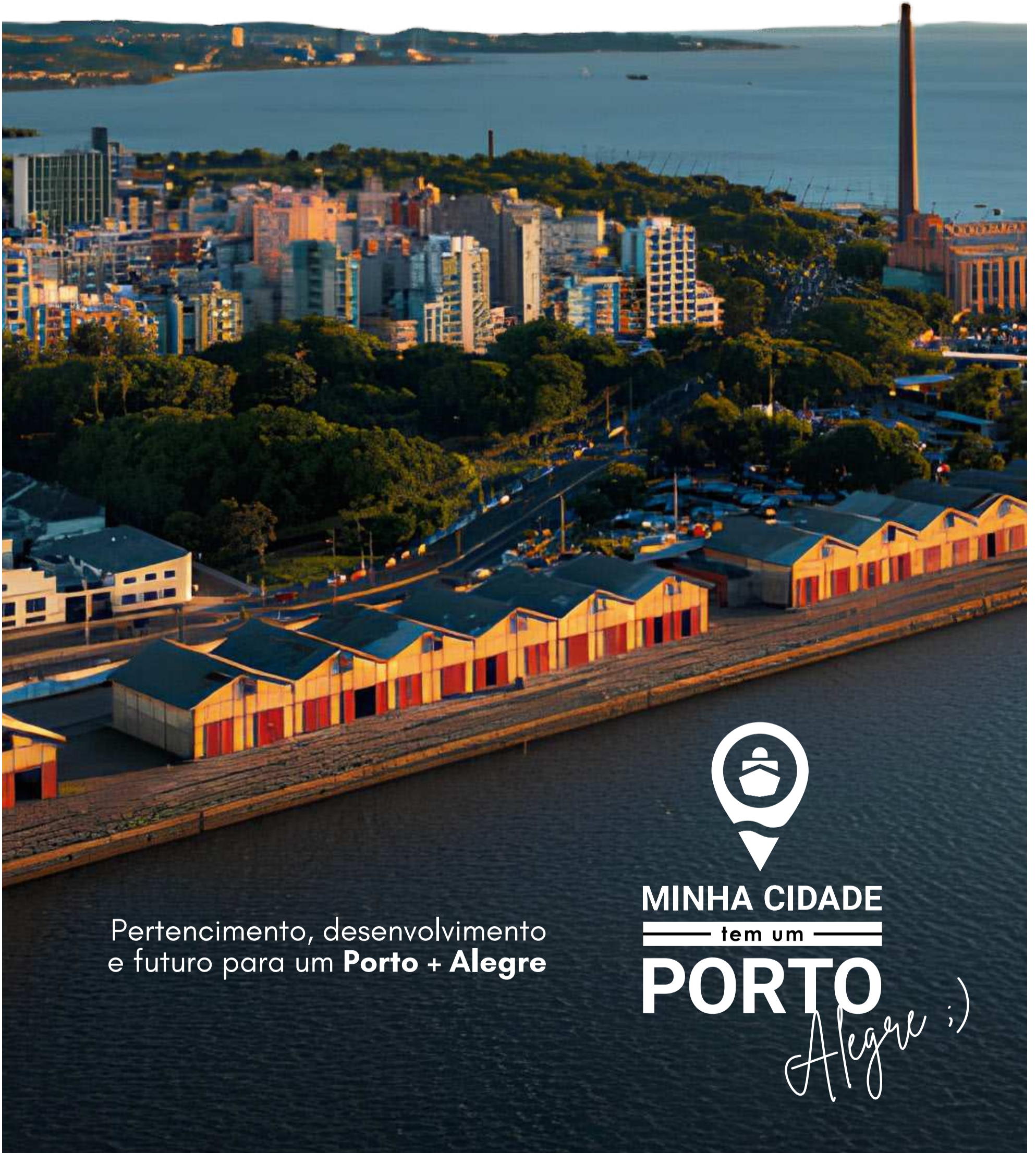
REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



APOIO



Pertencimento, desenvolvimento e futuro para um **Porto + Alegre**



MINHA CIDADE

— tem um —

PORTO

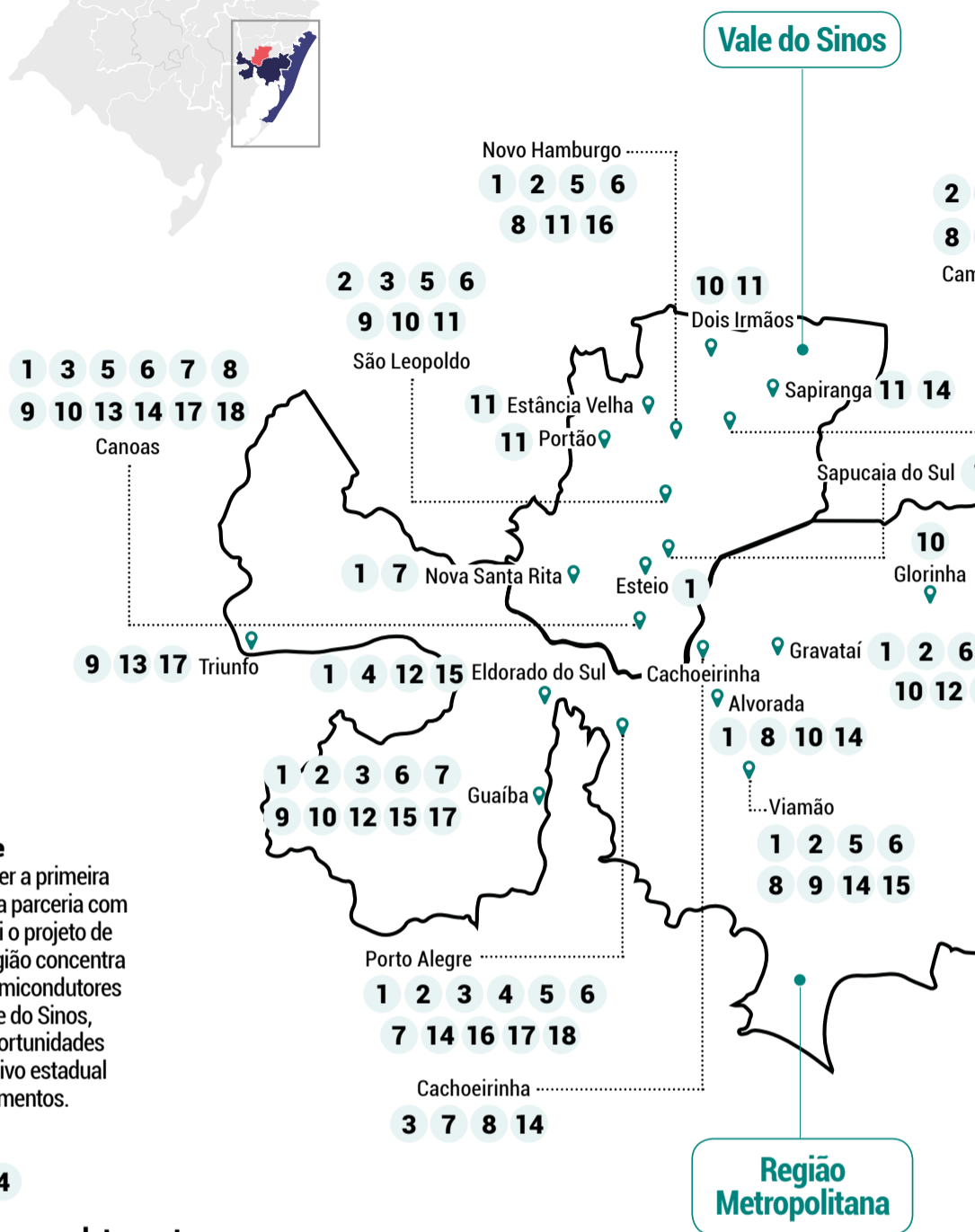
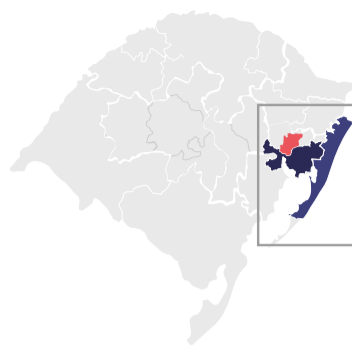
Alegre ;)

PANORAMA

Mapa aponta novas oportunidades para a Macrorregião Metropolitana do RS

Eduardo Torres, Ana Stobbe, Gabrieli Silva e Ana Esteves

Conheça 18 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul



1

Indústria da construção modernizada

Com a construção aquecida na Macrorregião Metropolitana, os modelos construtivos fora do canteiro de obras ganham espaço, garantem eficiência nos projetos e driblam a falta de mão de obra no setor, assim como estimulam o fortalecimento da cadeia produtiva da construção civil na região.

O período de revisão dos Planos Diretores é oportunidade tanto nos setores de habitação quanto no corporativo e de infraestrutura.

3

Hub de semicondutores se expande

Avança o projeto da Tellescom Semicondutores para erguer a primeira fase do futuro hub do setor em Cachoeirinha, a partir de uma parceria com uma empresa da Malásia. Em Porto Alegre, também evolui o projeto de produção de chips em parceria com a China no Ceitec. A região concentra o maior volume de empresas e de pesquisas no setor de semicondutores do Brasil. Também entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos, há protagonismo na indústria de eletroeletrônicos. Há oportunidades crescentes para este setor no futuro, inclusive com incentivo estadual para a formação de especialistas e atração de investimentos.

4

Polo atrativo para novos data centers

Deve ser concluída em 2027 a instalação do cabo submarino Malbec, que chegará até Porto Alegre e formará na região um anel de fibra ótica, infraestrutura fundamental para o desenvolvimento de data centers integrados com outros polos do continente. Na região, já são 10 data centers instalados e, em breve mais um, da Tecto, estará em operação na Capital. Em Eldorado do Sul, o projeto da Scala Data Centers, o AI City, que pretende erguer um megaprojeto na cidade, voltado ao armazenamento de dados para Inteligência Artificial, tem seu desenvolvimento ainda moroso em virtude de dúvidas sobre a demanda de energia para a nova estrutura.

2

Onde os caminhos da IA são traçados

Entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos, multiplicam-se os projetos de desenvolvimento em Inteligência Artificial. A Dell, em parceria com o Instituto Eldorado, inaugurou um laboratório de IA na estrutura do Instituto Caldeira, em Porto Alegre. Em São Leopoldo e Porto Alegre, o Senac desenvolve cursos de qualificação em IA voltados a estudantes do Ensino Médio e profissionais de fora da academia. Os parques tecnológicos da região garantem o protagonismo em inovação, que alimenta empresas da região e de todo o País.

5

Inovação em saúde

Um dos principais polos de referência em saúde do Brasil, a partir de Porto Alegre, o setor tem agregado valor às pesquisas, que se tornam projetos aplicados de inovação aos mais diversos segmentos de atendimento, biotecnologia, fármacos ou procedimentos médicos e hospitalares. No South Summit, a startup Núcleo Vitro, de Porto Alegre, ganhou o prêmio de "mais disruptiva", e hoje realiza ensaios e desenvolvimento de produtos para todo o Brasil e outros 11 países. É um exemplo do que tem se tornado um dos principais eixos de empresas e startups em todos os principais parques tecnológicos da região. No Hospital de Clínicas de Porto Alegre, por exemplo, um parque tecnológico próprio toma forma.

6

Universidades e Parques Tecnológicos

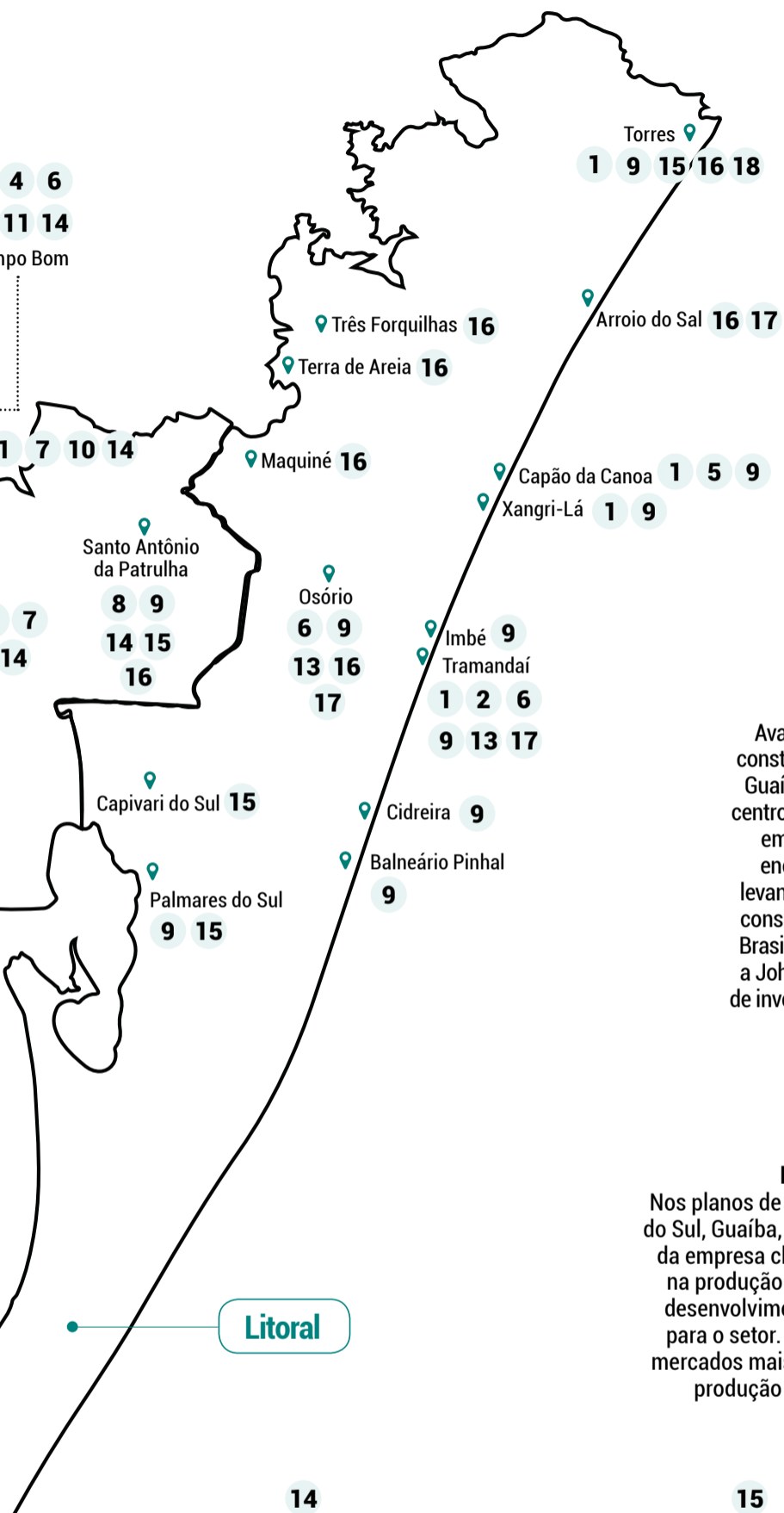
Uma nova instituição de ensino completamente voltada à inovação chega à Região Metropolitana: o Instituto de Tecnologia e Computação (Itec), em Gravataí, que iniciou o processo de seleção de professores com o objetivo de iniciar o ano letivo já em 2027. A área é uma potência educacional, com instituições de renome como Ufrgs, Ufcsa, Pucrs, Feevale, Unisinos e Uniritter. As universidades também se destacam pelos parques tecnológicos, como Tecnopuc, Tecnosinos, Zenit e CEI Ufrgs. A isso, somam-se também iniciativas como o Cedra, do Senai. Mas despontam ainda projetos independentes das instituições de ensino, como o Instituto Caldeira, em Porto Alegre, e o Aerociti, em Guaíba.

7

A casa dos grandes e-commerces do mundo

Com mais de 1 milhão de metros quadrados em áreas construídas por condomínios logísticos, o papel da Região Metropolitana como terreno fértil para este setor é cada vez mais relevante. Neste ano, a Shopee estabeleceu em Nova Santa Rita um centro de distribuição completo. No mesmo município, Amazon e Mercado Livre já estavam atuando. No eixo da ERS-118, além de Gravataí, que segue recebendo novos investimentos em condomínios logísticos, Cachoeirinha surge como novidade neste mercado do "last mile", pela proximidade com o maior mercado consumidor do Estado.





8

Eixos logísticos no foco dos investimentos

Obras no trecho urbano de Alvorada e na transformação da Estrada Caminho do Meio, entre Porto Alegre, Viamão e Alvorada, abrem caminho para um novo eixo logístico fundamental na rota do consumo e desenvolvimento da Região Metropolitana. Avançam as obras no trecho da BR-116 entre Porto Alegre e Novo Hamburgo e é esperada a retomada de obras da nova ponte do Guaíba. Está em compasso de espera a concessão do Bloco 1 de rodovias pelo governo do Estado, que incluiria a duplicação do trecho entre Alvorada e Viamão da ERS-118, além de trechos do Vale do Sinos e Litoral.

9

Transição energética mobiliza a região

A produção de biometano a partir de resíduos sólidos urbanos ou de agroindústrias já movimentava grandes indústrias em polos nevrálgicos da região, como o Polo Petroquímico de Triunfo, o setor de máquinas e ferramentas em São Leopoldo ou de equipamentos em Guaíba. A Bioo produz o gás sustentável em sua usina em Triunfo, e a CRVR inicia em breve a produção no aterro sanitário de São Leopoldo. Em Canoas, a Supergasbras recebeu o primeiro carregamento de BioGL, que em breve pode levar essa transição energética também para residências. A Região Metropolitana e o Litoral respondem ainda por 30% da geração eólica gaúcha. A demanda por energia limpa é uma tendência em praticamente todos os setores da economia da região.

10

Polo aeronáutico, automotivo e metalmeccânico

Avança o projeto para iniciarem as obras de construção da fábrica de aviões da Aeromot em Guaíba, e mais do que isso, a formação de um centro de tecnologia aeronáutico, com o Aerociti, em Guaíba. Em Gravataí, a General Motors encerrou o ciclo bilionário de investimento levando ao mercado seu novo modelo, o Sonic, considerado o SUV mais tecnológico da GM no Brasil. Indústrias de maquinário agrícola, como a John Deere e a Mahindra, também têm ciclos de investimento na região, voltados a tecnologias adaptadas aos terrenos gaúchos.

11

Couro e calçados abrem novos mercados

Enquanto a maior parte dos setores produtivos da região apresentam retração nas exportações, os setores do couro e dos calçados, que têm no Vale do Sinos o protagonismo, abrem oportunidades fora do Brasil. A indústria do couro, que tem 65% dos curtumes gaúchos no Vale do Sinos, já produz em alto padrão de qualidade e mira na oportunidade do acordo entre o Mercosul e a União Europeia. Entre os calçadistas, que têm no Vale do Sinos o terceiro maior polo produtor do País, a descoberta de mercados como El Salvador, para onde a Beira Rio negociou calçados para a rede pública de ensino, dribla os tarifas dos Estados Unidos e mantém bom resultado na balança comercial da região.

12

Evolução da celulose

Nos planos de investimentos da CMPC no Rio Grande do Sul, Guaíba, onde está instalado o parque industrial da empresa chilena, ocupa não apenas importância na produção de celulose e papel, mas também no desenvolvimento de novos produtos e tecnologias para o setor. A tendência futura é de conquista de mercados mais valorizados no exterior. Hoje, 95% da produção da CMPC em Guaíba é exportada.

13

Setor petroquímico é estratégico

Em meio à crise mundial do petróleo, a região tem papel estratégico na cadeia petroquímica e, inclusive, no caminho da descarbonização. Na Refap, em Canoas, a Petrobras desenvolve a produção de diesel menos poluente. Em Triunfo, as indústrias do Polo Petroquímico enfrentam a concorrência chinesa, mas garantem o desenvolvimento de novos produtos e de energia mais limpa e mantêm Triunfo como um dos principais exportadores gaúchos.

14

Produção de alimentos e bebidas fortalecida após a cheia

Setor fortemente atingido pela enchente, com 15% das empresas da Região Metropolitana e do Vale do Sinos diretamente atingidas, mostra recuperação vigorosa dois anos depois da tragédia. Em Canoas, onde houve o maior volume proporcional de empresas atingidas, a Panfácil investe mais de R\$ 40 milhões para ampliar a produção de pãezinhos congelados. Em Porto Alegre, as retomadas da Pastelina, Odara e Coca-Cola FEMSA são exemplares e mostram a oportunidade para o setor na região.

15

Produção de arroz

A cadeia produtiva do arroz segue como um dos pilares econômicos mais importantes de municípios do Litoral Norte e da Região Metropolitana de Porto Alegre, que se dedicam ao cultivo e industrialização do cereal. Mostardas tem a maior área plantada: 32,6 mil hectares, seguida por Viamão com 18,3 mil hectares, Palmares do Sul com 14,6 mil hectares e Eldorado do Sul com 11,7 mil hectares. Nesses municípios também se concentram as maiores beneficiadoras do grão das suas regiões.

17

Terminais portuários são potencial subutilizado

A movimentação de cargas e embarcações no porto da capital gaúcha ainda está 60% abaixo do que era registrado antes da enxurrada de 2024. Uma queda de movimentação que se expande aos terminais privados entre os canais de navegação da Região Metropolitana. A partir da dragagem dos canais, a retomada do fluxo se tornou viável. O desafio agora é agregar valor ao que é embarcado e desembarcado na região, de grãos a celulose, até cargas como transformadores, gás, polímeros e contêineres. No Litoral, os projetos para dois portos marítimos em Arroio do Sal passam pelas primeiras audiências de consultas públicas.

18

Aeroportos

Em Porto Alegre, o Aeroporto Internacional Salgado Filho mantém trajetória de crescimento em 2026 e consolida a recuperação observada ao longo de 2025. Entre janeiro e abril deste ano, o principal terminal aéreo do Rio Grande do Sul movimentou 2,6 milhões de passageiros, conforme a concessionária Fraport Brasil, reforçando sua posição como principal hub da aviação gaúcha. Já no Litoral Norte, a expectativa em torno da entrada do aeroporto de Torres na malha aérea comercial segue mobilizando investimentos públicos e estratégias de desenvolvimento. Ainda não há data definida para o início dos voos regulares.

16

Agricultura familiar e fruticultura

Lomba Grande, em Novo Hamburgo, tem se destacado como polo produtivo para agricultores familiares. Já produtores de frutas encontram nos municípios do Litoral Norte as condições necessárias para o desenvolvimento, principalmente de abacaxi e banana, e outras frutas menos conhecidas, como pitaya e açaí de juçara. A proximidade com Porto Alegre e a Região Metropolitana valorizam a produção.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Aumento de população e economia aquecida alavancam construção civil

Lançamentos disparam em polos regionais como Hortênsias, Litoral Norte, Vale do Taquari e Passo Fundo

Ana Stobbe

O mercado da construção civil está aquecido em diversos locais do Rio Grande do Sul, mas é possível identificar alguns polos que avançam mais rapidamente. Por trás disso há algumas explicações: são áreas nas quais a população cresce mais rapidamente ou que concentram indústrias e serviços, ou seja, onde a economia também está sendo alavancada.

O Vale do Taquari, por exemplo, está crescendo consideravelmente. Na edição de 2025 do Mapa Econômico do RS, a situação ficou evidente, relacionada a migrações intrarregionais devido às enchentes de 2023 e 2024. Apenas em Teutônia, conforme apuração do Jornal do Comércio, foram acrescentados 3 mil novos moradores no pós-cheias aos 32.797 habitantes que já residiam no município, segundo o Censo de 2022.

Na construção civil da região, o número se reflete. Afinal, houve um aumento de 623% nas unidades verticais lançadas ao longo do primeiro semestre de 2025 em relação ao mesmo período do ano anterior, passando, em números absolutos, de 60 para 434. Os dados são de um estudo encomendado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) à Brain Inteligência Estratégica.

"A região de Lajeado se destaca, tem uma pujança financeira grande e é um polo da construção civil, embora num estágio um pouquinho menor do que outros. Dizemos que o RS tem pontos que vão se destacando e Lajeado também é um local importante", descreveu o então presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil (Sinduscon-RS) no período

da análise, Claudio Teitelbaum.

Outra região em franca expansão é o Litoral Norte, que concentra o maior aumento populacional entre os dois últimos Censos: 25,8%. E é lá onde está o segundo metro quadrado vertical mais caro do Estado, atrás apenas da conurbação formada por Gramado e Canela – outro local que cresce demograficamente acima de dois dígitos. "Estão crescendo muito no Estado os imóveis turísticos e de lazer. Nisso, entram Gramado, a Serra Gaúcha e até mesmo a Campanha (na Macrorregião Sul), que está investindo em olivicultura e enoturismo. E o Litoral Gaúcho está tendo um bom desempenho de vendas nesse sentido e, também, como segunda moradia. Esses são braços que devem puxar o mercado imobiliário", acrescenta Teitelbaum.

Não à toa, Gramado foi a cidade escolhida para sediar um dos 18 investimentos bilionários anunciados ou realizados no Rio Grande do Sul em 2025, justamente no setor de lazer e moradia: o Sirena Gramado, com aporte de R\$ 1,2 bilhão.

Vale ressaltar que, entre 2010 e 2022, datas dos últimos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas três Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) apresentaram aumento populacional de dois dígitos: Vale do Taquari, Litoral Norte e Hortênsias. Todas elas também se destacam em crescimento na construção civil.

Por outro lado, há cidades que aumentam a oferta de serviços, recebem cada vez mais indústrias e, conseqüentemente, passam a crescer economicamente. E o mercado de trabalho aquecido não apenas a auxilia a ampliar sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) estadual, mas, também, a atrair novos moradores.

Passo Fundo e Caxias do Sul são exemplos disso: cidades que se transformaram em polos econômicos regionais e que têm crescido no ramo da construção.

Ranking de população no RS por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

Corede	População 2010	População 2022	Varição	Percentual da população gaúcha	Macrorregião no Mapa Econômico
1. Metropolitano	2.420.362	2.356.190	-2,65%	21,6%	Metropolitana
2. Vale do Rio dos Sinos	1.290.417	1.332.814	3,29%	12,2%	Metropolitana
3. Serra	862.377	940.311	9,04%	8,6%	Serra
4. Sul	843.206	819.462	-2,46%	7,5%	Sul
5. Fronteira Oeste	530.150	509.159	-3,96%	4,6%	Sul
6. Vale do Rio Pardo	418.093	424.237	1,47%	3,9%	Central e Vales
7. Central	391.555	393.423	0,48%	3,6%	Central e Vales
8. Litoral	296.083	372.693	25,87%	3,4%	Metropolitana
9. Produção	338.049	369.768	9,38%	3,4%	Norte
10. Vale do Taquari	327.723	361.273	10,24%	3,3%	Central e Vales
11. Centro-Sul	253.461	245.561	-3,12%	2,25%	Sul
12. Missões	247.996	240.593	-2,99%	2,21%	Norte
13. Norte	221.418	222.274	0,39%	2,0%	Norte
14. Campanha	216.269	215.447	-0,38%	1,97%	Sul
15. Paranhana-Encosta da Serra	204.850	209.953	2,49%	1,92%	Serra
16. Fronteira Noroeste	203.487	209.168	2,79%	1,92%	Norte
17. Vale do Caí	169.632	185.756	9,51%	1,7%	Serra
18. Noroeste Colonial	166.607	175.309	5,22%	1,6%	Norte
19. Médio Alto Uruguai	148.388	154.343	4,01%	1,42%	Norte
20. Alto Jacuí	155.278	152.876	-1,55%	1,4%	Norte
21. Hortênsias	126.965	149.675	17,89%	1,3%	Serra
22. Celeiro	141.502	135.755	-4,06%	1,25%	Norte
23. Jacuí Centro	143.402	133.980	-6,57%	1,23%	Central e Vales
24. Nordeste	126.798	130.933	3,26%	1,20%	Norte
25. Rio da Várzea	130.548	129.702	-0,65%	1,19%	Norte
26. Vale do Jaguarí	117.266	111.066	-5,29%	1,0%	Central e Vales
27. Campos de Cima da Serra	98.020	100.839	2,89%	0,93%	Serra
28. Alto da Serra do Botucaraí	100.027	98.045	-1,98%	0,90%	Norte
Total - Rio Grande do Sul	10.693.929	10.882.965	1,77%	100%	

FONTE: IBGE

JOÃO DIENSTMANN/ESPECIAL/JC



Litoral Norte tem o 2º metro quadrado vertical mais caro do Estado; na foto, prédio em construção em Torres

Saiba onde houve crescimento populacional no Rio Grande do Sul entre 2010 e 2022

O Rio Grande do Sul ganhou pouca população entre 2010 e 2022, anos em que foram realizados os últimos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apenas 3 dos 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) cresceram demograficamente com índices de dois dígitos:

- 📍 **Litoral Norte +25,8%**
- 📍 **Hortênsias +17,89%**
- 📍 **Vale do Taquari +10,24%**

PORTOS

Movimentação portuária ainda busca recuperação

Transporte de cargas não retomou patamar do período pré-enchente

Eduardo Torres

Dois anos depois da cheia, os números mostram que o porto da capital gaúcha ainda se ressentido do baque. A movimentação de cargas na estrutura fundamental para a balança comercial da Capital até aumentou 36% no primeiro quadrimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2025. No entanto, no comparativo com 2024, justamente com o período pré-enxurrada, tem movimentado 64% a menos. Entre janeiro e abril, incluindo as movimentações do porto público e dos terminais da região, foram 126,8 mil toneladas transportadas pelos canais, em apenas 17

embarcações – 1,36% da movimentação de embarcações do Estado.

"Toda a infraestrutura portuária e dos canais foi afetada pela enchente. A partir de janeiro deste ano, tivemos os principais canais de navegação entregues após o longo processo de dragagem, e já recuperamos parte do movimento. Claro que uma das características principais de Porto Alegre é o de um porto importador, especialmente de fertilizantes e grãos, e há questões geopolíticas importantes que reduzem a importação desses insumos e afetam diretamente a balança comercial do porto. Nosso desafio agora é seguir investindo em infraestrutura para atraímos novos parceiros e ampliarmos a exportação a partir da Capital", diz o diretor de operações da Portos RS, Bruno Almeida.

Segundo ele, historicamente o porto movimentava entre 800 mil e 1

milhão de toneladas anuais, em sua maioria, com cargas que chegam à Capital. Nos primeiros quatro meses do ano, 54% da carga movimentada entre os terminais foi de fertilizantes e outros 30% de cevada, que abastece a maltaria da Ambev em operação no

Terminais da região

- Porto de Porto Alegre
- Terminal Santa Clara (Triunfo)
- Bianchini Canoas
- Terminal de Gás (Tergasul)
- Niterói (Canoas)
- CMPC Guaíba
- Terminal Aquaviário de Osório
- Terminal Almirante Soares Dutra (Tramandaí)
- Porto Meridional (Arroio do Sal)*
- Porto Litoral Norte (Arroio do Sal)*
- Difini (Guaíba)*

* em fase de projeto

(FONTE: PORTOS RS)

bairro Navegantes. O trigo respondeu por 15% do movimento e as chamadas cargas gerais, que incluem o transporte de transformadores, toras e gás, por exemplo, representaram somente 0,39% do movimento portuário.

"A infraestrutura para exportações já temos, mas há subutilização. Hoje, boa parte dos transformadores produzidos na Região Metropolitana são transportados por balsas, no Tecon, em Triunfo, há duas escalas semanais de contêineres, e a ocupação do cais, de modo geral, é baixa. Temos potencial para sermos mais atrativos, e por isso estamos em busca de novos parceiros e investindo na melhoria das estruturas nessa retomada após a enxurrada", explica.

Estava prevista para junho a abertura da licitação do projeto de revitalização do porto, com R\$ 40 milhões garantidos pelo Funrigs. As obras representarão principalmente avanços em resiliência, como balanças mais modernas e elevadas, e a renovação de toda a rede elétrica da zona portuária.

Em outra frente, o arrendamento de áreas tende a ser acelerado. O

A estrutura portuária

- **R\$ 40 milhões** é o valor estimado para a revitalização da estrutura portuária de Porto Alegre, com licitação prevista para este ano
- **R\$ 74 milhões** são os aportes da Portos RS em dragagens, monitoramento e sinalização para a navegação interna no Estado
- Nos primeiros quatro meses do ano, o porto da capital gaúcha e os terminais da região movimentaram **126,8 mil toneladas transportadas** pelos canais em 17 embarcações
- Movimento é **64%** inferior ao de 2024, antes da enchente

terminal POA 2, por exemplo, arrendado pela Serra Morena em 2023, deve receber investimentos a partir de agora. O POA26, no Navegantes, foi arrematado no começo deste ano pelo consórcio catarinense Portos do Sul, no terceiro leilão realizado. A área de 22 mil metros quadrados deverá receber R\$ 21,1 milhões em investimentos no período de 10 anos.

Ainda neste ano, pelo menos um terminal, o POA20, deve entrar na lista de leilões do governo federal.

TODA EMPRESA QUE PENSA NO FUTURO VALORIZA BONS TALENTOS

No CIEE-RS, acreditamos que desenvolver talentos também é uma decisão estratégica. Há mais de cinco décadas, conectamos empresas e jovens estudantes, contribuindo para a geração de oportunidades e o fortalecimento do futuro do Rio Grande do Sul.

ACESSE E CONHEÇA O CIEE-RS



- @ciee_rs
- @ciee-rs
- @ciee-rs
- @cieers
- cieee-rs

CIEE
RS



AVIAÇÃO

Salgado Filho mantém ritmo de recuperação

Aeroporto de Porto Alegre movimenta 2,6 milhões de passageiros no primeiro quadrimestre de 2026

Gabrieli Silva

O Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, mantém trajetória de crescimento em 2026 e consolida a recuperação observada ao longo de 2025. Entre janeiro e abril deste ano, o maior terminal aéreo do Rio Grande do Sul movimentou 2,6 milhões de passageiros, reforçando sua posição como principal hub da aviação gaúcha.

Os dados da concessionária Fraport Brasil mostram que o aeroporto recebeu 682 mil passageiros em janeiro, 588 mil em fevereiro, 673 mil em março e 657 mil em abril. O volume acumulado representa uma média mensal superior a 650 mil passageiros e mantém o terminal entre os 10 aeroportos mais movimentados do País. No mesmo período, foram registradas 23.445 operações de pousos e decolagens, além da movimentação de 10,4 mil toneladas de cargas transportadas.

O desempenho de 2026 ocorre após a recuperação consolidada registrada em 2025, quando o Salgado Filho movimentou 7,5 milhões de passageiros, superando ligeiramente os 7,4 milhões contabilizados em 2023, último ano completo antes da interrupção



Desempenho registrado no início deste ano consolida recuperação conquistada em 2025, após ano de retração devido à paralisação em 2024

das operações provocada pelas enchentes de 2024.

A análise histórica mostra o peso do terminal porto-alegrense na aviação estadual, que após a pandemia reduziu o movimento dos aeroportos gaúchos de 9,5 milhões de passageiros em 2019 para 4,2 milhões em 2020. A recuperação ocorreu gradualmente, com 6 milhões de passageiros em 2021, mais de 8 milhões em 2022 e 8,7 milhões em 2023. Em 2024, a paralisação do Salgado Filho provocou nova retração, reduzindo o fluxo estadual para 6,4 milhões de passageiros.

Responsável historicamente por mais de 90% da movimentação aérea do Rio Grande do Sul, o aeroporto concentra a maior oferta de voos domésticos e

internacionais do Estado e funciona como principal ponto de conexão com grandes centros nacionais e internacionais. Entre as rotas de maior demanda estão as ligações com São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, além dos voos para Lisboa, Cidade do Panamá, Buenos Aires, Santiago e Lima.

Entre março e junho deste ano, o aeroporto registrou recorde histórico de movimentação para o quadrimestre e, com a chegada da temporada de inverno, a expectativa é ampliar ainda mais a circulação de passageiros. Entre junho e agosto, a projeção da concessionária é movimentar mais de 2 milhões de passageiros em cerca de 15 mil voos.

A expansão da malha aérea incluiu reforço em destinos nacionais

e internacionais. Buenos Aires passará a contar com oito voos semanais diretos, somando operações da Aerolíneas Argentinas e da Latam. Lisboa terá quatro frequências semanais operadas pela TAP, enquanto a Copa Airlines ampliará de sete para nove voos semanais para a Cidade do Panamá. Santiago, no Chile, chegará a 10 frequências semanais a partir de julho.

A temporada também contará com novas operações sazonais para Bariloche, na Argentina, e Maceió, além do reforço de voos para Salvador e da retomada da rota Porto Alegre–Foz do Iguaçu.

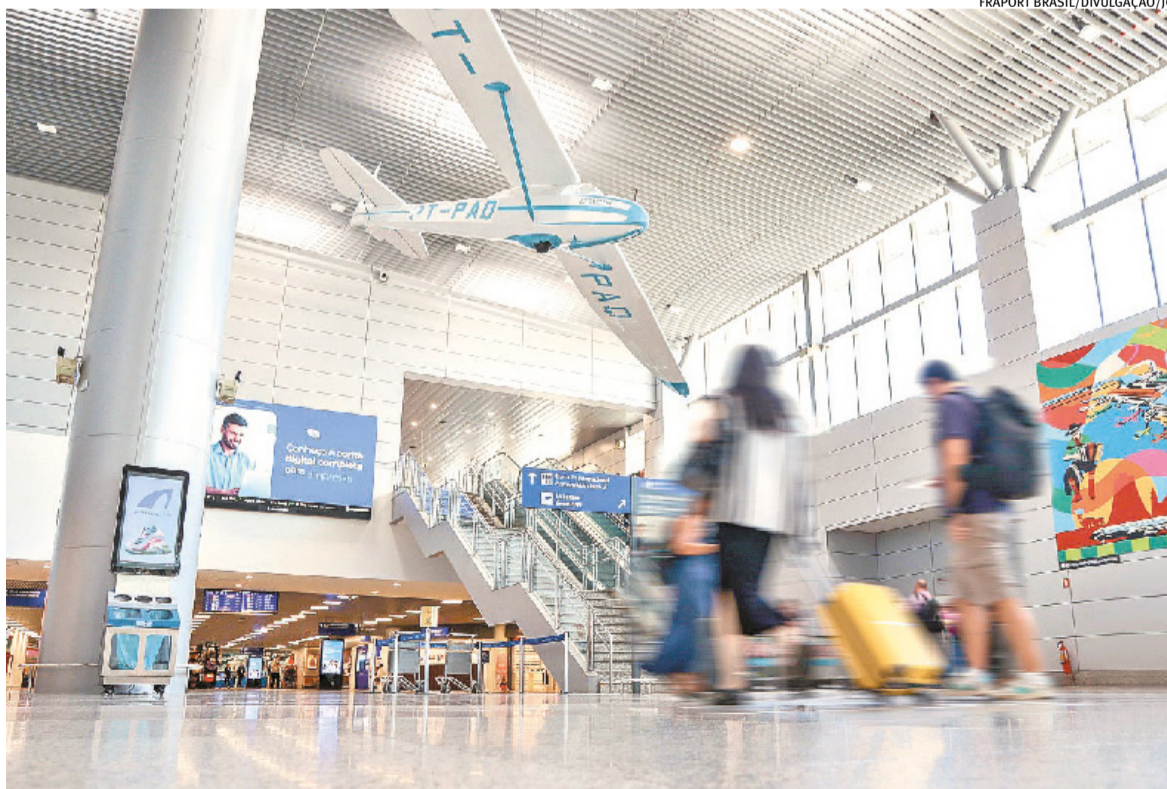
Paralelamente à expansão da

malha aérea, o aeroporto investe em infraestrutura para acompanhar o aumento da demanda como o terminal que passa por uma modernização da praça de alimentação e inaugurou recentemente uma nova sala Vip internacional, operada pela W Premium Lounge, elevando para quatro o número de lounges disponíveis aos passageiros.

Enquanto isso, os aeroportos regionais mantêm papel complementar na malha aérea gaúcha, atendendo demandas específicas de regiões econômicas estratégicas, como a Serra Gaúcha e o Norte do Estado.

Aeroporto Internacional Salgado Filho – Porto Alegre

- **Tipo:** Público federal, administrado pela concessionária Fraport Brasil
- **Pista:** 3.200 metros x 45 m, pavimentada (asfalto)
- **Operação:** Voos domésticos e internacionais, aviação comercial regular, cargas e aviação executiva; operações diurnas e noturnas por instrumentos (IFR)
- **Capacidade:** Aeronaves de todos os portes, incluindo wide-bodies em operações internacionais
- **Função:** Principal hub da aviação gaúcha, integração nacional e internacional, transporte de passageiros e cargas
- **Status:** Operacional, com malha aérea nacional e internacional consolidada e recuperação plena da demanda após a reabertura em 2025
- **Área de influência:** Região Metropolitana de Porto Alegre e todo o Rio Grande do Sul, além de conexões com países da América do Sul e Europa
- **Movimentação:** 7,513 milhões de passageiros em 2025, representando mais de 90% do tráfego aéreo do Rio Grande do Sul
- **Principais rotas:** São Paulo (Congonhas, Guarulhos e Viracopos), Rio de Janeiro, Brasília, além de destinos internacionais como Lisboa, Cidade do Panamá, Buenos Aires, Santiago e Lima
- **Principais obras:** Recuperação completa da infraestrutura aeroportuária, adequação operacional pós-enchentes, modernização dos sistemas de apoio à navegação e melhorias nos terminais
- **Gargalos:** Ampliação da oferta internacional e expansão da capacidade logística



Aeroporto Internacional de Porto Alegre é responsável por mais de 90% da movimentação aérea do RS

AVIAÇÃO

Aeroporto de Torres busca operação comercial

Ainda não há data definida para o início de voos regulares no município do Litoral Norte

Gabrieli Silva

A expectativa em torno da entrada do aeroporto de Torres na malha aérea comercial segue mobilizando investimentos públicos e estratégias de desenvolvimento regional no Litoral Norte gaúcho. Embora ainda não haja uma data definida para o início dos voos regulares, a prefeitura e a Infraero mantêm ações voltadas à preparação da infraestrutura aeroportuária e do entorno urbano para viabilizar a futura operação.

Segundo o secretário de Turismo de Torres, Gabriel de Mello, o município tem concentrado esforços em

obras de mobilidade e planejamento urbano que ampliam a conectividade da região com o terminal aeroportuário. Entre os principais investimentos está a melhoria da Estrada dos Cunhas, que cria um novo acesso entre a BR-101 e a Estrada do Mar, aproximando o aeroporto dos principais corredores logísticos e turísticos do município.

Também estão em andamento intervenções na Estrada do Mar, especialmente no trecho de acesso a Torres, recentemente municipalizado, com foco em iluminação e qualificação viária. Paralelamente, a prefeitura avança em processos de regularização fundiária no entorno do aeroporto, considerados estratégicos para permitir futuras expansões e novos empreendimentos.

No âmbito aeroportuário, a Infraero prossegue com adequações

operacionais, incluindo obras relacionadas à homologação do sistema Precision Approach Path Indicator (Papi), equipamento que auxilia procedimentos de pouso e decolagem, além de intervenções na área operacional do terminal.

O município também trabalha para consolidar a demanda necessária à operação comercial e, em parceria com a Infraero, o governo estadual e o setor turístico, busca viabilizar voos charter para a temporada de verão. Atualmente, o terminal já recebe voos privados e particulares. O principal desafio, segundo a administração municipal, é criar condições econômicas que garantam a sustentabilidade das futuras operações regulares. Para isso, estão sendo estruturados roteiros turísticos integrados e parcerias comerciais capazes de ampliar a ocupação das aeronaves.



TÂNIA MEINERZ/JC

Prefeitura e Infraero mantêm ações para a preparação da infraestrutura

Aeroporto Regional de Torres

- **Tipo:** Público federal, administrado pela Infraero
- **Pista:** 1.500 metros x 30 m, pavimentada (asfalto)
- **Operação:** Aviação geral e executiva; apto para operações diurnas e noturnas
- **Capacidade:** Aeronaves de pequeno e médio porte
- **Função:** Integração regional, turismo, aviação executiva e potencial operação de cargas
- **Status:** Operacional para voos

privados; em preparação para futura operação comercial regular

- **Área de influência:** Torres e os 23 municípios do Litoral Norte gaúcho e Serra
- **Principais obras:** Homologação do sistema Papi, adequações operacionais e melhorias no entorno aeroportuário
- **Gargalos:** Consolidação da demanda para voos regulares e definição de rotas comerciais sustentáveis

Inovação, Tecnologia, Talento e Transporte movem o RS

O Rio Grande do Sul pulsa inovação, desenvolve tecnologias de ponta e cultiva um capital humano extraordinário.

A integração logística alimenta e irriga cada região do nosso Estado. É o elo estratégico que transforma o potencial do RS em realidade econômica.

A FETRANSUL orgulha-se de ser o pilar que fortalece o Transporte e a Logística do RS, garantindo uma agenda positiva e um caminho para o crescimento.

A força do transporte integrando o RS

FETRANSUL

A Força do Transporte e da Logística no RS



INOVAÇÃO

Inovação em saúde garante protagonismo para a região



ELOISA NUNES/NÚCLEO VITRO/DIVULGAÇÃO/JC

Startup da capital gaúcha está entre os principais polos tecnológicos da Região Metropolitana

Iniciativa Núcleo Vitro foi reconhecida como a mais disruptiva do South Summit Brazil deste ano

Eduardo Torres

O que começou como um desafio, em 2019, para encontrar alternativa aos testes da indústria, principalmente de cosméticos, em animais, neste ano recebeu o reconhecimento como a startup mais disruptiva do South Summit Brazil, em Porto Alegre. E aumentou ainda mais a visibilidade da Núcleo Vitro, que tem seus laboratórios na Zona Norte de Porto Alegre, no mercado mundial.

A startup é uma das pelo menos 80 atuantes ou em formação entre os principais polos tecnológicos da Região Metropolitana.

"Já vínhamos evoluindo nos últimos anos, mas com a premiação, aumentaram muito os nossos contatos e, inclusive, as contratações de novos estudos pela indústria", conta a fundadora da startup, Bibiana Matte.

Nos últimos dois anos, a empresa aumentou em 60% o seu faturamento e atende atualmente a 350 empresas entre o Brasil e 11 países no exterior. A Núcleo Vitro, com sete profissionais – sendo seis mulheres – exporta uma especialidade da região: a inovação em saúde. Em praticamente

todos os parques tecnológicos da região a área da saúde tem protagonismo. A Núcleo Vitro é uma das 10 empresas e startups do setor da saúde vinculadas ao Tecnosinos.

Neste caso, a pesquisa iniciada por Bibiana desenvolveu, em um primeiro momento, modelos sintéticos que reproduzem a pele, e avançou. Atualmente, a Núcleo Vitro também desenvolve tecidos de órgãos internos, como fígado e intestino. Uma tendência na qual a empresa de Porto Alegre tomou a dianteira. Hoje, a indústria de cosméticos banuiu, definitivamente, os testes em animais.

"Somos demandadas por empresas que pretendem desenvolver novos produtos ou testar a eficácia de produtos, tanto na área de cosméticos, quanto de bebidas, suplementos ou farmacêuticos", detalha.

Entre as linhas de produtos desenvolvidos a partir deste trabalho estão, por exemplo, protetores solares que melhoram a relação da pele com a poluição do ar ou, ainda, que garantam maior proteção contra a luz azul das telas dos aparelhos eletrônicos, tão comuns no nosso cotidiano. Testes que comprovem a biodisponibilidade de energéticos e suplementos alimentares também são comuns no dia a dia do laboratório da Núcleo Vitro.



MANOELA KIRSTEN/NÚCLEO VITRO/DIVULGAÇÃO/JC

Laboratório iniciou buscando alternativa aos testes em animais

O polo tecnológico dentro do hospital

Porto Alegre concentra o segundo maior núcleo acadêmico e médico do Brasil, atrás somente de São Paulo. E detém o maior volume de registros de propriedade intelectual na pesquisa em saúde. Somente no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, foram 1.032 artigos científicos publicados no ano passado.

Este potencial já dialoga com o desenvolvimento de inovação por meio de um núcleo próprio dentro do hospital, mas a partir de julho deste ano – após a inauguração em junho –, o Hospital de Clínicas contará com um polo tecnológico próprio, o HCPATec, que tem um desafio bem claro, como define o diretor-presidente do hospital, Brasil Silva Neto. "Existem dois pontos a serem considerados: a inovação e a assistência em saúde, e elas precisam dialogar na busca de soluções para o setor. O grande desafio, que estamos estimulando com a criação do HCPATec, é garantir acesso equânime das pessoas ao que há de novas tecnologias e diminuir o custo dessas novidades. Com um polo tecnológico bem estruturado, teremos ainda mais condições de atrairmos para dentro do ambiente hospitalar muitos parceiros para um desenvolvimento colaborativo de inovações, além do intraempreendedorismo, com o estímulo às pessoas que já atuam no hospital a desenvolverem inovação".

O HCPATec ocupará 600 metros quadrados no segundo andar do novo prédio do complexo hospitalar. Uma estrutura que recebe R\$ 8,4 milhões em aportes da Finep e R\$ 1,1 milhão da própria instituição federal.

"É um núcleo de inovação e de transferência tecnológica em saúde, em permanente contato, inclusive físico, por meio de uma passarela, com o hospital. Isso é muito

positivo e, com o nosso núcleo de inovação, criado no início dos anos 2000, já temos colhido frutos com aplicação direta no dia a dia. São projetos que envolvem desde próteses, fármacos até IA aplicada à saúde", comenta o diretor.

No histórico de inovações reais surgidas dentro do Hospital de Clínicas há projetos como próteses para reconstrução de ossos do ouvido, estimuladores transcranianos, dispositivos de segurança física para idosos e sistemas de gestão em saúde atualmente aplicados em todo o Brasil.

Hoje, o Hospital de Clínicas já conta com 10 startups incubadas e pré-incubadas. Entre os trabalhos em desenvolvimento, há projetos como a impressão de comprimidos em 3D, sistema de gestão de pacientes após a alta e o desenvolvimento de "exergames" (junção de "exercício" e "games", são jogos eletrônicos que demandam movimento físico para interagir) para tratamento de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Saúde nos principais parques tecnológicos

- **Tecnopuc:** o Biohub concentra outras 31 empresas e startups.
- **Tecnosinos:** são 10 empresas do setor de saúde e biotecnologia.
- **Zenit:** na Incubadora Empresarial do Centro de Biotecnologia da Ufrgs, são 25 startups.
- **Feevale Techpark:** concentra 14 empresas do setor de saúde.

Polos da saúde na região

- 📍 Porto Alegre
- 📍 Canoas
- 📍 Capão da Canoa
- 📍 Viamão
- 📍 Novo Hamburgo
- 📍 São Leopoldo



CLÓVIS PRATES/HCPA/DIVULGAÇÃO/JC

HCPATec é o Polo Tecnológico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre

INOVAÇÃO

Da produção na Malásia ao hub em Cachoeirinha

Grupo Tellescom projeta iniciar obras da primeira fábrica no início de 2027

Eduardo Torres

Ainda na fase de licenciamentos para o seu arrojado projeto de criar em Cachoeirinha um complexo industrial para encapsulamento e testes de chips (semicondutores), o Grupo Tellescom projeta iniciar as obras da primeira fábrica entre janeiro e fevereiro de 2027, com aporte de US\$ 170 milhões (R\$ 861,9 milhões). A expectativa, de acordo com o CEO da Tellescom, Ronaldo Aloise Júnior, é iniciar a produção no município em até três anos, mas isso não significa que o projeto anunciado no ano passado, que prevê quatro unidades em 10 anos na área da antiga Cientec, está em espera.

“Já iniciamos a busca ao mercado de futuros clientes e fornecedores,

especialmente nos setores automotivo, de telecomunicações e energia. A demanda está muito maior do que projetamos nos planos iniciais do investimento, há três anos, especialmente na área que estamos priorizando, de semicondutores de ‘não memória’, sem envolver, por exemplo, a inteligência artificial”, aponta.

Por isso, a produção, de fato, já deve iniciar no final deste ano, mas longe daqui, em uma linha de produção montada na Malásia, onde atua um dos financiadores e parceiros no futuro empreendimento da Tellescom. Parte do futuro time de engenheiros e outros especialistas, inclusive, embarcará para o país asiático.

A Tellescom agora trata de concretizar contratos de parceria em pesquisa com o Tecnopuc, o ITT Chip, da Unisinos, e também com o Ceitec. E há ainda os contatos, especialmente com grandes montadoras automotivas e seus sistemistas. “Serão nessas estruturas que pretendemos operar

os primeiros projetos de design e integração de circuitos. A ideia é fomentarmos o cluster completo de chips da região e desenvolvermos a próxima geração de veículos, modems ou roteadores”, conta o executivo.

Além da fábrica que, nesta primeira unidade deve ocupar até quatro hectares, chegando a 20 hectares com as quatro unidades fabris, a Tellescom pretende criar em Cachoeirinha um centro tecnológico próprio, com área educacional e parque disponível para outras empresas do setor.



TÂNIA MEINERZ/JC

Demanda é maior que a projetada inicialmente, afirma CEO da empresa

Em Porto Alegre, parceria com chineses

A reativação do Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec), em Porto Alegre, para a produção de chips, como planejado pelo governo federal, avança com a chegada de novo maquinário importado ao Estado. O projeto é entrar no mercado de chips de carbeto de silício,

usado no setor de energia, com a arrancada da nova produção prevista ainda para 2026. Para o plano decolar, ainda é negociada uma parceria com a chinesa GPT, para atuar com transferência de tecnologia. O avanço de parcerias com o Brasil – tendo a Macrorregião Metropolitana como

ponto nevrálgico – ampliaria a capacidade produtiva dos chineses. Mas o Ceitec não está parado. Segue a produção do RFID, que é o chip para tags e para o setor automotivo. São investidos R\$ 220 milhões em recursos da Finep para a retomada da estrutura que ficou parada por três anos.

TRÂNSITO NÃO É TREND!

É vida real, sem edição.

SINCODIV RS
educa

Trânsito Consciente, Vida Preservada.

Um segundo no celular pode custar uma vida inteira.



INOVAÇÃO

Um laboratório para traçar os rumos na IA



Segundo laboratório de design da empresa nas Américas foi inaugurado neste ano no Instituto Caldeira

Dell Technologies mantém no RS um polo estratégico em suas atividades de pesquisa e inovação

Eduardo Torres

Entender como a inteligência artificial pode tornar experiências digitais mais intuitivas, eficientes e naturais para os usuários é o principal desafio colocado pela Dell Technologies ao seu novo laboratório de design e Inteligência Artificial (IA), inaugurado neste ano no Instituto Caldeira, reforçando o papel da região como impulsionadora de inovação em escala global.

"Porto Alegre e a região têm uma combinação única de talentos, universidades, centros de pesquisa e um ecossistema de inovação que vem se fortalecendo ao longo dos anos. Foram fatores preponderantes para que a empresa criasse na cidade um laboratório de relevância estratégica na agenda global de inovação da Dell. Será um ambiente para pesquisa aplicada, experimentação e desenvolvimento de novas experiências digitais que poderão influenciar soluções da Dell em escala global", define o gerente sênior de design de produtos da Dell Technologies, Lucas Cargnin.

Este é o segundo laboratório de design da empresa nas Américas, e o primeiro a integrar design e inteligência artificial. A multinacional, que originalmente chegou ao Estado para a fabricação de computadores, hoje mantém aqui um dos polos estratégicos nas suas atividades de pesquisa e inovação. "O laboratório é uma evolução natural dessa estratégia, especialmente na aplicação de IA em experiências digitais e motion design" diz Cargnin.

O trabalho do laboratório, alinhado às prioridades globais da Dell, em relação à IA, deve avançar na aplicação de interfaces, visualização de informações, automação de processos criativos e novas formas de interação entre pessoas e tecnologia, seguindo tendências como a IA multimodal, que combina texto, imagem, áudio e vídeo; adoção de agentes de IA; personalização de experiências digitais; e uso de IA para apoiar processos de criação e tomada de decisões.

A definição do Caldeira para receber o novo laboratório não foi ao acaso. Como diz o executivo, mesmo que a prioridade da estrutura seja desenvolver inovação dentro das estratégias da empresa, a colaboração e experimentação terão campo aberto.

"Muitas vezes, em inovação, os principais resultados surgem dessa experimentação, e o talento brasileiro já tem ajudado a criar, testar e executar soluções que poderão ser usadas globalmente. Em Porto Alegre, essa inovação acontece em rede e de maneira acelerada pela reunião de atores importantes, desde instituições acadêmicas reconhecidas, empresas de base tecnológica, parques científicos, centros de pesquisa e ambientes colaborativos, como o Caldeira. Este é um ambiente fundamental para garantir investimentos como o da Dell nessa região", avalia Cargnin.

Caberá ao Instituto Eldorado, um parceiro que já atua com a própria Dell em pesquisas no ambiente do Tecnopuc, a condução técnica das pesquisas, com a perspectiva de reunir 40 profissionais entre especialistas e pesquisadores. Atualmente, já são mais de 20 atuando na nova estrutura.

"Nosso papel é a execução de design e inteligência artificial, desde o design industrial, ferramentas de software e indicação de tendências

nestes ambientes. Já que a IA é uma realidade, precisamos olhar para o escritório do futuro. Criamos soluções para o profissional do futuro lidar com isso", explica o head de operações da unidade Rio Grande do Sul do Instituto Eldorado, Valneis Signor Júnior.

O instituto é um exemplo de como o ecossistema de inovação da região tem atraído as atenções do Brasil e do mundo. Criado há 27 anos em Campinas como uma forma de atender a uma demanda da Motorola, o Instituto Eldorado avançou e hoje tem quatro unidades no Brasil. A unidade gaúcha opera no Tecnopuc e conta com 150 pessoas rodando, atualmente, em torno de 30 projetos diferentes.

"O Rio Grande do Sul tem um ambiente muito rico em indústrias de diferentes setores. Era muito importante estarmos próximos das indústrias, desenvolvendo soluções e aproveitando esse ambiente muito fértil de formação de mão de obra que encontramos nas universidades locais", comenta.

Entre os projetos desenvolvidos no Tecnopuc está o Apple Academy, que trabalha na capacitação de novos talentos em inovação. Com o Instituto Itaú, por exemplo, o Eldorado desenvolve a criptografia pós-quântica, com a pesquisa sobre os algoritmos do futuro, em computadores pós-quânticos.

Somente entre os dois maiores parques tecnológicos da região – Tecnopuc e Tecnosinos –, são 440 empresas instaladas e desenvolvendo inovação. No Instituto Caldeira, são 130 empresas com laboratórios de inovação e escritórios instalados. Em abril, o Caldeira inaugurou seu segundo prédio, na região do 4º Distrito. Somadas, as duas unidades têm 55 mil metros quadrados.

Atração de data centers segue em alta

Um novo player no cenário dos data centers da região tem perspectiva de entrar em operação ainda em 2026 na Zona Norte de Porto Alegre, entre os bairros Sarandí e Rubem Berta. Trata-se do projeto levado adiante pela Tecto Data Centers, que chegará, após algumas etapas de desenvolvimento, a R\$ 700 milhões em investimentos.

Nesta primeira etapa, a empresa pretende entregar o TPOA1, com capacidade de três megawatts (MW) e aporte de R\$ 200 milhões. O projeto completo chegará a 20 MW de capacidade, em um terreno de 33 mil metros quadrados.

Há alguns anos a empresa pretendia instalar seu novo data center na Capital, inicialmente no 4º Distrito. Plano que acabou abortado com a cheia de 2024. O objetivo da Tecto é atuar com infraestrutura de TI para organizações locais (servidores, redes e armazenamento).

A região já conta com 10 data centers, e o interesse do setor é crescente em virtude da conexão do cabo submarino Malbec até Porto Alegre, com conclusão prevista para 2027. A conexão interliga Rio de Janeiro a Fortaleza, Venezuela, Colômbia, Estados Unidos e Bermudas com uma infraestrutura de 26 mil quilômetros de cabos submarinos executados pela V.tal. A Tecto é

justamente a marca da divisão de data centers da empresa.

Um anel de fibra ótica vai passar pelos data centers da região. Entre eles, o megaempreendimento anunciado em 2024 em Eldorado do Sul pela Scala Data Centers, Scala AI City, que, no entanto, ainda avança a passos lentos, sem perspectiva de concretização.

A exigência da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) é de que projetos deste porte – são previstos 54 MW somente na primeira etapa do projeto – apresentem maiores garantias para acesso à rede de transmissão de energia, o que poderia onerar o projeto na cidade.

Ao todo, o Scala AI City é um projeto voltado à atuação em nuvem e Inteligência Artificial, com investimento na primeira etapa de até R\$ 3 bilhões. Entre 10 e 20 anos, a perspectiva é atingir uma capacidade de até 4,75 mil MW, energia suficiente para atender toda a atual demanda média do Rio Grande do Sul, com um investimento que poderia chegar a R\$ 500 bilhões.

Não à toa, é justamente o acesso à energia que tem sido polêmico e trava o avanço das licenças ao empreendimento. Até o momento, a Fepam sequer abriu formalmente o processo de licenciamento pela Scala em Eldorado do Sul.

Parques tecnológicos da região

- 📍 **Porto Alegre:** Tecnopuc, Zenit, CEI Ufrgs, Tecnosinos, Feevale Techpark, HCPATec, Instituto Caldeira, Cedra (em implantação)
- 📍 **Canoas:** Parque Canoas de Inovação, Ulbratech, La Salle Tech
- 📍 **Novo Hamburgo:** Feevale Techpark, Centro de Inovação Tecnológica (CIT), Incubadora Tecnológica Liberato (Itel), Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro e Calçado (IBTech)
- 📍 **São Leopoldo:** Tecnosinos, Unitec, Cedra
- 📍 **Gravataí:** Pradotech, Itec (em implantação)
- 📍 **Viamão:** IFRS Tecnoparque
- 📍 **Tramandaí:** Incubadora Germina
- 📍 **Guaíba:** Ulbratech, TKE Techhub, Aerociti (em implantação)
- 📍 **Campo Bom:** Feevale Techpark

Empresas de semicondutores e eletroeletrônicos

- 📍 **São Leopoldo:** HT Micron, SAP, Teikon
- 📍 **Porto Alegre:** Ceitec, Chipus (em implantação), Impinj, EnSilica
- 📍 **Cachoeirinha:** Tellescom (em implantação)
- 📍 **Gravataí:** WEG, Digicon
- 📍 **Canoas:** Prolec, Midea, Novus, Exatron, FKS
- 📍 **Guaíba:** TK Elevator

Data centers na região

- 📍 São 9 data centers operados ou projetados por 6 empresas em **Porto Alegre**
- 📍 **Campo Bom** tem um data center em operação
- 📍 **Eldorado do Sul** tem projetado o possível maior data center do Estado, o Scala AI City

LOGÍSTICA

Vale do Gravataí e dos condomínios logísticos



LOG CP/DIVULGAÇÃO/JC

Segundo condomínio logístico da Log CP, com 45 mil metros quadrados; empresa confirmou novo espaço

Duplicação da rodovia ERS-118 e proximidade com a Freeway favorecem negócios na região

Eduardo Torres

Uma nova onda de investimentos em condomínios logísticos cria uma rivalidade do bem, que tende a beneficiar a economia dos dois lados dos limites municipais entre Gravataí e Cachoeirinha. Ambos os municípios têm, na duplicação da rodovia ERS-118 e na proximidade da BR-290 (Freeway), além da vizinhança com Porto Alegre e com o Aeroporto Internacional Salgado Filho, trunfos para a atração de empreendimentos que têm redesenhado a logística de toda a Região Metropolitana.

Até este ano, porém, enquanto os vizinhos cada vez mais são protagonistas neste cenário, Cachoeirinha, mesmo com seu posicionamento geográfico privilegiado, não era, de fato, um destino para os condomínios vinculados ao e-commerce. Mas o jogo virou.

Parte da imensa área que já abrigou a fábrica da Souza Cruz no Distrito Industrial, ao lado da ERS-118, deverá dar lugar ao Parque Logístico Cachoeirinha, um grande complexo logístico anunciado pela paulista Guardian Gestora, que chegaria a 2 milhões de metros quadrados em seu ápice, podendo atingir R\$ 1 bilhão em investimentos em até 20 condomínios logísticos.

“É um empreendimento relevante, mas não de maneira isolada. Ele faz parte da estratégia de criarmos um ambiente favorável à expansão econômica de Cachoeirinha. O que acontece em Gravataí é um exemplo para nós”, diz o assessor especial da prefeitura, Cláudio Ávila.

O projeto avança nos processos de licenciamento e, de concreto até o momento, há a primeira fase – são previstos seis grandes lotes –, com obras previstas para iniciar neste mês, e investimento de R\$ 300 milhões para erguer o primeiro destes armazéns logísticos voltados ao mercado do e-commerce, que até então não tinha Cachoeirinha no radar.

O ambiente entre os vizinhos atraiu o 3SB para os dois lados dessa disputa. Em Gravataí, a empresa aporta R\$ 300 milhões para entregar no final deste ano um novo parque logístico com 100 mil metros quadrados de área construída no eixo da ERS-118.

Em Cachoeirinha, a empresa ainda trata um possível terceiro condomínio logístico a ser erguido na avenida Frederico Ritter como “um empreendimento de interesse da empresa”. No município, especula-se R\$ 200 milhões a serem desembolsados neste projeto nos mesmos moldes dos anteriores.

Até então, o 3SB estava instalado somente com um parque logístico em Nova Santa Rita, onde completou o seu masterplan em 2025, chegando a 14 empresas em operação – incluindo gigantes

como a Amazon, Lojas Colombo, Magalu e Pepsico.

Mesmo com pelo menos 20 centros logísticos em operação, Cachoeirinha, de fato, ainda não havia entrado nas disputas dos players do e-commerce. Agora, a tendência é de que o município aprenda com Gravataí a gerenciar – e garantir agilidade – à intensa concorrência no setor.

Além do parque logístico do 3SB, recentemente foi entregue o segundo condomínio logístico da LOG CP, também às margens da ERS-118, com todos os seus espaços, totalizando 45 mil metros quadrados, comercializados. Tamanho sucesso levou o gigante nacional a confirmar o seu projeto de construção do LOG CP III, com outros 90 mil metros quadrados, também na cidade e novamente no eixo da rodovia estadual duplicada.

Entre os dois empreendimentos, a LOG CP desembolsa R\$ 387 milhões em Gravataí. No começo do ano, outros R\$ 550 milhões já haviam sido anunciados em investimentos da Raizz Capital para um condomínio de 60 mil metros quadrados e da Brasco Logística, que também opera em Canoas, para uma área de 100 mil metros quadrados.

A perspectiva é de que até 2028 Gravataí, que é um dos principais polos deste novo setor da economia, vitaminado pelo varejo online nas proximidades de Porto Alegre, atinja 1 milhão de metros quadrados em área construída.

Nova Santa Rita é o lar dos gigantes do e-commerce

Se o eixo entre a ERS-118 e a Freeway avança com a entrada de Cachoeirinha no mapa dos grandes condomínios logísticos do e-commerce, Nova Santa Rita, no eixo da BR-386, com fácil acesso a BR-448 e à BR-116, não fica para trás. É no município, nos galpões do BRZ 386, da Barzel Properties, que a Shopee instalou neste ano, com investimento que chega a R\$ 200 milhões, o seu maior centro de distribuição no Rio Grande do Sul.

Diferente de outros pontos logísticos já instalados pela gigante de Singapura na própria Região Metropolitana, para cobrir a chamada “last mile”, desta vez, a estrutura que deve ter 100 mil metros quadrados será no modelo fulfillment, que atende a todas as etapas logísticas, do armazenamento até a entrega ao consumidor final. É somente a quarta estrutura nestes moldes da multinacional no Brasil, as outras ficam em São Paulo, Pernambuco e Goiás.

Conforme a empresa, o novo centro de distribuição tem capacidade para armazenar um milhão de itens e garantir entrega com redução de 50% do tempo.

Em toda a Região Metropolitana, hoje são 1,2 milhão de metros quadrados construídos em parques logísticos, e quase 100 mil em obras. Menos de 10% dessa área, em média, segue desocupada na região.

Com 291 mil metros quadrados construídos, Nova Santa Rita é hoje o município com maiores áreas destinadas a este setor, seguido por Gravataí, com 257 mil metros quadrados construídos, e Porto Alegre, com 211 mil metros quadrados. O maior índice de ocupação atual – chegando a 100% conforme informações do município – é

justamente Nova Santa Rita.

Não à toa, o município de 29 mil habitantes, antes da chegada da Shopee, já abrigava centros logísticos de outras gigantes, como a Amazon, no 3SB, e o Mercado Livre, no Condomínio Logístico Açorianos. São os três grandes condomínios logísticos que garantem hoje os números positivos do setor em Nova Santa Rita. E há espaço para ampliar esse horizonte.

No ano passado, o governo local sancionou a lei que instituiu o Programa Investe Nova Santa Rita, que estabelece isenção de impostos municipais e taxas, doação de áreas e capacitação de mão de obra para a logística.

A partir da alta demanda do município, a resposta em infraestrutura rodoviária também foi rápida. A concessionária Motiva ViaSul tem previsão de entrega em julho do primeiro de dois viadutos cruciais na BR-386 para eliminar um cruzamento na rodovia que cortava a cidade justamente na região onde os operadores logísticos ganham terreno. Uma obra bem distante de onde a concessionária concentra atenções em duplicação da rodovia, demonstrando a relevância econômica de Nova Santa Rita.

“É uma obra estrutural fundamental para atender a uma demanda crescente de tráfego local. O complexo vai garantir mais segurança, com os cruzamentos em outro nível em relação à rodovia, para quem mora em Nova Santa Rita e para quem opera a logística na região”, salienta o diretor da Motiva Viasul, Fernando Henrique de Marchi. O segundo viaduto deste complexo será entregue no fim do ano.

Cenário logístico da região

- A Região Metropolitana tem hoje 1,2 milhão de metros quadrados construídos e operando em condomínios logísticos, além de outros aproximadamente 100 mil metros quadrados em obras
- As maiores áreas estão em Nova Santa Rita, Gravataí e Porto Alegre
- Nova Santa Rita, São Leopoldo e Sapucaia do Sul têm 100% das suas áreas ocupadas
- A menor ocupação acontece em Guaíba, em torno de 50%, onde o Ellosul ainda executa seu plano de expansão

(FONTE: SDS PROPERTIES BINSWANGER)

INFRAESTRUTURA

Alvorada em obras para atrair novo eixo logístico

Administração municipal tem apresentado a cidade para investidores externos

Eduardo Torres

Um dos representantes locais presentes em uma missão gaúcha a Nova York em maio este ano era o prefeito de Alvorada, Douglas Martello. Nas suas mãos, ele levava um slogan para potenciais investidores: "Alvorada é hoje a melhor cidade para se investir na Região Metropolitana".

No município, com o menor PIB per capita da Região Metropolitana e um dos menores do Estado, somente no primeiro semestre deste ano foram criadas 2,5 mil novas empresas. "Digo sempre aos empresários que se interessam no nosso município: aponta em que fará o investimento que eu preparo a mão de obra", resume.

Foi assim com a Fundação Ciron, que investe R\$ 180 milhões e está em fase adiantada de obras para a sua nova planta industrial na cidade. O município organizou cursos de capacitação especialmente para o público jovem. A tentativa é de reverter o histórico da população – a sétima maior da macrorregião – que migra para trabalhar em Porto Alegre ou outras cidades da região.

A criação de um novo eixo de desenvolvimento pleno é o grande objetivo do prefeito. Em maio deste ano, o município deu início a um investimento superior a R\$ 40 milhões para revitalizar a avenida Presidente Getúlio Vargas, a principal da cidade, com prazo para finalização em 15 meses.

"Nosso grande objetivo é transformar a avenida, com melhor fluidez, valorização de imóveis e negócios e melhoria da imagem da cidade como atração para novos investimentos", comenta o prefeito.

Neste primeiro momento, as transformações estruturais estão concentradas na criação de 13 alças de acesso ao redor da avenida. Depois, serão 5,4 quilômetros de revitalização total, incluindo o calçamento, iluminação, novo mobiliário e mais de mil árvores a serem plantadas.

"Será um caminho funcional e bonito. A nossa estimativa é de que

a travessia terá o tempo reduzido de 14 para 6 minutos", aponta Martello.

Não há uma estimativa exata da valorização que deve resultar dessa revitalização, mas o governo local trabalha com exemplos próximos, como Gravataí e Cachoeirinha, que já fizeram intervenções em suas avenidas que ligam, pela via urbana, o tráfego com Porto Alegre, e a avaliação é de que os imóveis nas regiões tiveram entre 20% e 30% de valorização.

A avenida é encarada como uma espécie de vitrine para um novo corredor de desenvolvimento na Região Metropolitana. Um dos eixos para a instalação de novas empresas – e até mesmo a entrada no circuito dos condomínios logísticos – está na estrada Caminho do Meio, que teve, no início de junho, as obras de duplicação iniciadas no trecho de Viamão. São R\$ 138,5 milhões em investimentos estaduais nessa parte da via, com 11,4 quilômetros entre Porto Alegre e a ERS-040.

"O Caminho do Meio é um projeto estruturante, que integra municípios, melhora a mobilidade, aumenta a segurança e cria condições para atrair novos investimentos e gerar empregos. A vida das pessoas não respeita os limites entre os municípios: elas moram em uma cidade, trabalham em outra, estudam em outra. Por isso, é papel do Estado pensar soluções integradas para garantir mais qualidade de vida e desenvolvimento", disse o governador Eduardo Leite na ocasião do lançamento da obra, que prevê a implantação de novas pistas, canteiro central, ciclovias, passeios públicos, paradas de ônibus, sistema de iluminação e drenagem, ampliando a segurança de motoristas, ciclistas e pedestres, além de contribuir para o desenvolvimento urbano e econômico da região.

O projeto completo de transformação do Caminho do Meio, porém, chega a 23,08 quilômetros, com 4,38 quilômetros em Alvorada, contemplando a Estrada Frederico Dohl, e aí o investimento é de R\$ 44,2 milhões e o prazo de execução estimado em 15 meses. É aguardada a homologação da licitação já realizada para a execução da obra.

"É um ganho histórico para colocar este eixo entre Porto Alegre,



Somente no primeiro semestre deste ano foram criadas 2,5 mil novas empresas no município



Cidade irá investir R\$ 40 milhões na revitalização da avenida Presidente Getúlio Vargas

Alvorada e Viamão, definitivamente, no rumo do desenvolvimento. Hoje, esse trecho é uma região sem grandes oportunidades. Abre-se uma nova perspectiva. Estamos mirando em potenciais investimentos na nova economia, que alia tecnologia e serviços", explica o prefeito.

Alvorada ainda figura com um dos piores PIBs per capita da macrorregião e do Estado. Daí a importância de um plano local de desenvolvimento. Isso inclui, como explica o prefeito Douglas Martello, a redefinição de áreas como o distrito industrial que, no papel, tem ocupação, mas na prática, não se transformam historicamente em novas empresas que aproveitem a mão de obra local.

"Temos aproximado o diálogo com quem tem áreas no Distrito para compormos novos negócios nestes locais. A Gerdau, por exemplo, tem 400 hectares no Distrito de Alvorada. Queremos desenvolver com eles um projeto que garanta erguer algo ali e redesenhar a nossa área industrial. Temos nos movimentado intensamente para atração de investimentos", garante o prefeito.

Outros eixos logísticos da região

Trecho metropolitano da BR-116: a perspectiva do Dnit é entregar até o final do ano seis trechos concluídos das obras de melhorias da BR-116 entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos. Em 2027, serão outras três obras concluídas. Estão no conjunto de melhorias o viaduto de acesso à Freeway, próximo ao Aeroporto Salgado Filho, o alargamento do viaduto da avenida Inconfidência (Metrovel) e a ampliação do viaduto da Boqueirão, em Canoas, o alargamento do elevado da Refap, entre Canoas e Esteio, dois túneis em Novo Hamburgo, no bairro Primavera e na rua Pedro Álvares Cabral.

Nova ponte do Guaíba: há perspectiva do governo federal de retomar as obras na nova ponte do Guaíba em julho, a partir da homologação do processo de licitação. Serão erguidas quatro alças no lado leste, conectando a estrutura à Zona Norte da Capital, além das remoções de famílias em áreas atingidas pela obra. O investimento

previsto é de R\$ 525 milhões.

Bloco 1 de Rodovias: o leilão para a concessão do Bloco 1 de Rodovias, que inclui a duplicação do trecho da ERS-118 entre Alvorada e Viamão, além das ERSs-020, 115, 235, 239, 474 e 010, ainda não tem data para acontecer após a suspensão do processo de concessões pelo governo do Estado, com o esvaziamento do leilão do Bloco 2.

Estruturas contra cheias: O governo do Estado já investiu R\$ 267,5 milhões em Porto Alegre e outros R\$ 213,3 em Canoas em obras estruturais de proteção contra novas cheias. Entre elas, está o recém lançado pacote de obras no sistema de proteção da região do Aeroporto Salgado Filho, que recebe R\$ 48 milhões do Funrigs. Em Canoas e na Zona Norte da Capital, concentram-se as principais obras de recuperação e reforço de diques. Regiões como Eldorado do Sul e Alvorada ainda aguardam a liberação de recursos para importantes obras de contenção já planejadas.

AUTOMÓVEIS

Veículos colocam Guaíba na liderança das importações

Município da Região Metropolitana aparece como o terceiro maior exportador gaúcho e líder nas importações no RS

Eduardo Torres

Pouco evoluíram até agora as conversas entre o governo municipal de Guaíba e a Receita Federal para que o município seja sede de um novo posto aduaneiro no Rio Grande do Sul. A estrutura é considerada fundamental para consolidar ainda mais o papel de porta de entrada e saída da produção na Região Metropolitana. E os dados da balança comercial local justificam.

Enquanto Guaíba figura, conforme os números do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), como o terceiro maior exportador gaúcho entre janeiro e abril, mesmo com uma redução de mais de 8% nos valores negociados de celulose e

papel produzidos na CMPC com o Exterior, também é o município líder nos valores negociados em importações gaúchas. Quase 100% destes produtos são os veículos trazidos ao País a partir da estrutura em Guaíba, desde a Argentina, pela Toyota.

No primeiro quadrimestre de 2026, foram movimentados US\$ 581,6 milhões em entradas desses produtos, representando 7% a mais do que o movimentado no mesmo período de 2025 e 60% a mais do que os valores negociados em exportações no mesmo período.

A montadora asiática nacionaliza os modelos picape Hilux e o SUV SW4 em Guaíba. Desde 2024 o município também negocia um possível investimento da Toyota para ampliar a sua atuação local, com a ampliação da área de operação. Até o momento, porém, a multinacional não confirmou ampliação das suas operações, mesmo com os números positivos dos primeiros meses do

ano. Entre as condições deste investimento estaria a presença do posto aduaneiro local, que facilitaria os trâmites de entrada dos veículos para receberem peças locais e ingressarem no mercado brasileiro.

Os planos de Guaíba para consolidar seu papel na região incluem ainda a construção do arrojado Hub Logístico. Apresentado ano passado como um projeto público privado, em parceria entre o município e financiamento do Banco Asiático, com investimento de US\$ 70 milhões – R\$ 362,6 milhões – em uma estrutura voltada especialmente aos setores que já são vocação de Guaíba, como papel e celulose e aeroviário, além de saúde, máquinas agrícolas e bens de consumo.

Até agora, porém, de acordo com a prefeitura de Guaíba, não houve o aporte fundamental do banco para dar início à licitação e às obras, que deveriam iniciar neste ano para o início das operações em 2027.

Principais municípios exportadores da macrorregião (de janeiro a abril de 2026)

♥ Guaíba (3º do RS)

Movimentou US\$ 355,8 milhões, com redução de 6,1% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 86,3% em pastas químicas de madeira (celulose); 25,8% das exportações para a China

♥ Triunfo (4º do RS)

Movimentou US\$ 267,6 milhões, com redução de 18,8% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 97,8% em polímeros, borrachas e éteres; 15,3% das exportações para a Bélgica, 14,9% para Países Baixos e 14,2% para a Argentina

♥ Porto Alegre (6º do RS)

Movimentou US\$ 241,5 milhões, com redução de 2,3% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 40,1% em soja, 14,7% em carne bovina, 13% em malte; 25,5% das exportações para a China, 22,5% para o Irã

♥ Gravataí (10º do RS)

Movimentou US\$ 163,7 milhões, com redução de 9,6% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 57% em automóveis e partes de veículos; 36,9% das exportações para a Argentina

♥ Canoas (11º do RS)

Movimentou US\$ 139,3 milhões, com redução de 9,1% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 44,4% em transformadores elétricos, 28,8% em coque e óleos de petróleo; 50,9% das exportações para os Estados Unidos

♥ São Leopoldo (13º do RS)

Movimentou US\$ 104,4 milhões, com redução de 37,4% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 57% em ferramentas e equipamentos; 29,5% das exportações para os Estados Unidos, 14,2% para a China

♥ Sapiranga (17º do RS)

Movimentou US\$ 56,7 milhões, com crescimento de 13,2% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 92,1% em calçados de sola de borracha; 19,4% das exportações para El Salvador e 9,1% para Estados Unidos

♥ Novo Hamburgo (22º do RS)

Movimentou US\$ 46,7 milhões, com redução de 9,4% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 52,3% em calçados e partes de calçados

♥ Estância Velha (32º do RS)

Movimentou US\$ 31,2 milhões, com crescimento de 0,4% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 44,9% em couros e peles; 22,5% das exportações para a China

♥ Dois Irmãos (41º do RS)

Movimentou US\$ 25,3 milhões, com redução de 22,7% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 81,5% em calçados; 48,1% das exportações para os Estados Unidos

♥ Cachoeirinha (46º do RS)

Movimentou US\$ 21,6 milhões, com redução de 1,2% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 59,3% em máquinas e aparelhos; 23% das exportações para o México, 21,6% para a China

♥ Esteio (47º do RS)

Movimentou US\$ 21,2 milhões, com redução de 23,3% em relação ao primeiro quadrimestre de 2025; 31,6% em preparações de alimentos e rações, 29,2% em peptonas e materiais proteicos; 20,4% das exportações para os Países Baixos, 18% para a Argentina

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS – MDIC

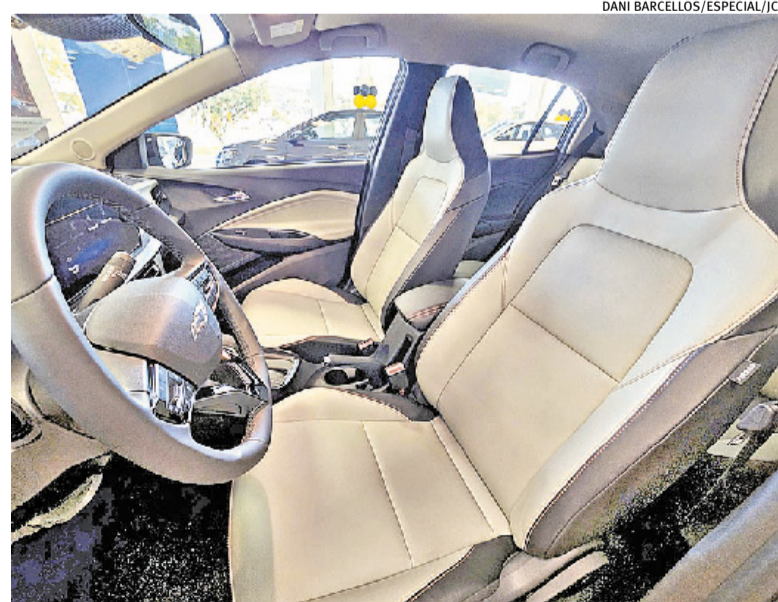
GM produz carro mais moderno e reciclável em Gravataí

O desenvolvimento do modelo Sonic, no pacote de R\$ 1,2 bilhão em investimentos da General Motors em Gravataí, lançado ao mercado neste ano, marca uma virada de jogo da montadora e a retomada dos índices positivos de vendas. Na produção da fábrica, a modernização possibilitou a produção de 63 veículos por hora em dois turnos, com a linha dividida entre o Sonic, Onix e Onix Plus.

Entre os diferenciais do novo modelo, considerado o SUV mais sustentável da GM no Brasil, está o desenvolvimento de peças e partes do veículo pensados na desmontagem. Até 95% dele é reciclável. Para a montagem, a indústria de Gravataí, considerada uma das mais modernas do mundo, foram desenvolvidos robôs com inteligência artificial que garantem mais precisão e menor

desperdício de materiais durante todas as fases da produção.

De acordo com a montadora, 80% das peças deste novo modelo foram desenvolvidas no Brasil, por 46 fornecedores, assim como a engenharia do novo carro, toda desenvolvida no País. Um fôlego e tanto não somente para a fábrica da GM, mas também aos sistemas que compõem o Complexo Automotivo de Gravataí.



GM Chevrolet Sonic foi lançado neste ano e é considerado o SUV mais sustentável da GM no País, com até 95% do modelo reciclável



DIVULGAÇÃO/GM/JC

ENERGIA

Biometano já abastece a indústria da região



TK ELEVATOR/DIVULGAÇÃO/JC

TK Elevator inaugurou em junho sua nova central de gás abastecida com biometano

Polo Petroquímico de Triunfo participa da transição energética nessa parte do RS

Eduardo Torres

Pode parecer contraditório, mas é a partir do Polo Petroquímico de Triunfo que a região dita o ritmo da transição energética do RS a partir do uso de biometano na produção industrial. A partir de janeiro deste ano, a Sulgás passou a injetar na sua rede o biometano produzido pela Bioo e sua usina em Triunfo, onde o gás renovável é produzido a partir de resíduos de agroindústrias próximas.

Diariamente, a parceria garante até 30 mil metros cúbicos de biometano no gasoduto, depois de um investimento de R\$ 6 milhões para a construção de novos quatro quilômetros de dutos e na adaptação do citygate de Triunfo. O material é fornecido para o próprio Polo, mas vai além na rede abastecida pela Sulgás, sob a forma de um blend de gás, misturado ao gás natural normalmente fornecido pela companhia.

“Estamos comprometidos com um futuro sustentável para o Rio Grande do Sul. A injeção de biometano na rede é um marco que conecta inovação, responsabilidade ambiental e desenvolvimento econômico para o Estado”, destacou no começo do ano o CEO da Sulgás, Marcelo Leite.

Um estudo técnico realizado pelo Instituto do Petróleo e dos Recursos Naturais da Pucrs (IPR/Pucrs)

confirmou a viabilidade da injeção do biometano na rede de gás natural, demonstrando que a mistura entre os dois é homogênea e segura, com variações mínimas nos parâmetros de qualidade.

A usina de biometano da Bioo começou a operar no final do ano passado, após um investimento de R\$ 200 milhões. E agora o modelo deve ser replicado no Norte do Estado.

A tendência à geração de biometano a partir de resíduos na Região Metropolitana como forma de descarbonizar a indústria não fica restrita à Bioo e à Sulgás. Na Braskem, por exemplo, o fornecimento de biometano, que já está substituindo parte do gás natural nos processos industriais locais, é feito pela Ultragaz, que compra o produto fornecido pela Companhia Riograndense de Valorização de Resíduos (CVRV), hoje gerado no aterro de Minas do Leão, na região Centro-Sul, a partir de resíduos urbanos.

A operação da Ultragaz no Polo Petroquímico tem capacidade de até 46 mil metros cúbicos por dia. Em breve, com previsão de início do uso comercial neste segundo semestre, o fornecimento do biometano pela CVRV também acontecerá a partir do aterro de São Leopoldo, que recebeu um investimento de R\$ 100 milhões. Somente no município do Vale do Sinos, haverá capacidade para produzir 100 mil metros cúbicos de gás por dia, mesma quantidade hoje produzida em Minas do Leão.

“O biometano é do Brasil para os brasileiros. Pode ser produzido em

qualquer lugar do País, o que lhe dá uma vantagem logística impressionante. Os aterros ainda são pouco explorados e é uma das alternativas, assim como os rejeitos da agropecuária e da indústria. No Rio Grande do Sul, temos todas essas alternativas que agora, a partir desses últimos três anos, e com as incertezas de preços internacionais, entram nessa zona de oportunidade. É competitivo no preço, na qualidade da energia e na capacidade de descarbonizar cadeias produtivas”, diz o diretor de gases renováveis da Ultragaz, Erik Trench.

Na Braskem, o gás renovável faz parte da estratégia de descarbonização, que inclui o aumento da eletrificação e do uso de combustíveis de baixo carbono até 2030. Situação semelhante à TK Elevator, que inaugurou em junho a sua nova central de gás, abastecida com biometano, para movimentar os equipamentos de pintura na linha de produção de elevadores. A iniciativa reduzirá em 95% as emissões da indústria de Guaíba.

“É um material que praticamente zera as emissões tanto na indústria quanto em frotas logísticas, por exemplo. A procura de clientes tem se concentrado entre essas duas áreas”, explica Trench.

Ao todo, a empresa contabiliza dez grandes contratos de fornecimento do novo gás. A frota que transporta hoje 100 mil metros cúbicos diários de biometano no Rio Grande do Sul e 750 mil metros cúbicos em todo o Brasil pela Ultragaz, por exemplo, é movimentada por este combustível.

Terminal em Canoas tem protagonismo na transição energética

Em abril deste ano, pela primeira vez um navio carregado com BioGL – gás liquefeito obtido a partir de óleos vegetais e resíduos orgânicos – ingressou no canal de navegação que leva ao Terminal de Gás do Sul (Tergasul), em Canoas, para abastecer a rede de distribuição da Supergasbras e abrir caminho para a redução de emissões no consumo de gás também em residências.

“A carga marcou o início da introdução de GLP com atributo ambiental no mercado, em um projeto piloto que temos levado adiante a partir de Canoas. Do ponto de vista técnico, não há diferença de desempenho em relação ao GLP tradicional, já que o BioGL é um combustível “drop-in”, ou seja, pode ser utilizado na mesma infraestrutura, com eficiência equivalente”, explica a gerente de supply e biocombustíveis da Supergasbras, Priscila Maziero.

Trata-se de uma carga importada da Europa, a partir da produção da própria controladora da Supergasbras naquele continente, com cerca de 1,7 mil toneladas. O objetivo era testar a logística, a aceitação do mercado e os modelos de comercialização associados à descarbonização. Enquanto o GLP tradicional libera CO2 fóssil, o BioGL participa do ciclo natural da sua matéria-prima, ou seja, a queima dele libera o mesmo carbono absorvido durante o crescimento das plantas usadas na sua produção. Resulta em uma emissão zero de CO2.

Quem opta pelo BioGL, especialmente clientes corporativos, entra na cadeia de certificação ambiental internacional, que rastreia o caminho completo do combustível. E aí, ter Canoas como porta de entrada para o produto foi considerado estratégico. O Tergasul é o primeiro terminal brasileiro certificado pelo ISCC plus, que monitora toda a cadeia produtiva do BioGL. A Supergasbras tem no terminal, além do ponto de partida para a distribuição de gás no Sul do Brasil, 720 toneladas de gás armazenadas.

“É um ponto estratégico para a recepção do gás, além disso, a localização do terminal no Rio

Grande do Sul facilita o atendimento a regiões com demanda relevante e necessidade de complementar a oferta de gás”, resume Priscila.

É neste cenário que o BioGL pode ganhar terreno. Por ser um projeto piloto, novas importações dependem da evolução da demanda que, segundo a gerente, tem demonstrado continuidade e expansão. O sucesso deste projeto aumenta a relevância de um dos terminais das operações portuárias da Região Metropolitana.

“Operar em Canoas traz vantagens importantes, como o acesso hidroviário e a proximidade a mercados consumidores relevantes. Para a Supergasbras, é estratégico como ponto de transferência a partir de navios para a tancagem, de onde segue para a distribuição”, explica o diretor de Supply e Excelência Operacional, Cláudio Azevedo Santos.

Por outro lado, a operação, como aponta o diretor, apresenta desafios operacionais, como a limitação do canal de navegação e da capacidade operacional. De acordo com o diretor de operações da Portos RS, Bruno Almeida, o canal do rio Gravataí, que dá acesso ao Tergasul e às operações em Canoas é um dos quatro últimos a serem dragados ainda neste ano para a recuperação total do calado.

Mesmo antes dessa obra estrutural, o terminal de gás já foi diretamente beneficiado com um dos avanços nos canais de navegação da região neste ano: a liberação da navegação noturna. Segundo Almeida, desde a liberação pela Marinha, pelo menos uma grande carga já chegou ao Tergasul.

“É uma operação que garante um ganho de dois dias na navegação interna. Representa ganho de eficiência e competitividade. Desde a liberação, já foram três viagens até a Região Metropolitana. Existia uma lei estadual que limitava a circulação de cargas perigosas pelos canais no período noturno, essa lei caiu em 2026, mas faltava infraestrutura nos canais e na sinalização náutica para garantirmos a liberação da Marinha”, comenta o diretor.

Mapa da transição energética

- **São Leopoldo e Triunfo:** a partir de resíduos urbanos e de agroindústrias, usinas produzem biometano
- **Canoas:** Terminal Tergasul centraliza a importação do BioGL, que pode levar às residências a mudança energética no consumo de gás
- **Litoral Norte e Viamão:** concentram atuais parques eólicos e têm projetos para geração de energia limpa a partir do vento em fase de licenciamento

INDÚSTRIA

Tecnologia torna maquinário adaptável aos terrenos gaúchos

Nova planta de pulverizadores da John Deere em Canoas recebeu investimento de R\$ 42 milhões

Eduardo Torres

Em Canoas, a John Deere inaugurou neste ano a sua nova fábrica de pulverizadores, finalizando um investimento de R\$ 42 milhões entre infraestrutura e aplicação de tecnologia. A unidade renovada produzirá a partir de agosto

especialmente o modelo 1025E, que tem tecnologia desenvolvida localmente. O investimento marca também uma mudança estratégica da empresa, que assume a marca John Deere no parque industrial da Região Metropolitana, anteriormente com a marca PLA. Todos os equipamentos da antiga marca tiveram a produção finalizada.

De acordo com a empresa, os 12 mil metros quadrados de área coberta no terreno de 30 mil metros quadrados estão adaptados a uma indústria modernizada, que inclui um sistema de tecnologias

avançadas como inteligência artificial, robótica e internet das coisas.

“O investimento em Canoas reflete a confiança da empresa no crescimento contínuo do setor agrícola brasileiro. Temos consolidado investimentos que combinam capacidade de produção com desenvolvimento de soluções avançadas”, diz o vice-presidente de manufatura da John Deere para a América do Sul, Joaquin Fernandez.

No caso do novo pulverizador 1025E, a solução é considerada

Montadoras e metalúrgicas da região

- Gravataí: General Motors, Prometeon, Panatlântica, Mundial
- Canoas: AGCO, John Deere, Dongwon Brasil, Forjasul
- Sapucaia do Sul: Gerdau
- Guaíba: Toyota
- Glorinha: Acelor Mittal
- São Leopoldo: Taurus, Stihl
- Alvorada: Inep, Fundação Ciron
- Dois Irmãos: Mahindra

simples e versátil. Atende culturas como da soja, milho, cana e outras.

“Mesmo em solos íngremes e irregulares, garante uniformidade

na pulverização, com os dados na palma da mão para trabalhar com inteligência e assertividade”, complementa o dirigente.

Avança nova fábrica da Mahindra

A adaptação ao terreno, com o desenvolvimento de tratores mais estreitos também é característica da indiana Mahindra, que iniciou no começo deste ano as obras da sua nova planta industrial em Dois Irmãos, também no Vale do Sinos, com aporte de R\$ 100 milhões ao longo de cinco anos. A produção deve iniciar em abril de 2027 neste novo espaço de 42 mil metros quadrados, contabilizando R\$ 55 milhões desembolsados nessa primeira etapa do projeto, antes de uma futura expansão de outros 24 mil metros quadrados.

A nova indústria substituirá a já

existente no mesmo município. Ao todo, serão produzidos na nova fábrica nove mil tratores por ano. De acordo com o CEO da Mahindra, Jak Toretta Júnior, o investimento no Vale do Sinos é estratégico para a empresa atingir dois dígitos de participação no mercado brasileiro nos próximos cinco anos.

A prioridade da Mahindra está na agricultura familiar, com máquinas versáteis e com potência entre 25 e 110 cavalos. Em Dois irmãos, há, por exemplo, o desenvolvimento de uma linha própria para esse tipo de lavoura no Brasil.



MAHINDRA/DIVULGAÇÃO/JC

Prioridade está na produção de equipamentos para agricultura familiar

Um polo para fabricar aviões e desenvolver tecnologia

Está mantido o cronograma e a expectativa da Aeromot de, no final de 2027, ter em operação em Guaíba a sua fábrica de aviões, com um investimento de R\$ 100 milhões, referentes à primeira fase do arrojado projeto de ter na cidade da Região Metropolitana o chamado

Aerociti.

“Nesta primeira fase, nossa ideia é entregarmos a fábrica que vai produzir o modelo DA62, a pista de pouso e a rua principal do complexo, entre a BR-116 e a Estrada do Conde. A partir de 2028, o plano é expandirmos para os hangares, o

terminal executivo e a praça, além de trazeremos para Guaíba a pesquisa e desenvolvimento de laboratórios”, comenta o CEO da Aeromot, Guilherme Cunha.

Do ponto de vista industrial, a seguir o cronograma da empresa, que atualmente trabalha

na terraplanagem da área que há alguns anos receberia a Ford, em 2030 a estrutura chegará a um dos seus pontos diferenciais, com o possível início da produção do chamado NIX, a aeronave movida a etanol, atualmente em fase de desenvolvimento.

A tendência de agregar produção industrial com desenvolvimento de tecnologia, que é uma característica dos recentes investimentos das indústrias pesadas da Macrorregião, terá, no complexo liderado pela Aeromot a colocação do Rio Grande do Sul na vanguarda da formação de engenheiros e especialistas em aviação a partir de uma parceria já firmada com o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), a partir de uma plataforma que unifica São José dos Campos, Belo Horizonte e Porto Alegre/Guaíba. Com o Aerociti já estabelecido, existirá o Aeromot Technology Center.

“Neste primeiro momento, já a partir do início de 2027, teremos a primeira turma de 35 alunos em um programa de especialização em Engenharia Aeronáutica, no módulo híbrido, com parte do curso online e parte nas três sedes definidas neste programa. Abriremos, inclusive, um edital para alunos de fora do ITA”, explica Cunha.

Já na primeira fase do projeto, que injetará até R\$ 3 bilhões em investimentos em Guaíba em dez anos, a estrutura terá auditórios que servirão à formação de pilotos e engenheiros.

Com o avanço do Aerociti, já há um protocolo de intenções firmado com o governo do Estado para incentivar a formação de jovens e atrair empresas para o hub aeronáutico, inclusive com a distribuição de bolsas de estudo, à exemplo do que já acontece em programas estaduais como o de semicondutores.



AEROCITI/DIVULGAÇÃO/JC

Projeto está na fase de terraplanagem e deve receber R\$ 3 bilhões em investimento

AGRO

Agricultura familiar impulsiona economia de Lomba Grande

Produtores da região se organizam há 37 anos

Ana Esteves

Um bairro de Novo Hamburgo tem se destacado como polo produtivo para agricultores familiares. Das cachaçarias à culinária típica alemã, passando pelo turismo rural e pelos produtos naturais e orgânicos, Lomba Grande virou febre. Assim, atrai não só moradores da região, em busca dos produtos coloniais nas feiras realizadas na região, mas também turistas, que aproveitam a proximidade de Porto Alegre e outros municípios da Região Metropolitana, para curtir momentos em meio à natureza.

A presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Vale dos Sinos, Maria Daniela Ronnau, diz que a região virou referência pela presença das agroindústrias familiares e dos sítios de turismo. "Os produtos são bem diversificados, do iogurte e leite orgânico às hortas, passando pela pecuária de corte. Temos iniciativas em turismo rural também, que têm crescido muito, tipo os 'colha e pague'", afirma.

A organização dos produtores da região começou há 37 anos e não parou mais. Hoje as produções são

comercializadas em feiras na região e fora dela também, pelo aumento da procura por segurança alimentar e produtos saudáveis, em especial dos orgânicos. "As pessoas estão mais preocupadas em consumir mais saudável, investir em alimentos naturais e orgânicos, ao invés de ter que investir em remédios", diz a proprietária da agroindústria Sítio Amigos da Terra, Denise Bárbaro da Rosa, que tem uma produção 100% orgânica e integral, com pães, cucas e laticínios.

A dirigente destaca o crescimento da produção agroecológica e orgânica, pois embora nem todos os agricultores possuam certificação formal, muitos adotam práticas sustentáveis, reduzindo o uso de defensivos químicos e priorizando técnicas de manejo mais equilibradas. "A preocupação com a qualidade dos alimentos acompanha uma tendência crescente de consumo consciente e busca por produtos mais saudáveis", diz Daniela.

Foi de olho nesse nicho de mercado que Denise se mudou para o bairro, há 30 anos, para iniciar a produção leiteira que depois resultou na manufatura de iogurtes, para depois criar a padaria. Hoje o negócio cresceu e Denise participa de feiras de produtos orgânicos em Porto Alegre e em municípios da região Metropolitana. "A Lomba tem



Agroindústria Sítio Amigos da Terra tem produção 100% orgânica e integral

uma produção rica e muito farta. Esperamos cada vez mais valorização dessa produção e um crescimento. E hoje contamos com algumas frentes como o fornecimento para a merenda escolar e a venda para hospitais", diz Denise.

A proximidade de outras cidades representa uma vantagem competitiva importante: localizada entre municípios como São Leopoldo, Campo Bom, Sapiranga, Gravataí e Taquara, a Lomba Grande permite acesso facilitado aos mercados consumidores. Ao mesmo tempo, os produtores enfrentam desafios cada vez maiores diante da expansão dos atacarejos e grandes redes varejistas, que conseguem oferecer produtos a preços muitas vezes inferiores aos praticados pelos agricultores familiares.

"Essa concorrência pressiona a rentabilidade das pequenas propriedades e dificulta a valorização

de sistemas produtivos mais sustentáveis, que exigem maior dedicação e custos de produção mais elevados. Ainda assim, a organização coletiva, as feiras e as agroindústrias têm sido fundamentais para garantir a permanência das famílias na atividade", diz Daniela.

A dirigente conta que na Lomba se observa o processo de sucessão rural de forma mais "tranquila e ao natural", diferentemente de outras regiões rurais do Estado, mais distantes dos centros urbanos. Ali, muitas famílias estão na terceira geração de agricultores que se mantém na terra, mantendo a tradição e a qualidade dos produtos. "Observamos os jovens imprimindo novas tecnologias no processo produtivo", diz Daniela.

Nos últimos anos, outro movimento vem chamando atenção: o retorno dos jovens ao meio rural. Incentivados por cursos técnicos,

gradações ligadas ao agronegócio e pelo avanço das tecnologias aplicadas à agricultura, muitos filhos de agricultores passaram a enxergar novas oportunidades no campo. O resultado é uma renovação gradual das propriedades, com adoção de técnicas mais modernas e foco em produtividade, sustentabilidade e agregação de valor.

Além da produção agrícola, a região também investe no turismo rural com o projeto Caminhos de Lomba Grande, que reúne empreendimentos ligados à gastronomia, lazer, agroindústrias e experiências no campo, ampliando as oportunidades econômicas para as famílias rurais e fortalecendo a identidade local. "A agricultura familiar produz alimentos ao mesmo tempo em que preserva o patrimônio cultural e mantém viva uma tradição que atravessa gerações no Vale dos Sinos", diz Daniela.

Cachaçaria promove experiência imersiva do plantio da cana ao envase da bebida

A possibilidade de acompanhar todo o processo produtivo da cachaça, do plantio nos canaviais, passando pelo envelhecimento e pelo envase, tem atraído muitos turistas para conhecer a cachaçaria Invito, de Lomba Grande. "O turismo é uma ótima opção para diversificação da renda e somos favorecidos pela proximidade de grandes centros como Porto Alegre e municípios do Vale dos Sinos e Paranhana", afirma o proprietário da cachaçaria, Guilherme Ferreira Thiesen.

As visitas são divididas em duas modalidades: acesso à loja, na qual o visitante poderá experimentar os produtos, ver os barris de envelhecimento e o canavial, e a visita sensorial guiada. "Explicamos cada

etapa da produção e ao final temos a experiência sensorial guiada, através de degustação, verificando as qualidades visuais, aromáticas e gustativas de nossos melhores rótulos", afirma Thiesen.

Do plantio da cana ao envelhecimento e envase de cachaças, licores e bebidas mistas, a cachaçaria Invito apostou nas terras férteis de Lomba Grande para investir no processo completo da bebida mais popular do Brasil.

"Nosso diferencial é a produção familiar em pequena escala. Do canavial até chegar na garrafa, todos os produtos são feitos na origem, na nossa propriedade. Então temos o critério em cada etapa da produção", afirma. Os licores são

feitos com as frutas, por maceração a frio, levando até seis meses para serem finalizados, o que garante mais sabor e aroma ao produto final. "Não utilizamos aditivos artificiais na composição", diz o produtor. O carro-chefe é o licor fino de ervas, eleito o melhor licor da Expointer 2025 e a cachaça amburana, pela suavidade.

A agroindústria familiar conta ainda com um diferencial em sustentabilidade ao trabalhar com o selo da logística reversa. Nela, cada garrafa vendida garante que outra garrafa seja reciclada. "O método é realizado através do crédito de reciclagem, uma parceria entre cooperativas de reciclagem, empresas gestoras e a Invito", explica Thiesen.



Família Thiesen está à frente do negócio em Novo Hamburgo

AGRO

Arroz gira a economia, mas preços preocupam



EDUARDO ROCHA/DIVULGAÇÃO/JC

Redução do consumo interno e maior entrada de grãos importados têm impactado nos valores

Resultados positivos nas lavouras têm como consequência maior acúmulo dos estoques

Ana Esteves

A cadeia produtiva do arroz segue como um dos pilares econômicos mais importantes de municípios do Litoral Norte e da região Metropolitana de Porto Alegre, que se dedicam ao cultivo e industrialização do cereal. Desses, Mostardas é o que aparece com a maior área plantada, 32,6 mil hectares, seguida por Viamão com 18,3 mil hectares e Palmares do Sul com 14,6 mil hectares. Dados do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) referentes à safra 2025/2026 também incluem Eldorado do Sul, com 11,7 mil hectares plantados.

É nesses municípios também que se concentram as maiores beneficiadoras do grão nas respectivas regiões. Na Planície Costeira Externa (PCE) que inclui municípios como Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Capivari do Sul, Palmares do Sul, Mostardas e Torres foram semeados 104,2 mil hectares, com produtividade média de 8.189 quilos por hectare. Já na Planície Costeira Interna (PCI), que inclui municípios como Tapes, Camaquã, Guaíba, General Câmara, São Lourenço do Sul e na região Metropolitana, com os municípios de Eldorado do Sul e Barra do Ribeiro, foram plantados 137,4 hectares, com produtividade média de 8.823 quilos por hectare.

Em relação à distribuição de beneficiamento nas regiões, dados de 2024 do Irga indicam que a PCE trabalhava com um total de 464.399 toneladas, volume que corresponde a 8% do total beneficiado no Estado. A PCI industrializava 1.128.510 toneladas, ou 20% do cereal gaúcho que

chega à indústria do Estado. No total, o Rio Grande do Sul industrializa em torno de 5.589.458 toneladas. "Essas regiões têm um papel importante na produção, não só pelo volume mas por diferenciais de qualidade e de produtividade, com um excelente grão inteiro. Além disso concentram indústrias relevantes que contam com a vantagem logística do escoamento dos produtos por via rodoviária para mercados do centro do País, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais", afirma o presidente do Sindicato da Indústria do Arroz do Rio Grande do Sul (Sindarroz), Dudu Nunes.

Os resultados positivos nas lavouras em produção e produtividade, graças ao melhoramento genético e à adoção de novas tecnologias, têm como consequência um maior acúmulo dos estoques de passagem, pressionando as cotações do cereal. Além disso, o setor atravessa um momento de pressão econômica pela redução do consumo interno e entrada de arroz proveniente de países do Mercosul, fatores que contribuem para a queda nos preços pagos ao produtor. "Em 2024, vendíamos o fardo a R\$ 158, hoje vendemos a R\$ 96, ou seja, 37% de redução, analisando a nossa área de atuação", afirma o presidente da Cooperativa Arrozera Palmares e da Associação dos Produtores de Arroz do Litoral Norte (Aproarroz), Virgílio Ruschel Braz.

Ao mesmo tempo, os custos de fertilizantes, combustíveis e financiamentos seguem elevados, reduzindo a margem de rentabilidade das lavouras, o que pode provocar uma redução de área plantada para a safra 2026/2027. "Projetamos uma diminuição mínima de 10% na área cultivada no próximo período. A expectativa é que parte dos produtores migre para outras culturas, como soja, ou pecuária, diminua os investimentos, buscando reduzir riscos financeiros",

diz Braz. Diante desse cenário, o setor aposta na ampliação das exportações como principal alternativa para reduzir estoques e recuperar o equilíbrio entre oferta e demanda. Atualmente, mercados da América Central figuram entre os principais destinos do arroz gaúcho. Braz afirma que a cooperativa conta com cerca de 170 produtores associados.

A diretora técnica do Irga, Flávia Tomita, diz que a região da PCI mantém participação significativa na produção estadual, "mesmo Porto Alegre ainda preserva pequenas áreas destinadas à orizicultura". Já a PCE, ligada ao Litoral Norte, apresenta características bastante particulares, pois a proximidade com o oceano e a influência da Lagoa dos Patos fazem com que fatores como salinidade tenham impacto direto sobre as lavouras. "Embora seja a menor regional em área semeada entre as seis divisões produtivas do estado, a região possui importância estratégica para o desenvolvimento tecnológico da cultura", observa Flávia.

No município de Morrinhos do Sul, o Irga mantém uma estação experimental dedicada ao monitoramento de doenças do arroz. O local é uma espécie de "viveiro de doenças", onde são testadas cultivares e linhagens em condições favoráveis ao surgimento da Brusone, principal doença da cultura. O trabalho permite identificar precocemente possíveis perdas de resistência genética e garantir que só variedades mais adaptadas cheguem ao mercado. Além disso, a região é referência em sistemas de cultivo pré-germinado e no monitoramento dos níveis de salinidade das águas usadas na irrigação. "Dependendo das condições climáticas e da influência das águas do mar, pode haver necessidade de interromper a irrigação para evitar danos às lavouras", explica a especialista.

Área de arroz semeada por município no RS

	Área (ha)	Região	Município
1	71.185	Fronteira Oeste	Uruguaiana
2	63.107	Zona Sul	Santa Vitória do Palmar
3	54.226	Fronteira Oeste	Itaqui
4	48.344	Fronteira Oeste	Alegrete
5	34.147	Campanha	Dom Pedrito
6	32.678	Planície da Costeira Externa	Mostardas
7	31.348	Planície da Costeira Interna	Camaquã
8	30.425	Zona Sul	Arroio Grande
9	28.910	Fronteira Oeste	São Borja
10	24.288	Depressão Central	Cachoeira do Sul
11	22.669	Fronteira Oeste	Barra do Quaraí
12	22.340	Campanha	São Gabriel
13	18.308	Planície da Costeira Externa	Viamão
14	18.283	Zona Sul	Rio Grande
15	18.200	Planície da Costeira Interna	Tapes
16	17.868	Fronteira Oeste	Maçambará
17	17.257	Zona Sul	Jaguarão
18	15.550	Campanha	Rosário do Sul
19	14.670	Planície da Costeira Externa	Palmares do Sul
20	14.100	Depressão Central	São Sepé
21	12.133	Planície da Costeira Interna	Barra do Ribeiro
22	11.973	Planície da Costeira Interna	Arambaré
23	11.792	Planície da Costeira Interna	Eldorado do Sul
24	11.442	Depressão Central	Restinga Sêca
25	10.949	Fronteira Oeste	Quaraí
26	10.769	Campanha	Cacequi
27	10.473	Planície da Costeira Externa	Sto Antônio da Patrulha
28	9.115	Campanha	São Vicente do Sul
29	8.987	Planície da Costeira Interna	São Lourenço do Sul
30	8.850	Depressão Central	Agudo

Distribuição do beneficiamento de arroz no RS*

Região	Total (ton.)	%
Fronteira Oeste	1.506.809,83	27%
Sul	1.238.730,09	22%
Planície Costeira Interna	1.128.510,63	20%
Central	809.217,04	14%
Planície Costeira Externa	464.399,09	8%
Campanha	441.792,09	8%
Total Geral	5.589.458,77	100%

Área semeada com arroz na safra 2024/2025

Região	Hectares semeados
Fronteira Oeste	286.629
Sul	168.071
Campanha	140.987
Planície Costeira Interna	140.476
Região Central	123.799
Planície Costeira Externa	106.334
Total	970.216 hectares semeados

Produção de arroz no Estado na safra 2024/2025

Região	Toneladas
Fronteira Oeste	2.710.736,49 milhões
Sul	1.562.149,73 milhões
Planície Costeira Interna	1.340.473,88 milhões
Campanha	1.248.161,96 milhões
Região central	1.038.859,98 milhões
Planície Costeira Externa	861.583,50 mil toneladas
Total	8.761.965,54

FORNE (DE TODOS OS DADOS): DIVISÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (DATER) DO INSTITUTO RIO GRANDENSE DO ARROZ (IRGA)

FRUTICULTURA

Cultivo de frutas se consolida no Litoral Norte

Condições climáticas e incorporação de novas tecnologias garantem produtividade

Ana Esteves

A produção de frutas desempenha papel estratégico na economia do Litoral Norte gaúcho, onde os cultivos de banana e de abacaxi se consolidaram como duas das principais atividades agrícolas. Municípios como Três Cachoeiras, Mampituba, Morrinhos do Sul e Terra de Areia concentram parte significativa da produção estadual, beneficiados por condições climáticas favoráveis e um sistema produtivo que vem incorporando novas tecnologias para garantir produtividade e produção sustentável.

A banana é a principal fruta cultivada na região, seguida pelo abacaxi, que também possui importância econômica para os produtores familiares locais. No caso da bananicultura, o cenário brasileiro reforça a relevância da atividade, já que o Brasil está entre os maiores produtores e consumidores mundiais da fruta. Praticamente toda a produção nacional é destinada ao mercado interno, responsável por absorver cerca de 99% do volume colhido.

No caso do Litoral Norte, a banana é principal cultivo, plantada em 10,6 mil hectares que representam mais de 90% dos 11,7 mil hectares totais com a fruta no Estado. A produtividade média gira em torno de 13,7 toneladas por hectare, resultado de avanços tecnológicos e de manejo que elevaram significativamente os índices nos últimos anos.

“O que produzimos não atende toda a demanda do Estado, apenas 60%, outros 40% vêm de fora. Temos apenas algumas experiências de exportação para outros estados de orgânicas, mas muito incipiente”, diz diretor técnico da Emater-RS/Ascar, Luís Bohn. O especialista destaca que, entre as variedades, predomina o cultivo da banana-prata, que representa cerca de 87% da área plantada, enquanto a banana-caturra aparece em menor escala, devido à maior vulnerabilidade ao vento e às condições climáticas do litoral.

O produtor de banana do município de Mampituba, Arnaldo Luís da Silva afirma que o mercado não



Banana é o principal cultivo da região, seguido do abacaxi

está muito favorável ao produtor, em função da “limitação dos preços”. Ele cultiva as variedades prata e caturra há mais de 15 anos, através do manejo convencional e beneficia as frutas com higienização e embalagem.

A produção de banana também faz parte da história da família da agricultora Rosana Selau, já que o cultivo iniciou com os pais dela, há mais de 50 anos e que hoje ela dá continuidade junto com o marido e os filhos. “É uma tradição na prata e na caturra. A grande vantagem é poder trabalhar em família com uma cultura que tem, que enfrentar um mercado cada vez mais exigente e preços que poderiam ser um pouco mais elevados ao produtor”, aponta.

Outro ponto de destaque é a forte presença da produção orgânica, impulsionada pela baixa incidência da Sigatoka Negra, a doença fúngica mais destrutiva da cultura da banana, causada pelo fungo *Pseudocercospora fijiensis*. Ela ataca as folhas da bananeira, causando manchas que evoluem para necroses generalizadas e

pode causar perdas de até 100% na produção.

“O Rio Grande do Sul tem um diferencial, pois a doença chega mas não consegue se desenvolver, assim conseguimos produzir orgânicas, enquanto boa parte do País não tem sucesso pela alção da doença”, explica Bohn. No Rio Grande do Sul, as condições climáticas também contribuem para minimizar a incidência de algumas doenças. As áreas produtoras localizadas próximas à Serra Geral apresentam temperaturas mais amenas e menor amplitude térmica, fatores que dificultam o desenvolvimento da Sigatoka Negra. Essa característica representa uma vantagem competitiva importante para os produtores gaúchos, especialmente aqueles voltados à produção orgânica.

Segundo o pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Hermínio Rocha, o programa de melhoramento genético desenvolvido desde a década de 1980 já disponibilizou ao setor variedades capazes de reduzir significativamente os impactos da Sigatoka Negra e Sigatoka Amarela, oferecendo maior segurança ao produtor e reduzindo a necessidade de intervenções químicas. Conforme dados da Emater, a região conta com cerca de 200 produtores de banana orgânica, embora parte deles também abasteça sistemas convencionais de comercialização. A resistência genética das novas variedades tem papel fundamental nesse processo. Além de reduzir custos de produção, permite ampliar sistemas de cultivo mais sustentáveis, alinhados à crescente demanda dos consumidores por alimentos produzidos com menor uso de defensivos agrícolas.

O abacaxi mais doce e popular do Rio Grande do Sul também vem do litoral Norte: é o município de Terra de Areia, no Litoral Norte do Estado, que dá sobrenome à fruta queridinha dos gaúchos e que ocupa cerca de 364 hectares cultivados. “O destaque absoluto é para a variedade Pérola, plantada em Terra de Areia, que concentra aproximadamente 340 hectares com a fruta e se consolidou como principal polo da cultura”, afirma Bohn. A produtividade média varia em torno de 20 a 30 toneladas por hectare, dependendo do manejo e das tecnologias adotadas. A produção é marcada por frutos menores e mais doces, fortemente

Produção de abacaxi no RS em 2025

Município	Área (ha)	Produtividade Média (t/ha)	Produção (t)	Unidades produtoras
Alpestre	0,19	30	5,7	4
Arroio do Sal	1	15	15	2
Crissiumal	1	10	10	3
Esperança do Sul	1,5	15	22,5	1
Forquetinha	0,5	7	3,5	1
Nova Petrópolis	1	12	12	1
Novo Machado	2	5,5	11	4
Portão	1,5	14,67	22	1
Porto Mauá	2	12	24	2
São Miguel das Missões	0,1	8	0,8	1
Terra de Areia	340	20	6800	130
Três Cachoeiras	12	7,5	90	4
Venâncio Aires	2	3	6	15
Área Total	364,79	-	-	-

Produção de banana no Litoral Norte em 2025

Município	Área Total (ha)	Produtividade (t/ha)	Produção (t)	Unidades produtivas
Morrinhos do Sul	3.000	15	45.000	500
Três Cachoeiras	2.800	14	39.200	540
Mampituba	2.100	11	23.100	450
Dom Pedro de Alcântara	820	22	18.040	190
Terra de Areia	888	9	7.992	150
Três Forquilhas	734	10	7.340	230
Maquiné	370	8	2.960	90
Itati	230	12	2.761	70
Torres	203	22	4.466	30
Osório	150	8	1.200	25
Santo Antônio da Patrulha	80	10	800	9
Totais no RS	11.375	141	152.859	2.284

FONTE (DE TODOS OS DADOS): EMATER-RS/ASCAR

associados à identidade local e ao consumo regional. O cultivo de maracujá também desponta na região próxima ao mar, com cerca de 255 hectares plantados em municípios como Torres, com 120 hectares, 1,6 mil toneladas colhidas ao ano e 74 unidades produtoras.

O segundo colocado em área é Mampituba com 70 hectares e 2,8 mil toneladas colhidas em 2025 por 42 unidades produtoras. Aproximadamente 95% da produção é destinada ao mercado paulista, especialmente para o abastecimento de centrais de distribuição como a CEAGESP, evidenciando a inserção da região em cadeias comerciais interestaduais. A pitaya também vem ampliando sua presença, ainda de forma pulverizada, com cerca

de 143 hectares distribuídos em diferentes municípios do Estado. No Litoral Norte, destacam-se Mampituba com 12 hectares, produção de 240 toneladas e 15 unidades produtoras, e Morrinhos do Sul com seis hectares de área cultivada, 90 toneladas de produção anual e seis unidades produtoras. Apesar do baixo volume em comparação a outras culturas, a fruta ganha espaço em mercados especializados e feiras.

Outro produto relevante é o açaí de juçara, de caráter majoritariamente extrativista, integrado a sistemas agroflorestais e à produção de banana orgânica. Embora sem dados consolidados de área, sua presença é reconhecida como parte da biodiversidade produtiva da região.

INDÚSTRIA

Depois da cheia, marcas voltaram mais fortes

Indústrias de alimentos conseguiram recuperação e ampliaram mercado

Eduardo Torres

Três dias antes da enchente, José Amarante, dono da empresa, não acreditava que, de alguma maneira, a água poderia chegar ou invadir a área de uma das mais tradicionais indústrias de alimentos de Porto Alegre, na rua Comendador Coruja, junto da avenida Voluntários da Pátria, no bairro Floresta. Até que só foi possível entrar de barco, com a água a 1,9 metro dentro da área de produção do tradicional salgadinho Pastelina. Poderia ser o fim de uma história de, até então, 74 anos. Foi quando o prestígio da marca junto ao público contrariou o cenário de terra arrasada. Dois anos depois, a Pastelina ampliou seu portfólio, é exportada e já dobrou a produção em relação ao período pré-cheia.

"Hoje, o nosso produto não fica mais do que quatro dias estocado. Nossa ideia é triplicarmos a produção em relação ao que tínhamos antes até o final deste ano, após toda a remodelação que fizemos da indústria", conta Amarante.

A destruição na fábrica virou notícia, e aí veio a surpresa. A reação do público consumidor da Pastelina nas redes sociais, inclusive com o varejo encomendando salgadinhos, mesmo com a fábrica ainda sem condições de entrega, foi o empurrão para a retomada, que não é isolada. No bairro Sarandi, por exemplo, a padaria atacadista Salga Alimentos, após investir na retomada depois de ser fortemente atingida pela cheia, registrou um crescimento nos resultados de 150%. Exemplo mais visível neste setor de alimentos e bebidas na Capital foi a revolução na indústria da Coca-Cola Femsa, hoje uma das mais modernas da empresa.

Na Pastelina, foram investidos



TÂNIA MEINERZ/JC

Fábrica da Pastelina, no bairro Floresta, na Capital, foi tomada pelas águas

R\$ 9 milhões para a retomada e renovação de maquinários, essencialmente, três embaladeiras, cilindros para preparação de massa, fritadeiras, esteiras e mais veículos para ampliar a distribuição. O parque industrial recebeu ainda R\$ 4 milhões em aportes para uma ampliação.

Até o final do ano, o parque industrial terá 1,5 mil metros quadrados. Um crescimento de 800 metros quadrados nesses dois últimos anos.

"Antes da enchente, já estava no nosso horizonte aumentarmos o mix de produtos, com novos sabores. Quando vimos a repercussão para a nossa retomada, passamos também a ouvir o consumidor na definição de novos sabores, e essa interação é uma marca da nossa renovação", explica o diretor da Pastelina.

Hoje, são cinco sabores nos mercados e, adianta Amarante, há outros três prontos para chegarem ao mercado. A produção chega a 800 mil pacotes de Pastelina por mês, chegando ao triplo dos números de 2024. Está também nos planos uma possível entrada no mercado de massas de pastel e lasanha.

O que não passa pela cabeça de José Amarante é deixar Porto Alegre, mesmo com o baque de dois anos atrás.

A importância do setor de bebidas e alimentos

- 5.010 indústrias de bebidas e alimentos entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos
- 760 (15,6%) foram diretamente atingidas pela cheia de 2024
- Em Canoas, 45% das indústrias do setor foram atingidas
- Em Porto Alegre, foram 14,8% das indústrias do setor atingidas

(FONTE: MAPA ÚNICO DO PLANO RS/GOVERNO DO ESTADO)

"Confiança de que não acontecerá de novo ainda não é possível ter, mas estar aqui é estar no centro consumidor do Estado, com uma logística muito facilitada para nós. Para a nossa marca, não tem como tirar a produção de Porto Alegre. Mas, é claro, o nosso produto tem chegado cada vez mais longe", comenta.

A estratégia da empresa é consolidar o prestígio que a fez superar a crise em novas regiões. Desde o interior do Rio Grande do Sul, com potencial de crescimento especialmente no Norte, até regiões como o litoral de Santa Catarina e a possível multiplicação de entrepostos logísticos no País. Isso porque em São Paulo, por exemplo, já há um mercado consolidado, com ideia de expansão para o interior paulista e o oeste paranaense.

Fora do Brasil, já é possível encontrar Pastelina nos Estados Unidos, Argentina e Uruguai. Além de negociações avançadas para exportações em Portugal e Angola.

Enxurrada atingiu 15% das empresas do setor

De acordo com o Mapa Único do Plano Rio Grande, do governo estadual gaúcho, 760, ou 15,6%, das indústrias de bebidas e alimentos das regiões Metropolitana e Vale do Sinos foram diretamente atingidas pela cheia. O dano mais significativo impactou as fábricas de Canoas, onde 207 das 467 estavam em áreas alagadas, representando quase 60% de todos os CNPJs afetados pela cheia na cidade.

Em Porto Alegre, onde opera a fabricante de alfajores Odara, 14,8% das indústrias do setor foram atingidas. No caso desta empresa, instalada atrás da Fiergs, no bairro Sarandi, foram R\$ 3 milhões em prejuízos. E o caminho foi o da retomada revigorada.

"Depois de vermos a água entrar mais de dois metros dentro da fábrica, dobramos a aposta. Em 2024, no comparativo com 2023, tivemos crescimento e temos mantido uma alta de 40% a 50% ao ano. Foi um evento que nos mostrou o quanto a marca era querida pelo público, então tratamos de investir nela, na marca e na infraestrutura", conta o sócio da Odara, Jeison Scheid.

A partir de um financiamento e com subsídios dos planos públicos de recuperação, a aquisição de maquinário e a retomada da produção se tornaram possíveis. Foram R\$ 3 milhões investidos desde então, e a manutenção, para este ano, de R\$ 2 milhões em investimentos.

"Foram mais de 3,5 mil CPFs diferentes que, pelo nosso site, compraram alfajores em maio de 2024, com a produção ainda parada, para entregas em agosto. Vimos que o comercial e o marketing teriam que ser braços

muito fortes na nossa retomada com diferenciais. Depois de dez anos trabalhando com três produtos nas nossas linhas, o leque de produtos adaptados a um novo perfil de consumidores, se abriu", diz o empresário.

Hoje é possível encontrar os alfajores da Odara no formato zero açúcar e zero lactose, por exemplo. Produtos que, em maio, já respondiam por 20% do faturamento. Para junho, a empresa projetava lançar um brownie e outros itens ainda em desenvolvimento. São fabricadas 15 mil unidades por hora e, em março, a Odara abriu o segundo turno de produção.

"O nosso processo de recuperação a partir da cheia nos fez valorizar ainda mais o que sempre procuramos vender junto com o produto. Não é só um alfajor bem recheado, é uma marca com valores saudáveis e positivos, com identidade junto ao nosso público", detalha Scheid.

Criada em 2013 em Garopaba, Santa Catarina, em 2014 a produção foi iniciada em Porto Alegre. Passaram por três sedes até a atual fábrica na zona norte da Capital. A Odara é hoje a maior empresa de alfajores do Brasil, mesmo que os verificadores de vendas do varejo classifiquem a empresa gaúcha como fabricante de pão de mel". Ainda não há a categoria alfajor.

Hoje, além do Rio Grande do Sul, os produtos chegam aos mercados do Sul, Sudeste e em estados como Bahia e Alagoas, no Nordeste, e a Brasília, no centro do País. Mais recentemente, a Odara firmou acordos com duas redes de varejo do Uruguai para a exportação do produto a um dos maiores públicos consumidores do alfajor.

ODARA/DIVULGAÇÃO/JC



Odara fica no bairro Sarandi e registrou R\$ 3 milhões em prejuízos

Os polos locais

- Pães, massas e bolos: Gravataí, Canoas, Alvorada, Cachoeirinha, Sapiranga
- Bebidas: Porto Alegre, Sapucaia do Sul, Viamão, Campo Bom
- Doces e Salgados: Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre, Sapucaia do Sul

(FONTE: MAPA ÚNICO DO PLANO RS/GOVERNO DO ESTADO)

INDÚSTRIA

Produção de calçados busca novos mercados

Empresas gaúchas estão em busca de mercados alternativos, para escapar do tarifaço dos EUA

Eduardo Torres

A macrorregião tem 12 municípios entre os 50 maiores exportadores gaúchos – em valores negociados com o Exterior – nos primeiros quatro meses do ano. Mas somente dois, Sapiranga e Dois Irmãos, apresentaram variação positiva nos números da balança comercial em relação ao mesmo período de 2025. Uma das explicações está na busca de uma das maiores produtoras de calçados do Rio Grande do Sul por mercados alternativos, não influenciados pelos sucessivos tarifaços norte-americanos.

A Calçados Beira Rio tem entre Sapiranga e Novo Hamburgo 35% da sua produção. E o destino de boa parte dela, nesses primeiros meses de 2026, foi El Salvador, na América Central. A empresa não divulga detalhes do contrato firmado com o governo local para o fornecimento de calçados aos estudantes locais, mas dados

do governo federal apontam que quase 20% de todas as exportações de Sapiranga, que teve um crescimento de 13,2% nas vendas de produtos para outros países, foram justamente para este país.

Diferente de outras indústrias calçadistas da região, no Vale do Sinos a Beira Rio não trabalha com o couro. O diferencial está nos produtos com solado em borracha – correspondem a 92% das exportações do município de Sapiranga e pouco mais de 35% de Novo Hamburgo –, que primam pela sustentabilidade.

“Temos trabalhado muito com a evolução dos sapatos considerados mais confortáveis, especialmente na linha Attivita. Temos utilizado o EVU 100% reaproveitado ao longo da cadeia produtiva para a produção do solado. Isso garante sustentabilidade e agrega valor ao produto”, explica o diretor industrial da Beira Rio, João Heinrich.

Além da Attivita, a empresa produz no Vale do Sinos as linhas Moleka, Beira Rio e Molekinha. O mercado nacional ainda é o principal destino dos calçados, mas a aproximação com potenciais novos clientes é uma constante. Hoje, a Beira Rio já exporta para 100 países.



CALÇADOS BEIRA RIO/DIVULGAÇÃO/JC

Calçados Beira Rio ampliou as suas exportações para El Salvador, na América Central

“Temos trabalhado de maneira muito forte para estreitar parcerias com clientes em todas as regiões do Brasil e no Exterior”, resume Heinrich.

Informação não confirmada pela empresa dá conta de que o

primeiro contrato com o governo salvadorenho garante a exportação de um milhão de pares de tênis para os estudantes, em um contrato de US\$ 16 milhões. Até o final de abril, as empresas de Sapiranga já haviam negociado US\$ 11 milhões

com El Salvador, o dobro do negociado com os Estados Unidos e quase quatro vezes mais do que os valores vendidos à Europa. Um crescimento superior a 500% em relação ao mesmo período do ano passado.

Indústria do couro preparada para o mercado europeu

Para a indústria do couro, que responde por quase metade das exportações de Estância Velha, e, em alguns tipos de produtos chegou a registrar alta de 21% nas vendas ao Exterior nos primeiros quatro meses do ano, as atenções estão voltadas à Europa, a partir da confirmação do acordo comercial com o Mercosul. Hoje, China e Índia absorvem 34,5% das exportações de Estância Velha, enquanto os países europeus negociaram 15% dos valores vendidos pelas empresas locais entre janeiro e abril. Uma relação que, de acordo com o gestor de inteligência comercial do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), Rogério Cunha, tem potencial para se tornar mais equilibrada.

“O acordo com os europeus era um pleito que buscávamos há tempo. Hoje, o couro acabado ou semi acabado passa por diversos processos, com incidência de tarifas. A partir do acordo, já no primeiro ano, 80% das nossas exportações terão zero tarifa e, em quatro anos, serão incluídos outros grupos da produção de couros. Seremos mais competitivos naquele cenário em relação a outros países produtores, como a Índia, que

já firmaram acordos”, explica Cunha.

O mercado externo é o destino de 70% da produção de couros do Brasil. A estimativa é de que, anualmente, 40 milhões de bovinos resultam em peles e couros na indústria. No Rio Grande do Sul, as indústrias finalizam em torno de 9 milhões de couro acabado ou semi acabado anualmente. Atualmente, o RS exporta entre 17% e 18% para a Europa. Com a indústria modernizada, e já adaptada aos padrões dos clientes europeus, os gaúchos negociam o couro com mais de 80 países.

Mesmo que 75 dos 222 curtumes ativos no Brasil sejam gaúchos – 49 deles no Vale do Sinos –, a maior parte da matéria-prima vem de outros estados em virtude do rebanho bovino reduzido no Rio Grande do Sul. Com a abertura do mercado europeu, no entanto, há uma oportunidade de valorização do produto originário gaúcho.

“Enquanto 70% do rebanho brasileiro é de zebuínos, com pele branca, no Rio Grande do Sul é bem diferente, com a raça Angus e as britânicas, de pele escura. Essa pele escura do abate gaúcho é mais valorizada na produção do couro. Para a

produção calçadista, por exemplo, o couro precisa ser de muito boa qualidade, assim como para setores como o automotivo e de produção de bolsas”, comenta o dirigente.

Com um rebanho de 10 milhões de cabeças, com uma redução de 20% nos últimos 20 anos no campo, a indústria gaúcha abate 2 milhões de bovinos por ano. Muito abaixo da demanda do setor coureiro, que divide espaço cada vez mais crescente de indústrias especializadas no processamento de colágeno e gelatina.

“É um cenário que estamos acompanhando. Há valorização da proteína animal e uma tendência de retomada dos rebanhos. Hoje, os curtumes gaúchos reúnem o maior número de certificações de qualidade em nível ouro, que respondem por critérios ambientais e sociais, por isso, temos estreitado o diálogo com os frigoríficos para que se consiga cada vez mais padronizar a produção ao longo de toda a cadeia. Temos um potencial muito grande no Pampa Gaúcho que pode ser diferencial no mercado externo”, explica.

Nos últimos 40 anos, o País viu reduzir em mais de 70% o número de curtumes. Algo que, conforme

Dados dos setores

Setor calçadista

- 25% dos pares de calçados do Brasil são fabricados no Rio Grande do Sul
- 33% das exportações de calçados brasileiros são do Rio Grande do Sul
- Vale do Sinos produz 47,2%

Setor coureiro

- 33,7% dos curtumes brasileiros ficam no Rio Grande do Sul
- 65% deles (49 empresas)

Municípios que mais empregam

- Sapiranga (6º do Brasil/1º do RS): 8,6 mil trabalhadores
- Novo Hamburgo (8º do Brasil/2º do RS): 6,8 mil

dos pares de calçados gaúchos, o 3º polo brasileiro do calçado

- Vale do Sinos emprega 32 mil pessoas na indústria calçadista
- São 683 empresas do setor na região

atuam no Vale do Sinos

- Rio Grande do Sul produz 9 milhões de peças de couro/pele por ano

trabalhadores

- Campo Bom (13º do Brasil/4º do RS): 5,2 mil trabalhadores

(FONTE: ABICALÇADOS 2025, CICB)

Cunha, não representa retração, mas um filtro de qualidade. Ele garante que hoje a indústria brasileira é a mais preparada do mundo em termos de sustentabilidade. Um processo acelerado na década de 1990.

Agora, o caminho é o da rastreabilidade completa da cadeia produtiva, desde as primeiras etapas

da criação do gado até a finalização do couro. Algo que grandes grupos como Minerva e JBS já anteciparam e verticalizaram a cadeia, inclusive com a produção de couro. Em todo o Brasil, a partir de janeiro de 2027 começa a identificação dos rebanhos para serem rastreados, com a meta de encerrar o cadastro em 2032.

COMUNICAÇÃO

Mapa Econômico tem programa em podcast

Atração do Jornal do Comércio ganha segunda temporada com mais 10 episódios; entrevistas trazem lideranças de diferentes partes do Rio Grande do Sul

O projeto Mapa Econômico do RS faz um raio-x das atividades produtivas nas diferentes regiões do Estado. Além de eventos com lideranças empresariais em diversos municípios e a publicação de conteúdos especiais sobre a economia de cada parte do solo gaúcho, a iniciativa do Jornal do Comércio também tem um programa

em podcast, que ganhou sua segunda temporada. São 10 episódios em vídeo com duas lideranças de cada macrorregião do RS. Protagonistas da economia gaúcha aprofundam o debate sobre desafios e oportunidades. O podcast Mapa Econômico do RS pode ser assistido no Youtube do Jornal do Comércio ou no Spotify.



Programa apresentado pelo editor-chefe do JC, Guilherme Kolling, entrevista protagonistas da economia

Confira os episódios da segunda temporada

Episódio 7
DOUGLAS PRESTES UGGERI
Hospital de Clínicas Ijuí



Episódio 5
ALINE EGGERS
Fruki Bebidas



Macrorregião Central e Vales

Episódio 6
LUIZ MOTTA
Excelsior Alimentos



Episódio 3
ANA DORALINA
Mesa Brasileira de Pecuária Sustentável



Macrorregião Sul e Fronteira Oeste

Episódio 4
CRISTIANO KLINGER
Portos RS



Macrorregião Norte

Episódio 8
KIKO TURMINA
Instituto Aliança Empresarial



Macrorregião Serra

Episódio 1
NECO ARGENTA
Empresas Argenta



Episódio 2
UBIRATÃ REZLER
CIC Caxias do Sul

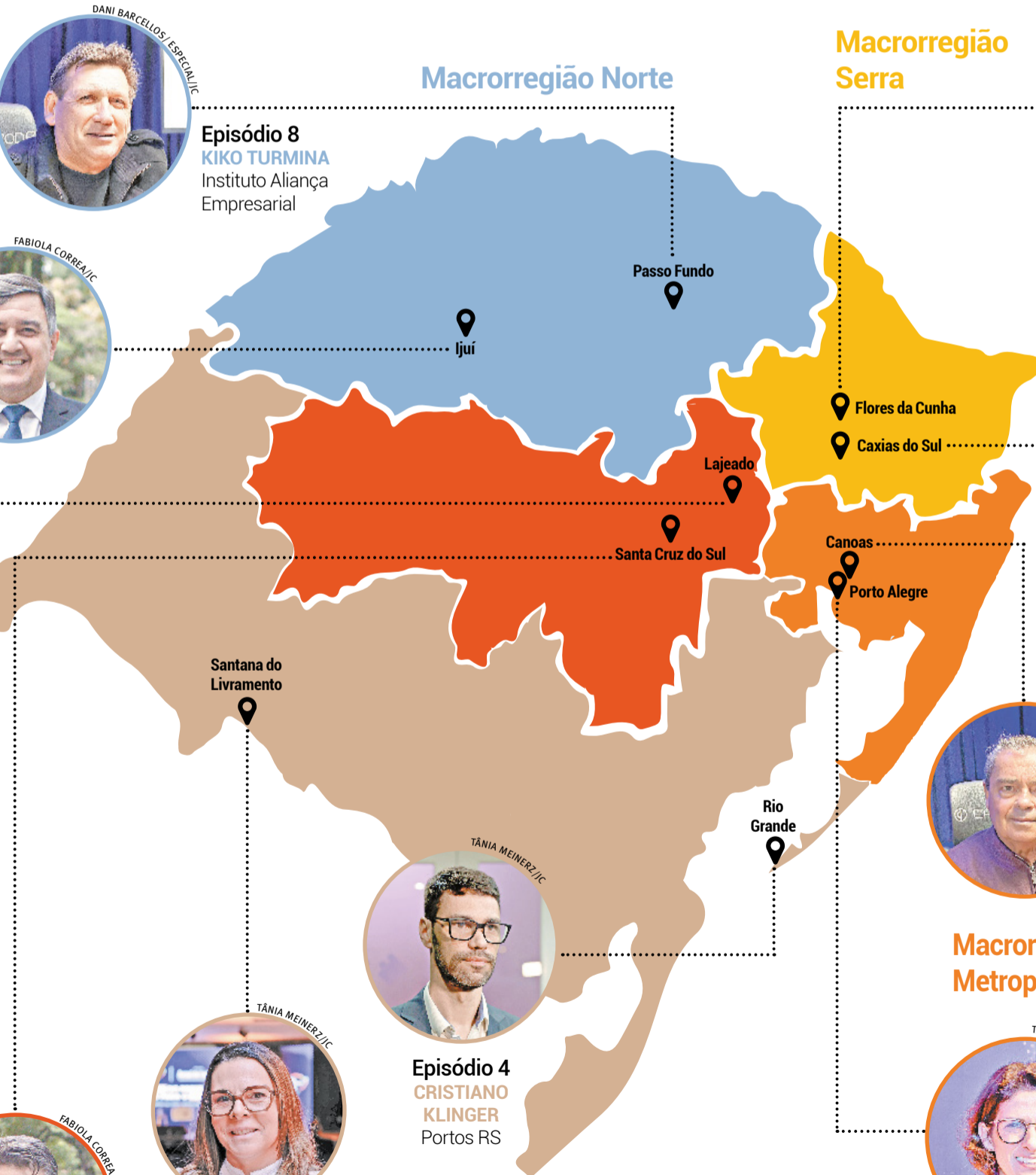
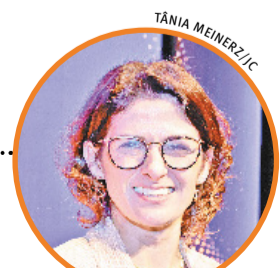


Macrorregião Metropolitana

Episódio 10
ADERBAL LIMA
Novus



Episódio 9
FLAVIA FIORIN
Tecnopuc



PAINEL

Mapa Econômico do RS reuniu lideranças para debate em Porto Alegre

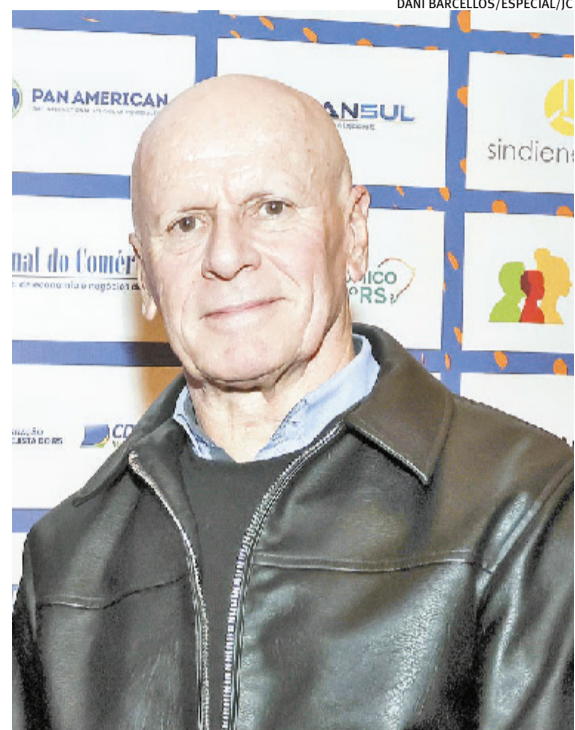
Encontro para discutir desafios e oportunidades ao desenvolvimento econômico da Macrorregião Metropolitana aconteceu no dia 18 de junho no Teatro CIEE-RS Banrisul, em Porto Alegre

TÂNIA MEINERZ/JC



Diretor-presidente do JC, Giovanni Jarros Tumelero

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Secretário de Comunicação do RS, Caio Tomazeli

TÂNIA MEINERZ/JC



Vice-presidente da Abras, Antônio Cesa Longo

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente da Fetransul, Francisco Cardoso

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente do Sindienergia RS, Daniela Cardeal

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente da Federação Varejista do RS, Ivonei Pioner

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Presidente da CDL Metropolitana, Marcos Carbone

FABIOLA CORREA/JC



Vice-presidente do Sincodiv-RS, Viviane Maglia

KARINE FREITAS/JC



CEO do Grupo Ável, Fernando Písa

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Cônsul-geral da Espanha no RS, Tomás Miquel Riba Núñez

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Vice-presidente da Agas, Jacinto da Luz Machado

TÂNIA MEINERZ/JC



CEO da Sponchiado, José Luiz Moreira

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente do Ilades, Marcino Fernandes Rodrigues Jr.

TÂNIA MEINERZ/JC



Secretário de Desenvolvimento de Veranópolis, João Augusto Fracasso, e o sócio da FFC Advocacia, Gabriel Siviero Dal Ponte

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente da Orchestra Soluções de Gestão, Telmo Schoeler

TÂNIA MEINERZ/JC



Advogado Telmo Aparício Silveira



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretora do Tecnopuc, Flavia Fiorin



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor-geral da Santa Casa, Jader Pires



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor-geral da CMPC no Brasil, Antonio Lacerda

Painelistas do evento que debateu a Macrorregião Metropolitana foram: Flavia Fiorin (Tecnopuc), Jader Pires (Santa Casa) e Antonio Lacerda (CMPC)



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor da Neugebauer, Rodrigo Vontobel



FABIOLA CORREA/JC

Sócio da DC Set e do Cais Embarcadero, Eugênio Correa



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor de relações institucionais da Pucrs, Solimar Amaro



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor da Lamb Construções, Julio Cesar Lamb



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Diretor comercial da Cyrela, Daniel Silva



TÂNIA MEINERZ/JC

Vice-presidente da ACPA, Carlos Fernandes



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente da Hidrovias RS, Wilen Manteli



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente da Afisvec, Eduardo Jaeger



TÂNIA MEINERZ/JC

Vice-presidente do Secovi-RS, Rafael Padoin Nenê



TÂNIA MEINERZ/JC

Secretária de Transparência de Porto Alegre, Mônica Leal



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente do Ibef, Eduardo Estima



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Diretor de inovação e mercado do Badesul, Elias Rigon



TÂNIA MEINERZ/JC

Vice-presidente da ADVB/RS, Gabriel Barboza



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Diretora da Kia Sun Motors, Juliana Furstenu



TÂNIA MEINERZ/JC

Jornalista e mentora, Fernanda Olliveira

TÂNIA MEINERZ/JC



Lideranças regionais participaram do painel Mapa Econômico do RS, que debateu desafios e oportunidades ao desenvolvimento da Macrorregião Metropolitana

TÂNIA MEINERZ/JC



Diretora de Projetos do JC, Stefania Jarros Tumelero

TÂNIA MEINERZ/JC



Diretor da DGE Soluções Renováveis, Guilherme Sari

TÂNIA MEINERZ/JC



Sócio da Fernandes Machado Business Law, Luciano Fernandes

TÂNIA MEINERZ/JC



Vereadora de Porto Alegre, Comandante Nádia Gerhard

TÂNIA MEINERZ/JC



Reitor da Universidade Feevale, José Paulo da Rosa

TÂNIA MEINERZ/JC



Consultor jurídico do Creci, Francisco Dormelles

TÂNIA MEINERZ/JC



Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (STICC), Gelson Santana, e o diretor do STICC, Vilmar Neves Junior

TÂNIA MEINERZ/JC



Gerente de com. e marketing da Santa Casa, Andréa Macagnan

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Vice-presidente técnica do CRCRS, Eliane Soares Neves

TÂNIA MEINERZ/JC



Diretor da Pamcary, Ernesto Lorenzoni

TÂNIA MEINERZ/JC



Advogada Denise Rosa, da DMR Advocacia

TÂNIA MEINERZ/JC



Gerente da Carmak Equipamentos, Giacomino Bottene

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Diretora executiva do Sincodiv-RS, Karen Cunha, e Jaqueline Scarssi, do marketing do Sincodiv-RS



TÂNIA MEINERZ/JC

Coquetel no Teatro CIEE-RS Banirsul, em Porto Alegre, reuniu convidados para troca de informações e confraternização após o evento Mapa Econômico do RS



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor do Senge-RS, Marco Kappel Ribeiro



TÂNIA MEINERZ/JC

Vice-presidente do Sescon-RS, Maurício Gatti



TÂNIA MEINERZ/JC

Vice-presidente do Sindilojas Porto Alegre, Tarcísio Pires Morais



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente da ACI NH, Campo Bom, Dois Irmãos e Ivoti, Robinson Klein



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente do Fórum Mulher Empreendedora Gaúcha, Tânia Cruz



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

CEO da Artioli Economist, Alini Artioli



TÂNIA MEINERZ/JC

Secretário adj. Desenvolvimento de Canoas, Deivid Marinho



TÂNIA MEINERZ/JC

Coord. do Programa Transformar de Tramandaí, Natália Franco Campos



FABIOLA CORREA/JC

Secretária adj. Desenvolvimento Econ. de Canoas, Michele Godoi



TÂNIA MEINERZ/JC

Diretor de Relações com o Mercado da E21, Samir Salimen



TÂNIA MEINERZ/JC

Equipe do Pan American School: Roberta Busato (analista), Bárbara de Oliveira Ribeiro (diretora), Shaysann Kaun (superintendente), Melanie Caffarate (coord. de Marketing), Poliana Pasa (consultora)



Diretor do Health Meeting Brasil, Gilmar Dalla Roza, e a gerente executiva da Sindihospa, Alessandra Dewes



REALIZAÇÃO

Jornal do Comércio

O jornal de economia e negócios do RS

INDICADORES DO PRESENTE TENDÊNCIAS PARA O FUTURO

Encerramos a edição de 2026 com a certeza de que construímos, juntos, um retrato atual e estratégico das transformações que impulsionam o desenvolvimento do nosso Estado.

Nosso agradecimento aos patrocinadores, parceiros, painelistas e cidades participantes, que contribuíram com conhecimento, experiência e visão de futuro para tornar este projeto possível.

Seguimos fortalecendo conexões, compartilhando inteligência e promovendo o desenvolvimento de forma integrada e colaborativa.

Obrigado por fazer parte desta construção.

Fiquem atentos que ainda esse ano teremos novidades sobre o Mapa Econômico.

Aguardem!



Escaneie o QR Code e veja as edições de 2026

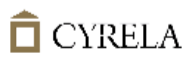


Entre em contato e saiba como participar do projeto

51 3213 1338

comercial@jornaldocomercio.com.br

PATROCÍNIO



APOIO



MEDIA PARTNER